



HOMERO VIANNA DE PAULA SOBRINHO

**AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS FINANCEIRAS E CAPITALISMO GLOBAL: UM
ESTUDO DE CASO DO DISPOSITIVO DE INFORMAÇÃO E
COMUNICAÇÃO DE INVESTIMENTOS**

**Dissertação de Mestrado
Março de 2015**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO - ECO
INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA - IBICT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - PPGCI

HOMERO VIANNA DE PAULA SOBRINHO

AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS FINANCEIRAS E CAPITALISMO GLOBAL: UM ESTUDO
DE CASO DO DISPOSITIVO DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO DE
INVESTIMENTOS

RIO DE JANEIRO

2015

HOMERO VIANNA DE PAULA SOBRINHO

**AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS FINANCEIRAS E CAPITALISMO GLOBAL: UM ESTUDO
DE CASO DO DISPOSITIVO DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO DE
INVESTIMENTOS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
programa de Pós-Graduação em Ciência
da Informação, convênio entre o Instituto
Brasileiro de Informação em Ciência e
Tecnologia e a Universidade Federal do
Rio de Janeiro / Escola de Comunicação,
como requisito parcial à obtenção do título
de Mestre em Ciência da Informação

Orientador: Giuseppe Mario Cocco

RIO DE JANEIRO

2015

P324 Paula Sobrinho, Homero Vianna de.
Agências de notícias financeiras e capitalismo global: um estudo de caso do dispositivo de informação e comunicação de investimentos / Homero Vianna de Paula Sobrinho. Rio de Janeiro, 2015.
150f.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação, 2015; Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação.

Orientador: Giuseppe Mario Cocco.

1. Agências de Notícias. 2. Investimentos – Dissertação – Serviços de Informação. 3. Ciência da Informação. 4. Comunicação – Aspectos econômicos. I. Cocco, Giuseppe Mario (Orientador). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação. III. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia IV. Agências de notícias financeiras e capitalismo global: um estudo de caso do dispositivo de informação e comunicação de investimentos.

CDD: 303.4833

HOMERO VIANNA DE PAULA SOBRINHO

AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS FINANCEIRAS E CAPITALISMO GLOBAL: um estudo de caso do dispositivo de informação e comunicação de investimentos

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro / Escola de Comunicação, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação

Aprovada em 31 de março de 2015.

Prof. Ph. Dr. Giuseppe Mario Cocco (Orientador)
PPGCI/IBICT – ECO/UFRJ

Profa. Dra. Sarita Albagli
PPGCI/IBICT – ECO/UFRJ

Prof. Dr. Marcelo Castañeda de Araujo
Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Em memória de
Nazareth, Pedro e Vizio

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa teve o apoio da bolsa CAPES de estudos de pós-graduação *stricto sensu*. Sou profundamente grato àqueles que demonstraram receptividade ao projeto em seu primeiro momento, ao Prof. Dr. Elton Antunes do Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, à Profa. Dra. Jacqueline Leta e à Profa. Dra. Rosali de Souza, ambas do PPGCI-IBICT. Agradeço também a toda equipe do PPGCI-IBICT (Rio) no Campus da UFRJ-Praia Vermelha pela hospitalidade e atenção. Sou também grato pelas lições valiosas à Profa. Dra. Lena Vânia Pinheiro, ao Prof. Dr. Gustavo Saldanha, ao Prof. Dr. Arthur Bezerra, à Profa. Dra. Léa Maria Velho, à Profa. Dra. Gilda Olinto, ao Prof. Dr. Henrique Antoun, à Profa. Dra. Rosie Marie Santini e ao Prof. Dr. Jorge Biolchini.

Agradeço os comentários, a disponibilidade, o interesse e a dedicação pedagógica em laboriosas leituras ao Prof. Dr. Marcelo Castañeda de Araújo, Prof. Dr. Alexandre Nascimento e à Profa. Dra. Leonora Corsini. Agradeço especialmente à Profa. Sarita Albagli pelo acolhimento da proposta, incentivo, detalhadas leituras com rigor e generosidade diante de ideias ainda embrionárias, assim como observações essenciais para o resultado final. Procurei fazer jus à consideração, com dedicação redobrada. É claro que as omissões e equívocos são de inteira responsabilidade deste autor.

Registro meu sincero apreço pelo acolhimento, entusiasmo, confiança e orientação do Prof. Giuseppe Mario Cocco, por seus conselhos, observações cuidadosas, sugestões inspiradoras e também por sempre desvelar fontes de literatura ricas, poderosas e desafiadoras.

Não poderia deixar de agradecer ao trabalho de revisão da Profa. Magna Rodrigues e aos “companheiros de viagem” com quem tive o privilégio de compartilhar a rota nesses últimos dois anos, de quem tive o apoio leal na batalha diária do aprendizado, em especial os colegas Alexandre Marcolino, Daniela Granja, Gustavo Caran, Leila Bento, Márcia Bettencourt e Vanessa Souza, aos quais agradeço a amizade e os ensinamentos.

Dois perigos ameaçam o mundo, a ordem e a desordem.
(Atribuído a Paul Valéry)

PAULA SOBRINHO, Homero Vianna de. *Agências de notícias financeiras e capitalismo global: um estudo de caso do dispositivo de informação e comunicação de investimentos*. Orientador: Giuseppe Mario Cocco, 2015. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Rio de Janeiro, 2015.

RESUMO

Pesquisa qualitativa em Ciência da Informação com o objetivo de explorar e mapear o dispositivo de informação e comunicação de investimentos no capitalismo global. Um estudo de caso exploratório é o ponto de partida para se examinar um tipo de dispositivo informacional e tecnológico de organização e controle da informação de investimentos e negociações em Bolsas (*Exchanges*) — a mídia de investimentos. O estudo de caso concentra-se em um grupo chave de agências composto por três modelos paradigmáticos — a Reuters, a Dow Jones e a Bloomberg, três fórmulas de organização e controle da informação de investimentos. A classificação das “agências de notícias financeiras”, sob o modelo clássico de “organizações de notícias” (*news organizations*) é problemática. Uma observação mais atenta revela a operação dessas organizações complexas e lança luz sobre o conceito de informação de investimentos. O estudo contribui para esclarecer a distinção entre os conceitos de notícias financeiras, informação financeira e informação de investimento. Em especial, destacaram-se os instrumentos especializados para operações de investimento: taxonomias de indústrias, índices e indicadores. Entender o papel desse dispositivo estratégico em seu aspecto de construto social no contexto do capitalismo cognitivo é revelador de processos políticos e econômicos subjacentes aos conceitos de “sociedade da informação” e “globalização”. Ao procurar entender a “informação que move mercados”, encontramos a especificidade da “informação de investimentos” e identificamos um segmento chave no interior da mídia financeira — a “mídia de investimentos”, resultante dos processos de transformação social e das inovações tecnológicas em direção à constituição de um sistema capitalista global. As agências de informação e notícias financeiras mostraram operar em sua lógica própria — financeira e supranacional. A mídia de investimentos se apresenta, hoje, não apenas como protagonista dos processos de inovação tecnológica, mas também como operador linguístico — códigos e discursos — essencial aos mercados financeiros globais.

Palavras-chave: Agências de Notícias; Mídia; Ciência da Informação; Redes de Comunicação; Capitalismo Cognitivo.

PAULA SOBRINHO, Homero Vianna de. *Agências de notícias financeiras e capitalismo global: um estudo de caso do dispositivo de informação e comunicação de investimentos*. Orientador: Giuseppe Mario Cocco, 2015. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Rio de Janeiro, 2015.

ABSTRACT

This work is a qualitative research in Information Science aimed at exploring and mapping an information and communication device essential to global markets. An exploratory case study is the starting point to examine a system of information organization and control in Stock Exchanges and financial markets— the investment media. The focus is a group of paradigmatic organizations — Reuters, Dow Jones and Bloomberg. To categorize these organizations as "financial news agencies" under the classic model of "news organizations" is problematic. An in depth look reveals the operation of a complex social apparatus — the "investment information". The research aims to contribute to the distinction of the concepts of financial news, financial information and investment information, with emphasis on specialized investment tools — industry taxonomies, indexes and indicators. Understanding the role of this strategic device as a social construct in the context of cognitive capitalism reveals political and economic processes that are underlying the concept of "information society" and "globalization". Focusing on the "information that moves the markets" we are able to identify a new quality of information — the investment information — and a specific segment of financial media — the investment media. Investment information and investment media are part of the processes of social transformation and technological innovation that constitute a global capitalist system. The financial news agencies operate according to their peculiar logic — a financial and supranational logic. The investment media are not only in the forefront of technological innovation but also play an essential role in global financial markets as linguistic operators of discourses and codes.

Key-words: News Agencies; Media; Information Science; Communication Networks; Cognitive Capitalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Módulo de monitoramento de commodities (petróleo) no terminal Bloomberg	31
Figura 2	Tela da TV Bloomberg	32
Figura 3	Linha do tempo dos sistemas de transmissão utilizados pelas agências de notícias.	35
Figura 4	Módulo de monitoramento de notícias do Eikon (Thomson Reuters)	37
Figura 5	Anúncio do terminal Eikon da Thomson Reuters	38
Figura 6	Lista de bureaux do WSJ e da Dow Jones na Ásia	41
Figura 7	Tela do website da Bloomberg Business	44
Figura 8	Esquema de distribuição de produtos e serviços nas plataformas da Reuters	52
Figura 9	Divisão de “comunidades editoriais” da Agência Reuters (2014)	68
Figura 10	Hierarquia taxonômica da classificação de indústrias TRBC	74
Figura 11	Representação gráfica de truste da telefonia de John Moody (1904)	78
Figura 12	Representação gráfica de grupos ferroviários de John Moody (1904)	78
Figura 13	Universo das organizações de controle da informação de investimento	79
Figura 14	Tela de monitoramento de indicadores biométricos	89
Figura 15	Grafo <i>two mode</i> da rede de conselheiros e empresas AG3	94
Figura 16	Estrutura de decisão da ICANN	97
Figura 17	Organograma da composição multistakeholder da ICANN	98
Figura 18	Publicidade “três desafios” (Thomson Reuters)	126

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1	Outdoor ticker da Dow Jones em Nova York (2009)	28
Foto 2	Operador em plataforma de operações (dados, analítica e transações)	59

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Receita por categoria de produto da Reuters (1995)	60
Gráfico 2	Correlação entre sistemas de índices de ações do Setor de Consumo	76
Gráfico 3	Comparação da contribuição da banda larga para o crescimento econômico	85
Gráfico 4	Setores econômicos como porcentagem do Produto Interno Bruto (PIB) -1972 (em dólares)	108

LISTA DE MAPAS

Mapa 1	Mapa Mundi — Divisão territorial de bandas CIRAF da ITU (1999)	45
Mapa 2	Mapa sobre presença mundial da Thomson Reuters (2014)	48
Mapa 3	Mapa sobre a rede de fibra ótica coordenada pela ITU	69
Mapa 4	Mapa sobre subscrições mundiais de banda larga móvel	87

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Exemplos de produtos e serviços financeiros (Thomson Reuters One, 2015)	39
Quadro 2	Atividades da UTI (2015)	46
Quadro 3	Principais marcas de produtos/serviços financeiros da Thomson Reuters	61
Quadro 4	Tipologia de produtos e serviços	65
Quadro 5	Matriz do sistema de controle da informação de investimentos	71
Quadro 6	Exemplo de Taxonomia de Indústria de Aerolíneas	76
Quadro 7	Comparação entre formulações da economia do conhecimento	112
Quadro 8	Análise comparativa da oferta de "soluções" das empresas (2013-2014)	150

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	As quinze maiores corporações do setor de informação e comunicação (1977)	51
Tabela 2	Comparação entre concorrentes diretas (2013/2014)	56
Tabela 3	Tamanho do universo por sistema	75
Tabela 4	As dez maiores empresas de tecnologia em 2013 (em capitalização)	90
Tabela 5	Média de crescimento anual dos setores de Indústria, Serviços, Governo e Informação (1948-1972)	109
Tabela 6	Comparação de remuneração de altos executivos (CEO) das indústrias financeiras e de mídia (2011)	125

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACI	Association Cambiste Internationale
AFP	Agence France Presse
AP	Associated Press
BD	Biblioteca digital
CBOT	Chicago Board of Trade
CDU	Classificação Decimal Universal
CFTC	Commodity Future Trading Commission
CME	Chicago Mercantile Exchange
CVM	Comissão de Valores Mobiliários
DDC	Classificação Decimal de Dewey
ECB	Banco Central Europeu
EUA	Estados Unidos da América
FAO	Food and Agriculture Organization of the United Nations
FMA	Financial Markets Association
FMI	Fundo monetário Internacional
FP	France Presse
FT	Financial Times
FTSE	Frankfurt Stock Exchange
GAC	Governmental Advisory Committee
GICS	Global Industry Classification Standard
HLG-EU	High-Level Group on Media Freedom and Pluralism - European Union
IBM	International Business Machines
ICANN	Internet Corporation for Assigned Names and Numbers
ICB	Industry Classification Benchmark
IETF	Internet Engineering Task Force
IETF	Internet Engineering Task Force
IGF	Internet Governance Forum
INS	International news Service
ISIC	International Standard Industrial Classification (ONU)
ITU (UIT)	International Telecommunications Union (União Internacional de Telecomunicações)
MB (WB)	Banco Mundial (World Bank)

MSCI	Morgan Stanley Capital International
NAICS	North American International Classification System
NASDAQ	National Association of Securities Dealers Automated Quotations
NYEX	New York Stock Exchange
NYT	New York Times
NWICO	New World Information and Communication Order
OIT	Organização Internacional do Trabalho
ONU	Organização das Nações Unidas
PIB	Produto Interno Bruto
SEC	Securities and Exchange Commission
TCU	Tribunal de Contas da união
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
TRBC	Thomson Reuters Business Classification
UE	União Europeia
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
UNIDO	United Nations Industrial Development Organization
UP	United Press Association
W3C	World Wide Web Consortium
WIPO	World International Property Organization
WMO	World Metereological Organization
WSIS	World Summit on the Information Society

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
2 GENEALOGIA DAS AGÊNCIAS DE INFORMAÇÕES FINANCEIRAS	26
2.1 Breve história social da mídia de investimentos	26
2.2 A trajetória do modelo Reuters	33
2.3 A trajetória do modelo Dow Jones	39
2.4 A trajetória do modelo Bloomberg	42
2.5 A geopolítica do mercado mundial de telecomunicações	44
3 O DISPOSITIVO DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO DE INVESTIMENTOS ..	58
3.1 A plataforma global de comunicação de investimentos	58
3.2 A dinâmica da informação de investimento	70
3.3 Horizontes de automação e datificação.....	79
3.4 Redes sociais e espaço supranacional	92
4 O REGIME DE INFORMAÇÃO DE INVESTIMENTO.....	96
4.1 Políticas de Informação	96
4.2 A controversa sociedade da informação.....	107
4.3 Informação, inovação e poder	116
4.4 Mercados financeiros, discurso e linguagem.....	122
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
REFERÊNCIAS.....	136
APÊNDICE	150

1 INTRODUÇÃO

Entre as organizações centrais do sistema de informação e comunicação de investimentos em Bolsas de Valores encontra-se um grupo chave composto por três agências de notícias especializadas em mercados financeiros — a Reuters, a Dow Jones e a Bloomberg. Um estudo de caso exploratório é o ponto de partida para se examinar um tipo de dispositivo informacional e tecnológico essencial para a operação dos mercados financeiros globais — um mecanismo de organização e controle da informação de investimentos envolvendo a geração, processamento e difusão das informações das negociações em Bolsas (*Exchanges*).

O pioneiro Paul Julius Reuter abriu seu escritório de informações financeiras em 1851, chamado à época de “escritório telegráfico”. Ancorado no Royal Exchange de Londres visava seu público preferencial, os “financistas” — comerciantes banqueiros e investidores capitalistas que buscavam informações sobre movimentação de preços e acontecimentos que influíam nos mercados, além de “informação de oportuna” (com o propósito de geração de lucro), usando tecnologia de vanguarda. A novidade tecnológica eram as linhas telegráficas internacionais. A promessa era velocidade, precisão e integridade no fornecimento de notícias e cotações de ações entre os mercados do continente europeu e a capital britânica. Eram organizações voltadas “para o fluxo de informações estratégicas, coletavam e distribuíam informações sobre guerras ou flutuações em cotações de ações (títulos ou commodities) em diferentes mercados” (UNESCO, 1953, p.9).

Com o primeiro cabo submarino bem sucedido em 1866, o sistema internacional de telecomunicações se expandiu, unindo a Europa e a América do Norte. Em 1879, em Nova York, os primeiros boletins especializados dirigidos aos *traders* da Bolsa de Nova York eram publicados pelo repórter Charles Dow. Em 1882, ele funda sua própria agência — a Dow Jones & Company. Em 1896, apresentam um instrumento revolucionário para os investidores, um composto estatístico usado para monitorar os movimentos da Bolsa de Nova York — o “Dow Jones Industrial Average”.

Ao longo de um século (1890-1990), através da expansão e diversificação do pacote de produtos e serviços de informação financeira, essas organizações ampliam sua influência em segmentos estratégicos da indústria da informação: bancos de dados, repositórios de informação científica (com acesso restrito) e

mídias digitais. No final da década de 1980, o impacto dos “terminais de negociações” da Bloomberg representou para os mercados financeiros um efeito análogo ao sistema operacional Windows para a computação pessoal. Rupert Murdoch descreveu Michael Bloomberg, como “o mais criativo empreendedor de nosso tempo, junto a Bill Gates, o mais bem sucedido” (FUNDING UNIVERSE, 2013). O papel das agências de informação financeira para a operação dos mercados de títulos estabeleceu um elo fundamental da arquitetura política e financeira globalizada — as redes de comunicações de investimentos:

Dê uma olhada mais de perto nas poderosas soluções que fornecemos: Bloomberg é tecnologia da informação em sua definição mais pura. Nós provemos informação útil, precisa e na hora certa, e os sistemas que a trazem a você. Você pode acessar nossa informação de diversas maneiras, cada uma ajustada para atender as suas necessidades, processos e setor da indústria. Mais de 12.900 pessoas em 166 localidades em todo o mundo, neste momento, estão trabalhando para coletar notícias e dados, analisá-los, compará-los, dissecá-los, e entregá-los a nossos clientes. Os insights que nossos clientes derivam desse fluxo de informações esclarecem sua posição, impactam decisões e movem os mercados. (BLOOMBERG.COM, 2011, tradução nossa).

O que é a “informação que move mercados”? Qual o papel das agências de notícias e informações financeiras no contexto do capitalismo global? Como entender a inserção dessas organizações no jogo político e econômico? À primeira vista, as “agências de notícias financeiras” aparentam representantes clássicos do modelo das “agências de notícias globais” (BOYD-BARRETT, 1998, p.19), uma fórmula do dispositivo jornalístico especializado que surge gradualmente ao longo do século XIX com a finalidade de coletar notícias e vendê-las em um mercado composto por veículos de imprensa (jornais, revistas, etc.) e outros consumidores, entre eles, governos, empresas, instituições financeiras, etc. (SOUZA, 2008, p.103-109).

Entretanto, a classificação desse dispositivo especializado em mercados financeiros e em Bolsas de Valores, sob o modelo clássico de “organizações de notícias” (*news organizations*) é problemática. Pois, claramente não se trata de organizações de notícia no sentido estrito da fórmula clássica das empresas de “notícias”, mas de um mecanismo essencial da matriz de controle da informação de investimento. Uma observação atenta revela que as “agências de notícias

financeiras” compõem um grupo singular de organizações de informação com origem e funções endógenas da esfera financeira. A “informação que move mercados” mostrou ser um composto de informação de mercados (dados de negociações e preços) e informação de investimento — produto de uma operação complexa de métricas, sistemas analíticos, mídia e infraestrutura de comunicação, armazenamento e recuperação de documentos digitais (dados, e sistemas de metadados).

Ao abordar questões essenciais da prática jornalística, como o problema da “faticidade” discutido pela socióloga Gaye Tuchman (1978), ou dos “contratos comunicacionais”, como discutido pelo linguista Patrick Charadeau (2006), ou ainda da teoria do agendamento (*Agenda-Setting*) proposta por Maxwell MacCombs (1972; 2005), pesquisador das técnicas de comunicação de massa no século XX, visou-se as funções políticas do dispositivo de mídia de investimento, pois o presente estudo não tem por objetivo a discussão do “gênero discursivo jornalístico” como abordado em Lia Seixas (2009). Apesar de a reflexão econômica ser uma das perspectivas principais desta análise, tampouco é demais destacar que não se trata de um estudo no campo da teoria econômica da informação¹, mas da teoria da informação enquanto subárea da Ciência da Informação.

As pesquisas científicas voltadas para o estudo das agências de notícias começaram a ganhar destaque no campo acadêmico a partir dos anos 1970 (BOYD-BARRETT; RANTANEN, 1998, p.3). Uma categoria de estudos se agrupou sob o enquadramento da teoria da dependência — e o conceito de centro/periferia — a partir da pressuposição de que as agências oficiais de estados nacionais podiam constituir-se como “operadores independentes” de informação — as agências de notícias estatais. Antes da Internet, para os negócios das grandes agências de notícias, a mídia de massa não existia. O “público” era apenas institucional e, consequentemente, encaixavam-se sob o conceito de *gatekeepers* em estudos de “audiência”, cujo foco era as instituições-cliente e o modo como estas selecionavam as notícias provenientes das agências globais.

Boyd-Barrett e Rantanen (1998, p.3) apontam que os estudos da “economia política da mídia” caminharam em duas direções. Uma delas, especialmente em

¹ Como na teoria da “racionalidade econômica” (HAYEK, 1945), ou do “conhecimento econômico” (BOULDING, 1966), tampouco da “*economics of information*” (STIGLITZ, 2002), ou mesmo da teoria da previsão (CAVALCANTE; ORIÁ et al., 2013).

função dos estudos culturais, focou-se nas práticas de leitura e públicos concentrando-se nos modos de relação dos textos da mídia com as condições de sua produção, “com tendência a marginalizar a produção de mídia”. Mas, outra corrente se voltou para o estudo das estruturas políticas, econômicas e sociais mais amplas. As agências de notícias se encaixam especialmente nesses últimos objetivos, pois claramente fazem a mediação entre os veículos (*retail media*), o Estado e o capital (BOYD-BARRETT; RANTANEN, 1998, p.3):

Em nenhum outro lugar estão mais evidentes dois aforismos do negócio das notícias, “notícias movem os mercados” e “as notícias são um mercado”, que nos serviços de notícias financeiras e econômicas. (PALMER et al., 1998, p.61, tradução nossa).

Os estudos de agências de notícias, ao dialogarem com as pesquisas de economia política e com os estudos culturais, têm muito a dizer sobre os contextos sociais, políticos e econômicos mais amplos no qual se insere a operação dessas organizações (BOYD-BARRETT; RANTANEN, 1998, p.4), mas, sobretudo, “em função das teorias da modernidade, da pós-modernidade e da globalização, o conhecimento acerca das agências de notícias demanda revisão e reconceituações urgentes”. Não obstante os estudos sobre a mídia financeira, incluindo as agências de notícias e informações financeiras, só adquiriu maior volume nos últimos anos.

O presente estudo consultou as bases de dados "Academic Search Complete" e "Communication Abstracts", que juntas contêm mais de 20.000 publicações de vários tipos, periódicos e artigos sobre o tema. A segunda é uma fonte de publicações com ênfase na área de Comunicação e Mídia de Massa (*mass-media*) com aproximadamente 300 periódicos. A busca nas duas bases por "financial news" OR "news agencies" em ABSTRACT produziu 1.733 ocorrências (incluindo os vários tipos de publicações). Do ano 2000 até 2013, são 1.201 ocorrências, 232 são artigos de "Academic Journals". A pesquisa em "Communication Abstracts", somente por "financial news" em ABSTRACT, todos os anos (1963 a 2013) resultou em 58 artigos. A pesquisa por "financial news" em ABSTRACT com o filtro 2000 a 2013 resultou em 25 ocorrências; e apenas em "Academic Journals" resultou em apenas 17 artigos, com 15 deles concentrados entre 2008 e 2013.

O papel significativo dos mercados financeiros e as economias globais escapou ao ecrutínio de estudiosos da comunicação, observou Lee (2014). A crise

de 2008, finalmente, chamou a atenção para a interseção entre mídia, cultura e o setor financeiro, “por explicitar quatro papéis do dispositivo de mídia na economia capitalista: (1) a forma-mercadoria dos meios de comunicação, (2) a forma ideológica da mídia, (3) a recepção da mídia, e (4) os meios de comunicação alternativos” (LEE, 2014). Na esteira da crise, cinco periódicos publicaram edições especiais: *The International Journal of Communication* (v. 4, 2010), *Journal of Communication Inquiry* (v. 34, n. 4, 2010), *Journalism* (v. 14, n. 2, 2013), *Popular Communication* (v. 8, n. 3, 2010), and *Triple C: Communication, Capitalism and Critique* (v. 8, n. 2, 2010).

Esta pesquisa pretende contribuir para a compreensão desse dispositivo complexo de geração, organização e controle do fluxo de informações de investimento — “o dispositivo de informação de investimentos”. Utilizou-se a metodologia de estudo de caso (YIN, 1989, p.16), pois esta permite “investigar a natureza e a estrutura de um fenômeno social complexo em seu contexto da vida real”. Considerou-se que as políticas de informação envolvidas na constituição do dispositivo de informação e comunicação de investimentos envolvem mais que a simples geração e difusão de “notícias”². A compreensão mais precisa do papel chave do dispositivo de informação de investimentos no núcleo da esfera financeira e sua inserção histórica no sistema capitalista é reveladora de processos sociais subjacentes³. A “comunidade de investimentos”, no sentido de um tipo social, configurou um dispositivo político e linguístico, que excedeu as funções sociais clássicas da imprensa jornalística.

A ótica da Ciência da Informação, um campo de estudos preocupado com a “metainformação” para a organização dos saberes, sua preservação, representação e transmissão (SALDANHA, 2012, p.23-24), permite examinar o discurso “informacional” contemporâneo em dois sentidos, como um campo de estudos específico, voltado para os esforços técnicos e teóricos de organização e gestão da informação, e através da crítica de seu próprio paradigma:

² O termo política de informação é usado aqui no sentido muito geral “em razão de ser evidente que as políticas de informação têm como característica estarem presentes em uma diversidade extraordinária de arenas de decisão e de atores envolvidos.” (BRAMAN, 1989, p.234).

³ James Carey, expoente dos estudos culturais críticos nos EUA, sugere o caminho desta discussão em *Communication as Culture* (1986), onde discutiu os impactos do telégrafo na cultura e, consequentemente, para a linguagem no Capítulo 8 sob o título de “Technology and Ideology: The Case of the Telegraph”.

[...] quando falamos genericamente na “ciência” da Ciência da Informação tratamos dos estudos de organização do conhecimento ou dos saberes — e não de um “saber” isolado, que paradoxalmente buscava se legitimar como interdisciplinar, e que se desenvolveu após a Segunda Guerra Mundial. (SALDANHA, 2010, p.301).

Para isso, é preciso entender o discurso informacional contemporâneo desde uma dupla perspectiva. Por um lado, para examinar modelos próprios do contexto social e discursivo contemporâneo, associados aos novos modos de produção e uso da informação. E, por outro, desde uma perspectiva crítica, revelar os conflitos internos do paradigma informacional. No presente estudo, usou-se o método exploratório na busca de padrões, rupturas e continuidades nos processos de transformação sociotécnicas nos séculos XIX e XX seguindo três procedimentos: (i) o levantamento da literatura historiográfica; (ii) a observação dos discursos, das formas tecnológicas e dos modos de organização dos dispositivos de informação e comunicação (em três dimensões — a dimensão das relações sociais, a dimensão histórica e diacrônica, e dos arranjos tecnológicos); e (iii) a confrontação teórica de correntes interpretativas do fenômeno contemporâneo visando uma análise do dispositivo de informação e comunicação de investimentos.

A pesquisa está organizada em cinco seções, incluindo a Introdução e as Considerações Finais. As seções centrais são subdivididas em subseções. A seção 2 é composta por um levantamento da literatura historiográfica que procura mapear a origem e conexões entre figuras-chave dos casos estudados. O foco não são as empresas, no sentido estrito, mas as formas de organização da informação, “o dispositivo” que permeou as diversas formas empresariais historicamente situadas e contingentes, isto é, aqueles modos de produção da informação de negócios que configuram um dispositivo de mídia de investimento em sua trajetória histórica. Procura-se traçar a trajetória não das empresas e indivíduos, mas da construção de um conjunto de produtos e serviços dirigidos a demandas específicas de informação e comunicação da comunidade de investimentos, através de uma análise comparativa de equivalências, conexões e solidariedades entre os modos de organização da informação no núcleo da esfera financeira, enfim, do dispositivo de informação e comunicação de investimentos e, finalmente, um mapeamento da inserção das organizações de informação e notícias no ambiente geopolítico das comunicações incluindo debates e discussões em foros internacionais.

A seção 3 procede-se ao exame comparativo dos casos visando à construção

de uma cartografia detalhada da “plataforma” — o sistema que suporta e integra as várias tecnologias — de informação e comunicação de investimentos. Recorreu-se a um levantamento de estudos, relatórios, documentos, relatos e dados no período de 2011 a 2015, sobre o composto de produtos e serviços. O conjunto foi identificado e agrupado em categorias chave, objetivando maior precisão e abrangência da compreensão dos processos sociais e políticos subjacentes. Visou-se a infraestrutura de comunicação e negociações e os sistemas de controle da informação integrado por diferentes instituições (governamentais e privadas). A seguir, realizou-se uma análise das dinâmicas de constituição da “informação de investimentos” através das equivalências, conexões e solidariedades entre as organizações centrais envolvidas. Identificou-se as funções complementares para a constituição de um sistema de princípios, regras e normas, que organizam os sistemas de códigos, métricas e cálculo. No limiar do século XXI, o espaço tecnológico foi estendido por processos computacionais (cibernéticos) e de telecomunicações móveis. A percepção dos atributos estruturais das redes sociais aparece como elemento chave para a compreensão dos processos políticos e corporativos no ambiente do capitalismo globalizado.

A seção 4 examina diferentes correntes interpretativas da mudança social e tecnológica moderna segundo o par conceitual informação/poder. Cuidou-se de situar o objeto de pesquisa no campo específico de análise das políticas de informação com foco nos regimes de informação⁴. Os argumentos articulados no conjunto teórico selecionado gravitam, em diferentes gradientes, entre quatro polos antagônicos que oscilam, inicialmente, entre dois eixos principais: o eixo capital/trabalho e o impacto para a inovação tecnológica; e o eixo mercado/estado (soberania e regulação) para exame do “espaço” informacional de investimentos. O dilema imposto pelas teorias liberais⁵ é analisado a partir do confronto entre as concepções da “indústria do conhecimento” (MACHLUP, 1962; DRUCKER, 1968; BELL, 1973; PORAT, 1977) e da “sociedade em rede” (CASTELLS, 2009; RONFELDT; ARQUILLA, 2001), e diferentes vertentes do pensamento crítico, em

⁴ “Políticas de informação são constituídas por leis, regulações, posições doutrinárias – e outras práticas de decisão com efeitos de constituição social abrangente – envolvendo a geração de informação, processamento, fluxos, acesso e uso.” (BRAMAN, 2011, p.3).

⁵ “Polanyi levou ao extremo com a sua tese de que a intervenção estatal não apenas foi indispensável para a implantação original das economias de mercado, como se transformam em elemento indispensável à sua sobrevivência: ‘o mercado entregue às suas forças tende à entropia’.” (FIORI, 1994, p.300).

especial o programa de pesquisa do capitalismo cognitivo (ALBAGLI, 2013; BOUTANG, 2011; COCCO, 2011; MARAZZI, 2009; PASQUINELLI, 2013; VERCELLONE, 2005), oriundas da corrente pós-operaísta italiana (*Italian Theory*).

2 GENEALOGIA DAS AGÊNCIAS DE INFORMAÇÕES FINANCEIRAS

2.1 Breve história social da mídia de investimentos⁶

A primeira fórmula de “Agência” foi a empresa de Charles-Louis Havas (1783-1858), banqueiro e comerciante de algodão em atividade na França de 1813. O comerciante respondia às demandas do fornecimento sistemático de inteligência e informações “úteis e confiáveis”, tanto para a atividade financeira quanto política (UNESCO, 1953, p.11). Havas era, antes de tudo, um homem de negócios. No império de Napoleão Bonaparte, Havas havia sido financiador da campanha do exército francês na Península Ibérica (a Guerra Peninsular, com a ocupação de Portugal e Espanha) e percorrera grande parte da Europa captando recursos para suas transações financeiras (BOYD-BARRET, 1980, p.125 apud AGUIAR, 2009).

Depois de falir, no reinado de Luís Filipe (1830-1848), teve a iniciativa de empregar sua rede de contatos para apurar informações úteis a investidores (cotações de mercadorias, matérias-primas, previsões de colheitas, decisões políticas, questões tributárias etc.), depois traduzi-las e revendê-las. Com isto, montou a *Agence de Feuilles Politiques et Correspondance Générale*, mais tarde rebatizada de *Agence Havas*. (AGUIAR, 2009, p. 4).

O bureau de “informações” funcionava desde 1825. As informações eram enviadas por correspondentes reunidos por Havas nas principais capitais europeias, usava, para isso, os serviços dos correios e de mensageiros. Os envios eram revisados por tradutores e editores, que elaboravam o material a ser enviado aos assinantes. Os primeiros assinantes eram indivíduos privados, diplomatas, comerciantes e financistas. Foram mais de dez anos até que, em 1836, Havas conseguiu convencer os proprietários de jornais a assinar um serviço de notícias. A mudança veio de forma abrupta, quando Emile de Girardan lançou o *La Presse*, logo seguida por Dutacq com o *Le Siècle* e uma torrente de “imprensa barata” (*penny press*) torna as notícias disponíveis ao grande público (UNESCO, 1953, p.11).

⁶ Paráfrase do título do livro de Briggs e Burke (2002).

Na França do início do século XIX, aparecia pela primeira vez a fórmula de uma gazeta popular, a “imprensa barata”. O antigo foco em princípios e polêmicas perdia lugar para o interesse em “acontecimentos”, em detrimento dos debates ideológicos (UNESCO, 1953, p.9). O negócio de produção e difusão de notícias tem lugar ao longo das primeiras décadas do século XIX na Europa, fórmula essencialmente consolidada com o periódico francês *La Presse* em 1836 (SOUZA, 2008, p.105-108). Essa fórmula de jornalismo de massa transformou o caráter de plataforma pública de debate de princípios e polêmicas de fórmulas anteriores de imprensa popular, para se tornarem “órgãos de informação” (UNESCO, 1953, p.9).

A fórmula do jornal popular e barato aproveitava a infraestrutura telegráfica em processo de implantação na Europa e nos Estados Unidos da América do Norte (EUA)⁷. Racionalizar os processos de geração e difusão das informações, a “matéria bruta” das notícias, através do agenciamento de notícias e informações de longa distância era uma forma mais rápida, mais confiável, e mais barata, de operar com a nova tecnologia — as redes de telégrafo. A fórmula de operação especializada na coleta de “informações e inteligência” ganhou relevância no quadro político internacional com o domínio crescente da Agência Reuters na segunda metade do século XIX (READ, 1992, p.22-26)⁸. Esse tipo de dispositivo de informação representa um modo peculiar da fórmula de correspondências de negócios que emerge nos séculos XVI e XVII na Europa como forma de comunicações funcionais,

⁷ As descobertas de aplicações da eletricidade que tiveram lugar no início do século XIX criam as condições técnicas para a invenção do telégrafo. Samuel F. B. Morse e Charles Wheatstone patentaram sistemas de telégrafos elétricos em 1837 na Inglaterra. Morse havia testado o seu sistema com sucesso em 6 de janeiro de 1838 e, em fevereiro do mesmo ano, realizou uma demonstração para um grupo de congressistas americanos. A primeira linha inglesa, patenteada por Wheatstone e Cooke, foi implantada em 1843 ao longo da ferrovia Great Western Railway. Em 1844, entrou em funcionamento a primeira linha aberta à correspondência pública entre Washington e Baltimore na América do Norte. A primeira linha francesa foi instalada em 1845 ligando Paris a Rouen e a primeira ligação direta entre Paris e Londres foi inaugurada em 1851. O primeiro cabo submarino transatlântico entrou em funcionamento em 1866, instalado pela Anglo-American Telegraph Company depois de diversas tentativas mal sucedidas para assentar as 1.852 milhas náuticas de cabo no fundo do oceano, em 1857, 1858 e 1865. (UNESCO, 1953, p.147).

⁸ Após o primeiro encontro em 1875, a conferência plenipotente da International Telegraph Union voltou a reunir-se somente em Madri em 1932. Essa conferência teve lugar conjuntamente com a quarta conferência internacional de rádio. Foi, então, decidida a união das duas conferências (telégrafos e rádio), contudo a proposta da Conferência de 1920 em Washington de criação de um código único de regulação para todos os tipos de comunicação elétrica não foi renovada. Os delegados plenipotentes da conferência de Madri representavam 72 governos. Foi assinada a primeira Convenção Internacional de Telecomunicações (ITC) em nove de novembro de 1932. Considerado um evento de enorme importância para a história da legislação internacional de telecomunicações. Com a entrada em vigor da Convenção de Madri em 1 de janeiro de 1934, criou-se a International Telecommunication Union (ITU), que substituiria a Telegraph Union. (UNESCO, 1953, p.164).

os “newsletters” de casas comerciais, como descritos por Souza (2008, p.81)⁹.

A demanda contínua por esse tipo de organização da informação entre as elites capitalistas dos séculos XIX e XX sustenta a continuidade de sua trajetória estratégica nas arenas centrais do poder político e econômico. Os mercados financeiros em acelerada expansão territorial impulsionaram não só as fórmulas de acumulação monetária, mas também o uso intensivo dos dispositivos técnicos, ao tempo em que o capitalismo europeu projetava seus modelos em escala global. Enquanto o papel crescente dos mercados financeiros alimentou a fórmula Reuters de desenvolvimento de tecnológicas específicas de informação e comunicação de negócios (READ, 1992), a fórmula Dow Jones investiu em instrumentos matemáticos e analíticos – métricas e cálculos – (DOW JONES, 2013), em meio à continuada evolução científica e tecnológica. Em 1886, dois anos antes de fundar o *Wall Street Journal*, em 1989, lançam um aparato de comunicação abreviada de cotações, o ticker, um aparato usado por *traders* para visualização simplificada do movimento de preços nos pregões, tornando possível o monitoramento contínuo de negócios nas Bolsas de Valores. Essa ferramenta se tornou um ícone para a comunidade de investimentos (Foto 1)¹⁰.

Foto 1 — Outdoor ticker da Dow Jones em Nova York (2009)



Fonte: ZESMERELDA, 2009.

Nota: *Digital Journal*. Image uploaded by David Silverberg.

Os instrumentos matemáticos e as inovações tecnológicas chegavam ao

⁹ Souza (2008, p.81) cita o caso da “newsletter” *Relation*, publicada em Estrasburgo, como primeiro modelo de “dispositivo de informação comercial” que, em 1605, transfigura-se em gazeta.

¹⁰ O ticker da Dow Jones é um dos letreiros mais tradicionais da Avenida Times Square em Nova York (EUA).

momento em que os pânicos periódicos eram uma “praga” para os mercados, minavam a confiança e afastavam os pequenos investidores (EVENSEN, 2014). As acusações de que grandes investidores como J. P. Morgan, Jay Gould, Cornelius Vanderbilt e August Belmont controlavam as “correções” devastadoras eram frequentes. Naquela época, o pregão, que funcionava na Securities Commission da Broad Street de Nova York, reunia apenas grandes investidores, enquanto os pequenos investidores negociavam ações em um mercado informal, o chamado “*curbstone exchange*”, que operava diariamente do lado de fora da Securities Commission e, mais tarde, foi formalizado e normalizado e passou a operar com o nome de American Stock Exchange (AMEX).

Os esforços para organizar e padronizar o mercado começaram no início do século XX por iniciativa de Emanuel S. Mendels. Em 1908, foi contituida a New York Curb Market Agency [Agência do Mercado Curb de Nova York] para codificar práticas dos corretores [*traders*]. Em 1911, os corretores da curbstone se tornaram conhecidos como o New York Curb Market [Mercado Curb de New York], que passava a ter uma constituição formal com normas de corretagem e de listagem. Depois de vários anos de negociação do lado de fora, os corretores curbstone se instalaram em um edifício em 1921 na Greenwich Street, em Lower Manhattan. Em 1929, o New York Curb Market mudou de nome para a New York Curb Exchange [Bolsa Curb de Nova York]. Dentro de pouco tempo, a Bolsa Curb tornou-se o principal mercado acionário internacional, listando mais emissores [de títulos] estrangeiros do que todos os outros mercados de valores mobiliários dos EUA combinados. Em 1953, a Bolsa Curb foi rebatizada como American Stock Exchange [Bolsa Americana de Ações (AMEX)]. (NYSE, 2014, tradução nossa).

Os exemplos da evolução das fórmulas de produtos e serviços de inteligência financeira de Charles Havas, assim como o da Agência Reuters e da Dow Jones and Co. são evidências da demanda crescente de “informações de investimento” (financeiras e de risco) oferecidas por esse tipo dispositivo, composto não apenas por “notícias” no sentido que caracterizou o jornalismo moderno. Os serviços das agências de informações de investimento vão muito além da coleta de notícias especializadas, pois envolvem ainda um conjunto de produtos e serviços de gestão e organização do conhecimento econômico (métricas, ferramentas analíticas, arquivos digitais), sistemas de classificação (taxonomias), compostos estatísticos (índices e indicadores) e instrumentos de controle (*compliance* e governança).

Nas últimas décadas do século XX, os produtos e serviços especializados de informações de investimento da Reuters continuavam a compor a maior fatia da receita da empresa. Os resultados brutos, que eram de £3,9 milhões de Libras em 1980, subiram para £283,1 milhões de Libras em 1989, enquanto o número de funcionários cresceu de 2.894 para mais de 10.000. Naquele ano, 90% da receita corrente da empresa provinha de produtos desenhados para a comunidade financeira (READ, 1992, p.1). A aceleração das transformações tecnológicas associadas ao aumento dos fluxos econômicos e financeiros e as novas condições de mercado sustentou o sucesso da Reuters dos anos 70 ao início dos anos 90 (PALMER et al., 1998, p.66). As “novas condições de mercado” eram a popularização dos investimentos em Bolsas de Valores:

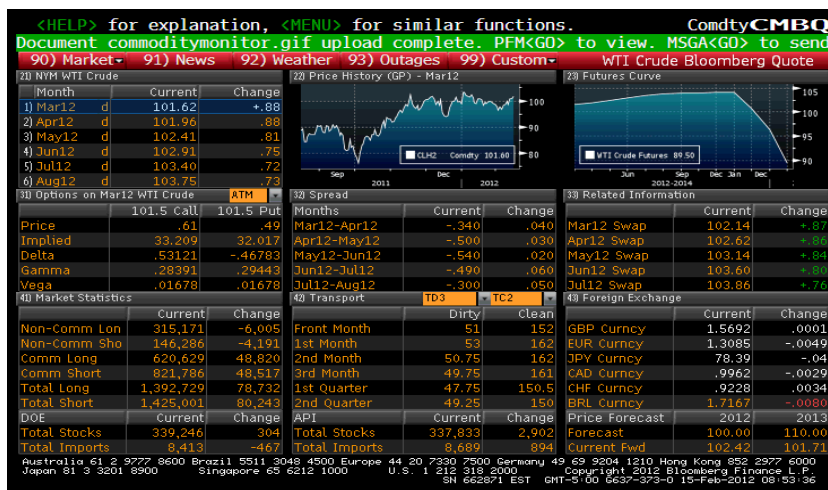
Na segunda metade dos anos 1970, a massificação dos investimentos em mercados de ações, o que pode ser chamada a “socialização das finanças”, começa a tomar forma. Nos anos 1990, com a explosão da Internet e do online trading [negociação eletrônica] houve um incremento radical. [...] A desregulação das comissões de corretagem em 1975, dando lugar aos *discount brokers*, depois aos online *traders*, logo seguidos pelo microtraders, favoreceu o crescimento e direcionamento massivos dos fundos para títulos mobiliários, em simetria com o uso dos fundos de pensão para o financiamento dos déficits públicos. (MARAZZI, 2008, p.16-17, tradução nossa).

Contudo, essa posição de liderança de mercado compartilhada por Reuters e Dow Jones foi desafiada pela tecnologia de “terminais” multifuncionais da Bloomberg — plataformas digitais de informação, análise e transação —, que respondiam às novas demandas em um cenário de expansão de volume e perfil dos investidores. As “novas tecnologias” incluíam os algoritmos de investimento, o acesso para *homebrokers* (investidores atuando via Internet sem intermediação de corretoras) e as corretoras especializadas em *high frequency trading* (HFT's), com operações automatizadas em alta velocidade apoiadas em algoritmos desenvolvidos especialmente para o mercado (ver página 92 nesta). Além desses elementos, os *dark pools* emergem da “obscuridade” revelando a complexidade da

“comunidade” de negócios¹¹.

A nova plataforma de informação e comunicação de negócios combinando diferentes instrumentos de monitoramento dos pregões, analítica e comunicações para a comunidade de *traders* é desenvolvido pelo jovem Michael Bloomberg, após deixar seu cargo de engenheiro-administrador contábil nos escritórios da Salomon Brothers em Nova York no final dos anos 1970. O sucesso do novo aparato de comunicação, informação e cálculo — o terminal Bloomberg — leva a Merrill Lynch a se tornar sócia do projeto. Os terminais Bloomberg permitem diferentes configurações de módulos de monitoramento de negócios (Figura 1), análise de investimento e notícias, estatística e bibliotecas digitais. A rápida evolução dos negócios conduz à ampliação do empreendimento e, em 1990, é inaugurada a sede da Bloomberg News em Nova York, composta por uma equipe de seis pessoas lideradas pelo editor Matthew Winkler, ex-repórter do *Wall Street Journal*.

Figura 1 — Módulo de monitoramento de commodities (petróleo) no terminal Bloomberg



Fonte: INVESTOPEDIA, 2014

Hoje, a Bloomberg estendeu sua presença a um amplo espectro da indústria da mídia, incluindo a Bloomberg Television (2), com uma configuração peculiar da tela

¹¹ Os *dark pools* são comunidades fechadas, ou mercados exclusivos — um grupo de agentes financeiros que negociam entre si fora dos controles e regulações das autoridades do setor financeiro. O termo *pool* significa “poço”, mas também tem o sentido de “rede”, de uso corrente em operações de telecomunicações. Sobre incremento das atividades dos *dark pools* (BLOOMBERG, 2013).

de TV que incorpora módulos permanentes de monitoramento de fluxos de dados e estatísticas, além do portal Bloomberg Business e uma gama atualizada de acesso a novas plataformas de comunicação (Tablet, Iphone, etc.).

Em sua autobiografia, Michael Bloomberg explica o êxito como fruto da “commodity mais valiosa e fundamental do final do século XX — informação” (NAPOLI, 1997):

Rupert Murdoch [fundador da News Corporation] e Ted Turner [fundador da CNN] provavelmente têm maiores fortunas, mas Bloomberg, com sua empresa sob controle pessoal, detém mais controle autocrático que qualquer outro homem no negócio de informações. (NAPOLI, 1997, tradução nossa).

Figura 2 — Tela da TV Bloomberg



Fonte: BLOOMBERG, 2011.

Nos anos 1990, a Dow Jones & Company, novo arranjo empresarial da antiga Dow Jones Inc., tem dificuldade em acompanhar o sucesso das tecnologias digitais, especialmente o novo serviço de terminais, oferecidos inicialmente pela Bloomberg e seguidos pelo Eikon da Reuters, em meio a uma contração generalizada da indústria de mídia impressa (*publishing*). Em 2007, o conglomerado de mídia (TV outlets, TV a cabo, jornais, estúdios de cinema, etc.) controlado por Rupert Murdoch, a News Corporation, adquire a Dow Jones & Company, que inclui o *Wall Street Journal* e a Dow Jones Newswires (o tradicional serviço de notícias financeiras). Também em 2007, em um movimento de consolidação dos grupos transnacionais de mídia, ocorre a fusão do grupo editorial Thomson Corporation (*printing and publishing*

industry), de origem canadense, com a Reuters Group PLC, com sede em Londres. O processo de fusão é concluído em 2009 e a empresa passa a ser listada nas Bolsas de Nova York e Toronto como Thomson Reuters (TRI). Hoje, a Thomson Reuters e a Bloomberg L. P. disputam a liderança de serviços de informações estratégicas no núcleo do sistema financeiro global.

2.2 A trajetória do modelo Reuters

VATICAN CITY, SEPT 1 (1978), REUTER – POPE JOHN PAUL SAID TODAY THAT IF THE EARLY CHRISTIAN DISCIPLE ST PAUL RETURNED TO THE WORLD HE WOULD HEAD REUTERS, THE INTERNATIONAL NEWS AGENCY ... (READ, 1992)¹².

O domínio da Agência Reuters depois de um século e meio é uma demonstração evidente do poder das notícias (READ, 1992, p. vi): “a notícia informa, a notícia alerta, a notícia motiva”. Julius Reuter fez sua fortuna levando em conta esse poder. A Agência Reuters foi uma instituição nacional e imperial, era “a Agência de Notícias do Império Britânico”. Dos anos 1960 a 1990 do século XX, a Reuters havia se transformado de uma agência nacional para uma instituição mundial. A história “oficial” da Reuters foi publicada em 1992 com o título *The Power of Reuters*, é um relato extenso e detalhado da trajetória da empresa e das pessoas que a constituíram. Palmer, Boyd-Barrett e Rantanen (1998, p.61) destacam que o fundador da agência Reuters, Paul Julius Reuter, não era um “repórter”, no sentido genuinamente jornalístico, mas sim, um empreendedor em sua época, quando as notícias se tornavam mais um produto de oportunidade no contexto da revolução industrial. Se, ao contrário, tivesse sido alguns anos mais tarde, poderia ter optado por ser um “homem do petróleo”.

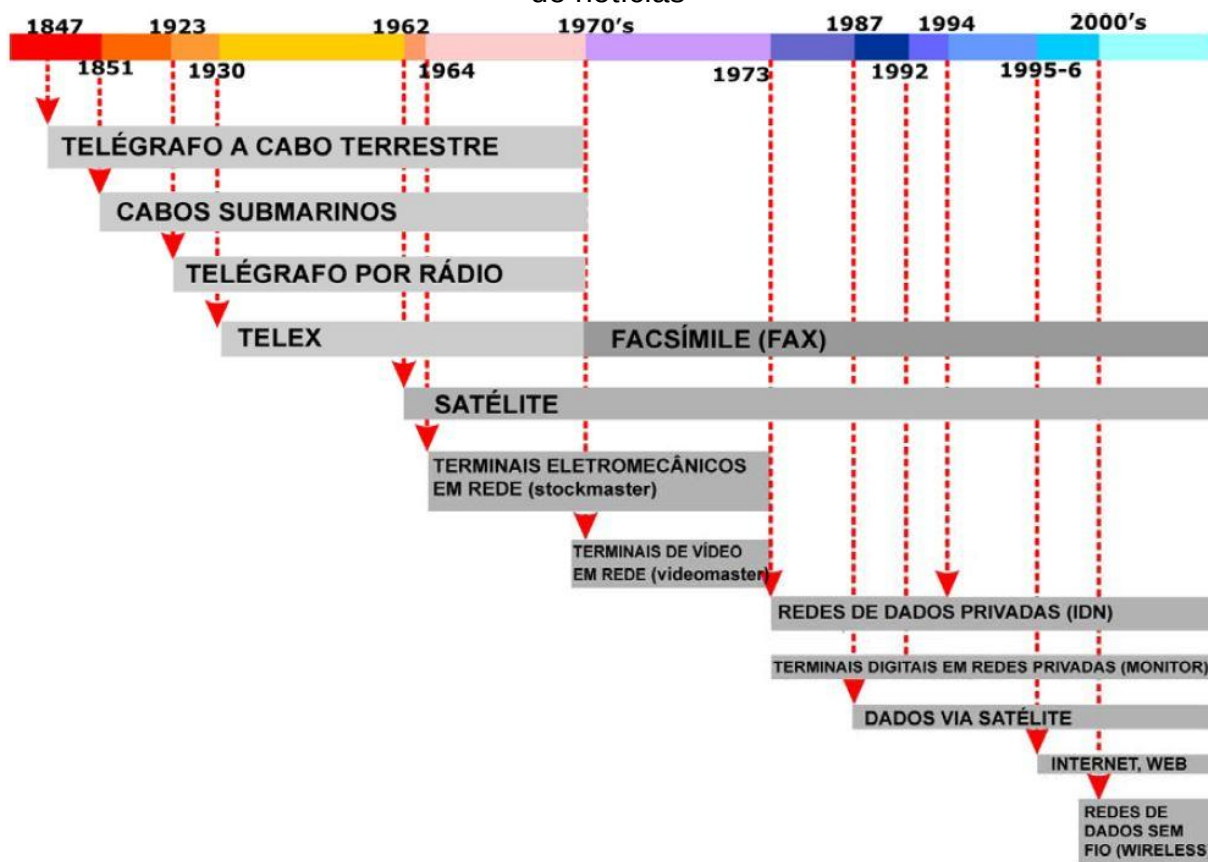
Julius Reuter nasceu em Cassel no dia 21 de julho de 1816, em uma família judia alemã. Era o terceiro filho mais novo de Samuel Levi Josaphat e recebeu o nome de Israel Beer. Seu avô Loeb Witzenhausen foi conselheiro rabinical (*judicial rabbinical adviser*) da comunidade judia de Witzenhausen e seu pai Samuel foi rabino chefe de Cassel. Já casado com Ida Maria Elisabeth Clementina Magnus, filha de um burocrata prussiano, chega a Londres em outubro de 1845 e é batizado com o nome de Paul Julius Reuter em 16 de novembro, na St. Georder's German

¹² Mensagem em formato newswire: “Cidade do Vaticano, um de setembro (1978), Reuter – Papa João Paulo disse hoje que se o antigo discípulo São Paulo voltasse ao mundo de hoje ele comandaria a Reutes, a agência internacional de notícias...” (tradução nossa).

Lutheran Chapel em Whitechapel, Londres (READ, 1992, p.6).

Donald Read (1992, p.6-7) relata o período quando o jovem Reuter trabalhava no Banco de Gotting, ainda nos anos 1830. Um episódio envolveu o matemático Karl Friedrich Gauss, cliente do Banco à época. O jovem Reuter encarregado de ser o mensageiro de um depósito do Sr. Gauss descobre uma falha na contagem dos valores e alerta o Sr. Gauss que, impressionado, convida Reuter a suas palestras sobre as aplicações das recentes descobertas sobre magnetismo; “é quando Reuters vislumbra que o sistema de telegrafia transformaria o mundo das comunicações”. A primeira patente para telégrafo foi registrada por Cooke e Wheatstone na Inglaterra em 1837 e seguida de diversos experimentos com e sem êxito, além de disputas comerciais até finalmente alcançar certa estabilidade tecnológica e econômica (Figura 3). O sistema internacional de telecomunicações que, na década de 1930, consolida-se institucionalmente na figura da ITU é uma demonstração da dimensão social da tecnologia e das condições políticas de seu uso. Três anos depois de Cooke e Wheatstone, Samuel Morse, nos EUA, registra a patente do código de traços e pontos para uso telegráfico (READ, 1992, p.7). A primeira linha inglesa, patenteada por Wheatstone e Cooke foi implantada em 1843 ao longo da ferrovia Great Western Railway nos Estados Unidos. Em 1844 entrou em funcionamento a primeira linha aberta à correspondência pública entre Washington e Baltimore. A primeira linha francesa foi instalada em 1845 ligando Paris a Rouen e a primeira ligação direta entre Paris e Londres foi inaugurada em 1851. O primeiro cabo submarino transatlântico entrou em funcionamento em 1866 instalado pela Anglo-American Telegraph Company depois de diversas tentativas mal sucedidas, em 1857, 1858 e 1865, de assentar as 1850 milhas náuticas de cabo no fundo do oceano (UNESCO, 1953, p.146).

Figura 3 — Linha do tempo dos sistemas de transmissão utilizados pelas agências de notícias



Fonte: SILVA JUNIOR, 2006, p.255.

Read (1992, p.9) sugere a hipótese de que Reuter houvera trabalhado nos escritórios da Havas em Paris no final da década de 1840. Na Agência Havas, Paul Reuter teria substituído a Bernhard Wolff, que deixou a atividade de correspondente da Havas em Berlim para fundar, em 1849, a Agência Wolff. Porém, não há documentos que possam comprová-lo. Foi um período de intensa atividade jornalística em Paris, o que incluía o noticiário político e econômico. A Bolsa de Paris influenciava a cotação das ações em todos os mercados europeus (Londres, Berlim, Milão). Reuter, Havas e Wolff acabam por dominar o fluxo internacional de notícias no continente europeu por décadas. Esse “loteamento” era formalizado de tempos em tempos, em 1859, 1870, 1890 (UNESCO, 1953, p.18-19).

Entretanto, não tardam em perceber a dificuldade em dar conta da competição generalizada em todos os pontos do mundo progressivamente anexados pelo imperialismo oitocentista às esferas econômica e geopolítica europeias (UNESCO, 1953, p.12). Em poucos anos, decidem pela criação de um cartel que repartiu o mundo entre áreas de atuação nas quais cada uma teria o monopólio,

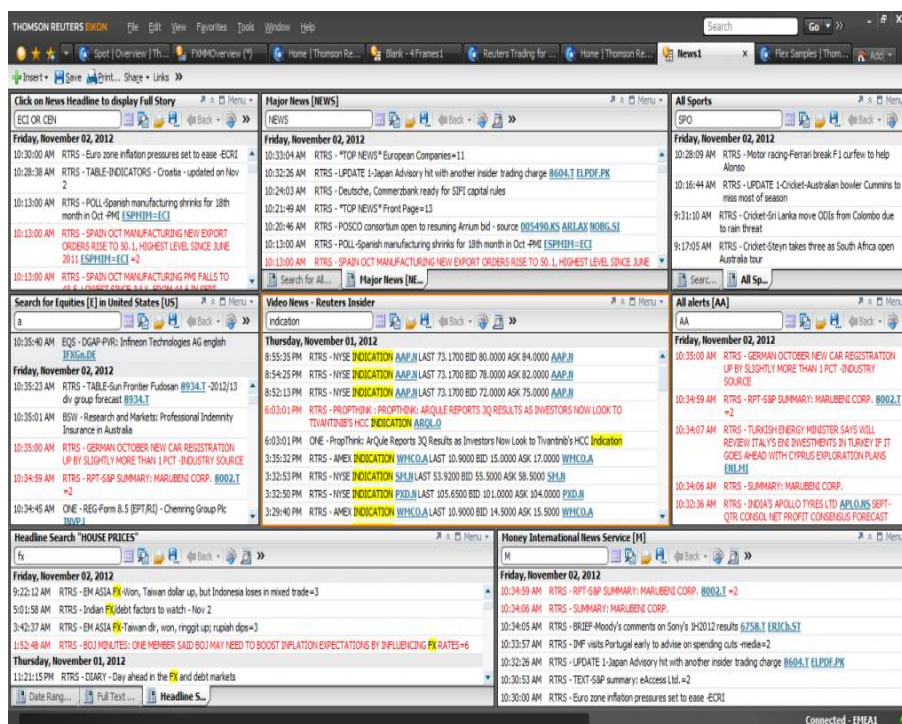
tanto sobre a apuração de notícias quando para a venda de assinaturas para a imprensa local. O cartel durou por mais de 60 anos, até a primeira Grande Guerra, quando a Wolff é debilitada com a derrota alemã e tem seu território repartido entre as concorrentes (UNESCO, 1953, p. 14).

No cenário da Guerra Fria, uma reorganização da estrutura “loteamento” de zonas de cobertura das agências de notícias, do lado capitalista, a americana AP (Associated Press), a Reuters e AFP (sucessora da Havas encampada pelo estado francês), se tornando as “Quatro Grandes” (*The Big Four*), enquanto o bloco socialista contava com a TASS como agência central, embora sem nunca exercer o monopólio na coleta e distribuição nos países satélites (SILVA JUNIOR, 2006, p. 95; UNESCO, 1953, p.14). Inicialmente, a Reuters fornecia aos corretores e comerciantes em Londres e Paris dois relatórios dos preços de abertura e encerramento das bolsas de negócios de ambas as capitais. O primeiro contrato, de 1856, entre a Reuters e as agências Havas (francesa) e Wolff (alemã) tinham por objeto o fornecimento de cotações de mercado (PALMER; BOYD-BARRETT; RANTANEN, 1998, p.61).

Em 1915, a Reuters Ltd. foi transformada em uma sociedade privada e, em 1941, foi transformada em Reuters Trust, com curadores independentes. Em 1984, tornou-se uma sociedade de capital aberto. Em 1997, a Reuters ainda se mantinha líder do mercado em meio à acirrada competição e altos gastos em pesquisa e desenvolvimento (P&D) para sistemas informáticos, redes de telecomunicações, além de produtos especializados como o terminal Eikon da Thomson Reuters que monitora notícias, dados de mercado e operações de transação (Figura 4)¹³.

¹³ Entre as empresas subsidiárias da Thomson Reuters (TRI) estão: Thomson Learning Inc.; Institute for Scientific Information, Inc.; Thomson Publishing Corp.; Medical Economics Company Inc.; Micromedex, Inc.; The MEDSTAT Group Inc.; Medical Economics Data Inc.; Intelligence Data Inc.; Thomson Bankwatch Inc.; Thomson Global Markets Inc.; Thomson Professional & Regulatory Inc.; PPC's Financial Advisory Services (FUNDING UNIVERSE, 2013).

Figura 4 — Módulo de monitoramento de notícias do Eikon (Thomson Reuters)



Fonte: REUTERS, 2014.

A competição tecnológica nos 1990, assim como nas décadas de 1830 e 1840 é decisiva (PALMER; BOYD-BARRETT; RANTANEN, 1998, p. 61). O objetivo é fornecer um fluxo de dados confiáveis e relevantes com rapidez de tal modo que seus usuários possam tomar decisões — executar uma transação —, com base em informação acurada e recente. Essa “informação” está atrelada às noções de racionalidade econômica e cálculo de risco. Como no modelo dos fisiocratas do século XVIII, que inclui a previsão de eventos climáticos e a manipulação de estatísticas de mercado (Figura 5)¹⁴. A publicidade dos terminais Eikon da Reuters promete “previsão confiável de preços, eventos climáticos e gerenciamento de risco”

¹⁴ Os fisiocratas do século XVIII procuravam obter um dispositivo, uma série de conexões [indexação?] entre elementos da realidade que torne possível encontrar um modo de frear o acontecimento [controle] e, em último grau, anulá-lo. (FOUCAULT, 2008a, p.49-50). Não visam o menor preço possível, com o aumento dos preços há o aumento dos cultivos. Um mecanismo de mercado que vai além da simples análise, é uma programação do que deve acontecer (FOUCAULT, 2008a, p.49-50).

Figura 5 — Anúncio do terminal Eikon da Thomson Reuters



Reliably predict price movements, weather events and manage risks

Fonte: EIKON, 2014.

Em certo sentido, a roda havia girado seu círculo completo, pois, em 1850, Reuter usava pombos correio para enviar as cotações de ações e *commodity's* de Bruxelas, onde terminava a linha telegráfica, até Aachen, onde começava a linha alemã (READ, 1992, p.1). Relatos de “inovações podem não ser interessantes em si mesmas, mas a maneira pela qual o mundo ouviu a notícia do lançamento da primeira bomba atômica em Hiroshima em 1945 é outra história, e está foi relatada pela Reuters” (READ, 1992, p.3). A mesma matéria prima do negócio da Reuters — notícias econômicas e políticas — tem sido a matéria da história (READ, 1992, p.2).

Para Read (1992, p.1), as novas transformações estão associadas à revolução em tecnologias de comunicação possibilitada pelo transistor e pelo microchip. Informações digitais e notícias produzidas por computadores — preços, dados de negócios, relatórios — são fornecidas pelos múltiplos canais de comunicação capilarizadas (Quadro 1) através da rede mundial de monitores pessoais (Iphones e outros) em uma economia global cada vez mais digitalizada.

Quadro 1 — Exemplos de produtos e serviços financeiros (Thomson Reuters One, 2015)

Produtos e serviços financeiros da Thomson Reuters One (2015)	
Tipo	Produto/Serviço
Soluções e Mercados	Mercados de Commodities Mercados Emergentes Ações e Derivativos Renda Fixa Câmbio Exterior Soluções de Fundos Hedge Banco de Investimentos Gestão de Investimento Finanças Islâmicas Pesquisa Quantitativa e Negociação Capital de Risco e Investimento Privado
Notícias e Dados	Gestão de Fortunas Dados corporativos Análítica Financeira Fluxo de Notícias Financeiras Dados de Mercado Pricing and Valuation Data Market Índices
Plataformas e Ferramentas Ofertas-chave	Plataforma de Transação Pesquisa de Mercado Financeiro Processamento Pós-negociação Serviços Colaborativos Thomson Reuters Eikon
Tipo	Thomson Reuters Elektron Lipper Thomson Reuters Dealing Produto/Serviço

Fonte: Thomson Reuters One, 2015.

2.3 A trajetória do modelo Dow Jones

Charles Henry Dow (1851-1902) começou sua carreira de jornalista de mercados trabalhando na Kiernan News Agency, em 1879, “tinha a tarefa de fazer sentido da acelerada e caótica especulação com ações” (EVENSEN, 2014). Em 1877, trabalhando no *Providence Journal*, Charles Dow cria um “índice de notícias” composto de um sumário de notícias de interesse histórico para os leitores, um provável modelo do “índice de ações” que desenvolverá no *Wall*

Street Journal (EVENSEN, 2013). Em 1880 Charles Dow viu uma oportunidade de criar seu próprio negócio ao associar a fórmula do jornalismo especializado no segmento financeiro e instrumentos analíticos inovadores. Em 1882, Charles Dow fundou sua agência de informações de mercado com o também jornalista Edward D. Jones, tendo a Charles Bergstresser como colaborador. Os primeiros produtos da Dow Jones Inc. foram os boletins curtos entregues pessoalmente, ao longo do dia, para os *traders* e investidores mercado de ações. Mais tarde, foi criado um resumo chamado *Customer's Afternoon Letter*, uma inovação em termos de ferramenta de comunicação para os mercados financeiros. Em 1886, lançam o Dow Jones Industrial Average, um instrumento estatístico usado para antecipar a trajetória da economia¹⁵.

O *Wall Street Journal* foi lançado em 8 de julho de 1889, produzido na Broad Street nº 26, no núcleo financeiro de Nova York (DOW JONES INC., 2013). Em 1897, foi a vez do “Ticker”, outra inovação tecnológica, dessa vez tornando possível uma comunicação contínua usando uma forma abreviada e codificada (usando siglas padronizadas) das cotações de ações, seguindo a fórmula *newswire* (que havia sido um uso especializado de agências para a rede de telégrafos). Esse dispositivo se tornou um mecanismo fundamental para a comunidade de investimentos. Em 1926, a versão eletrônica do “Ticker” em tempo real foi desenvolvida pelo departamento de engenharia da Dow Jones.

As novas tecnologias de telecomunicações do final do século XX — digitalização e rede mundial de computadores — reduzem drasticamente a receita da mídia impressa, uma das âncoras da fórmula empresarial da Dow Jones (2013). Em 2007, a Dow Jones é comprada pela News Corporation de Robert Murdoch, e é integrada ao negócio global de mídia que inclui a Fox, a SKY, a Harper Collins, além de jornais em Londres e Sydney. À continuação, o *Wall Street Journal* aumenta a cobertura de assuntos de interesse geral e notícias políticas. Os novos investimentos, da News Corporation, ampliam os serviços de inteligência de negócios e expande a atuação nos mercados da Europa e Ásia (Figura 6); e, em 2010, passa a operar em uma *joint venture* com o CME Group, o Chicago Mercantile Exchange (DOW JONES INC., 2013).

¹⁵ O grupo de ações era composto por nove ferrovias e duas empresas de transporte marítimo, que tinham grande volume diário de compra e venda e cuja variação constituía uma “média de mercado” (AMERICAN NATIONAL BIOGRAPHY, 2014).

Havia rumores, em 1997, que a Bloomberg tentaria comprar a Dow Jones (NAPOLI, 1997). Mas, a representante da Bloomberg, Elizabeth DeMarse, contestou a notícia, argumentando que o alto preço — US\$1.6 bilhões — que a Dow Jones pagou pela Telerate (o que equivaleria a US\$16.000 por cliente) poderia causar um conflito de culturas, caso houvesse a fusão das duas empresas, pois “a Bloomberg podia conquistar seus clientes sem ter que comprá-los” (NAPOLI, 1997).

Figura 6 —Lista de bureaux do WSJ e da Dow Jones na Ásia

Bureaus in Asia	WSJ	Dow Jones Newswires
Bangalore, India	NO	YES
Bangkok, Thailand	YES	YES
Beijing, China	YES	YES
Canberra, Australia	NO	YES
Hanoi, Vietnam	NO	YES
Hong Kong	YES	YES
Jakarta, Indonesia	YES	YES
Karachi, Pakistan	NO	YES
Kuala Lumpur, Malaysia	YES	YES
Manila, Philippines	YES	YES
Melbourne, Australia	NO	YES
Mumbai, India	YES	YES
New Delhi, India	YES	YES
Seoul, South Korea	YES	YES
Shanghai, China	YES	YES
Singapore	YES	YES
Sydney, Australia	NO	YES
Taipei, Taiwan	YES	YES
Tokyo, Japan	YES	YES
Wellington, New Zealand	NO	YES
Total in Asia	13	20
Total	47	79

Fonte: DOW JONES, 2015.

2.4 A trajetória do modelo Bloomberg

Em 1981, Michael Bloomberg deixou seu cargo de chefe da operação de *equity trading* na seguradora Salomon Brothers em Nova York, onde iniciou como administrador contábil no final dos anos 1960, depois de formar-se em Engenharia pela Universidade John Hopkins e obter o MBA em Harvard. Seu direito de venda das ações que acumula no período de serviços à Salomon resultou em uma pequena fortuna de cerca de 10 a 20 milhões de dólares aos 39 anos de idade (FINANCIAL UNIVERSE, 2013).

Com a experiência dos mercados financeiros e na operação do sistema interno de computação da Salomon Brothers, somada à ajuda de técnicos em computação, Bloomberg desenhou um sistema computadorizado de informação financeira que permite às empresas de Wall Street, em tempo real, monitorar dados do mercado, fazer cálculos e projeções, acessar consultoria analítica e legal, além de proporcionar comunicação entre *traders*, via um terminal instalado na mesa do usuário. Em 1982, ele lança a Innovative Marketing Systems (IMS) que obtém apoio da Merrill Lynch. Em 1983, Michael Bloomberg e os sócios Duncan MacMillan, Chuck Zegar e Tom Secunda fazem uma demonstração do protótipo.

Com o sucesso dos resultados, a Merrill Lynch encomenda vinte terminais, com opção de mais mil, e se torna sócia do negócio. No final dos anos 1980, já havia vinte empresas concorrentes no mercado (FUNDING UNIVERSE, 2013). Entretanto, uma rápida evolução dos seus negócios deixa Bloomberg livre para outros empreendimentos e, em 1990, ele lança a Bloomberg News, formada por uma equipe de seis pessoas lideradas pelo editor chefe Matthew Winkler, ex-repórter do *Wall Street Journal*, convidado por Michael Bloomberg, dá início ao serviço de notícias com base em Nova York.

O serviço Bloomberg Professional® produzido pela Bloomberg LP é, nas palavras de Carol Loomis (2007), "um rolo compressor de Wall Street que atropelou os concorrentes e mudou a forma como a informação financeira é fornecida aos clientes." Abrangendo nove setores — governo, grandes empresas, hipotecas, mercados monetários, títulos municipais, opções, ações, commodities e moedas — o serviço coleta informações sobre 136 mil ações, e a divisão de notícias emprega 2.300 pessoas, responsáveis por gerar mais de 5000 notícias todos os dias. Existem 250 mil terminais da Bloomberg em uso no mundo, sendo 26 mil novos

clientes em 2006 (HOLLER, 2008).

Em 1993, a Bloomberg News foi admitida no Clube de Repórteres da Bolsa de Valores de Tóquio e no Clube de Imprensa Klisha. O Clube de Imprensa Klisha controla as salas de imprensa nas agências de governo do Japão e decide quais organizações têm a permissão para fazer perguntas nas conferências de imprensa, além de receber cópias dos *releases* de imprensa mais cedo.

Em 1994, a Rede de Televisão Bloomberg dá início às emissões criando um o primeiro canal de notícias de financeiras e de investimento com programação vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, associada (*sindicated*) a programas de rádio e TV e portal de notícias e serviços e monitoramento de mercados na Internet (Figura 7). A Bloomberg descreve seus produtos e serviços e principais marcas:

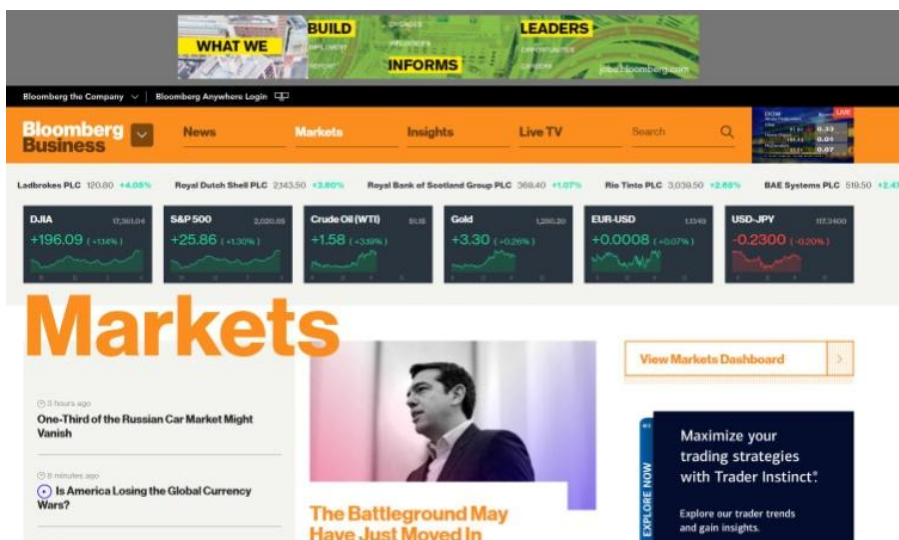
A Bloomberg é líder no *negócio global e informações financeiras e notícias*. Oferece a tomadores de decisão influentes uma vantagem crítica, ligando-os a *uma rede dinâmica* de informações, pessoas e ideias. A força da empresa - o fornecimento de *dados, notícias e análises* através de *tecnologia inovadora*, com rapidez e precisão - é o cerne do serviço Bloomberg Professional, que fornece informações financeiras em tempo real para mais de 320 mil assinantes em todo o mundo. As soluções empresariais da Bloomberg estão assentadas sobre a força do núcleo da empresa, aproveitando a tecnologia para permitir aos clientes *acessar, integrar, distribuir e gerenciar* dados e informações entre as organizações de forma mais eficiente e eficaz. Através Bloomberg Government, Bloomberg New Energy Finance e Bloomberg BNA, a empresa fornece dados, notícias e análises para tomadores de decisão em setores além das finanças. A Bloomberg News entrega, através do serviço Bloomberg Professional, televisão, rádio, celular, Internet e três revistas, Bloomberg Businessweek, Bloomberg Markets e Bloomberg Pursuits, *a cobertura do mundo* com mais de 2.400 profissionais de notícias e multimídia em 150 escritórios em 73 países. Com sede em Nova York, a Bloomberg emprega mais de 15.500 pessoas em 192 localidades ao redor do mundo. (BLOOMBERG..., 2014, grifos e tradução nossos).

Linda Napoli, jornalista do New York Times, observou, em uma visita à sede mundial da Bloomberg na Park Ave de Manhattan, que “os jovens funcionários demonstravam cultivar o homem, o império e a visão” (NAPOLI, 1997) e explicou:

Bloomberg é um homem extremamente visível, no entanto preferiu escrever sua biografia antes que outro fizesse: “seria perigosos que um *auter ego* (rogue writer) usando de liberdades jornalísticas comercializa-se a verdade. [...] O paradoxo se estende a sua visão da tecnologia. Formado em Engenharia pela Universidade John Hopkins, obteve o MBA em Harvard. Em sua mesa ainda mantém a

régua de cálculo: “Outras pessoas devem ser mais espertas do que eu, já que conseguem usar calculadoras e ver as relações; eu acho que as calculadoras encobrem.” Ele diz que escreveu seu livro em blocos de notas. (NAPOLI, 1997).

Figura 7 — Tela do website da Bloomberg Business



Fonte: BLOOMBERG..., 2015.

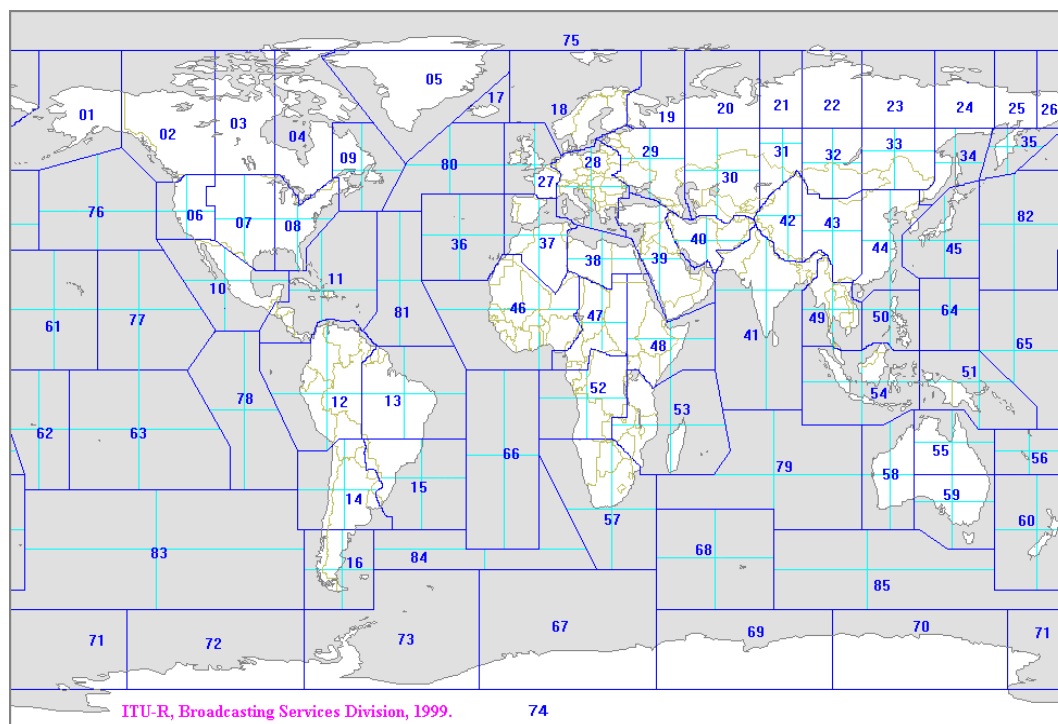
Entre os 450 prêmios jornalísticos da Bloomberg News, está a reportagem “Lifting the Veil: Investors Pay Price When Companies Keep Mum” (Levantando o Véu: investidores pagam um preço quando as organizações ficam mudas, tradução nossa). Essa série provocou a implementação de regras de regulação da Comissão de Valores Mobiliários (*Securities and Exchange Commission*), segundo as quais empresas deveriam informar da mesma forma a todos os investidores (BLOOMBERG, 2011).

2.5 A geopolítica do mercado mundial de telecomunicações

O território das políticas de informação não coincide com as divisões geopolíticas dos estados-nação. Braman (2009a, p.12) vê a emergência de uma nova forma de autoridade política atuando junto ao conjunto de Estados nacionais tradicionais e a emergência do “Estado informacional”, aquele que se especializa no uso de informação enquanto poder. São formas que requerem uma ampla infraestrutura informacional para criação, processamento, fluxo e uso da informação. Pode-se observar que a natureza da operação dos sistemas de comunicação, baseados no espectro eletromagnético tende a divergir da divisão do espaço

geopolítico, entretanto, a ação política condiciona a organização do sistema como se pode ver no mapa de distribuição de zonas de radiofrequências definido na Conferencia Internacional de Radiodifusión por Altas Frecuencias de 1948 para emissão de ondas curtas (Mapa 1).

Mapa 1 — Mapa Mundi – Partição territorial de zonas de radiofrequência CIRAF - ITU (1999)



Fonte: ITU, 1999.

A International Telegraph Union (ITU), criada em 1875 e, posteriormente, transformada em International Telecommunications Union (1932) configurou o modelo pioneiro (Quadro 2) de organização supranacional do segmento de TIC (BRAMAN, 2009c, p.4):

Fundada sobre o princípio da cooperação internacional entre governos e setor privado (membros do setor, associados e academia), a ITU é o fórum global principal através do qual as partes podem trabalhar no sentido de um consenso sobre uma ampla gama de questões que afetam o futuro direcionamento da indústria. Em outubro de 2010, a ITU abriu oficialmente o seu trabalho à academia, universidades e seus centros de investigação associados por um período experimental de quatro anos (ITU, 2015, p. 8, tradução nossa).

A seguir o Quadro 2 destaca as funções de coordenação, criação e

manutenção dos padrões de acesso ao sistema, direcionamento da pesquisa e das suas aplicações industriais visando a coesão do sistema (redes), além de liderar os processos de implantação de novas tecnologias, articulando as relações entre setor público e o privado com atuação na formação profissional e na disseminação de conhecimento técnico.

Quadro 2 — Atividades da ITU (2015)

Atividades da ITU (2015)	
Funções	Ações
Coordenação	Coordena os satélites mundiais através da gestão do espectro e órbitas, trazendo a televisão, instruções de navegação por satélite, informações sobre o tempo e mapas on-line, e permitindo comunicações até mesmo nas partes mais remotas do planeta. Viabiliza comunicações de continuar a trabalhar durante os desastres e emergências.
Acesso	Torna o acesso à Internet possível. A maioria das conexões de Internet é facilitada por padrões ITU.
Redes	Apoia e orienta a indústria das TIC na construção de redes de amanhã.
Padrões	Lidera (<i>powers</i>) a revolução móvel — padrões para redes de transporte, entre outros, torna possível as emissões e comunicações de banda larga.
Institucional	Trabalha com parceiros dos setores público e privado para assegurar que as TIC e os serviços sejam acessíveis, equitativos e universais.
Políticas	Capacita as pessoas em todo o mundo através da educação e formação em TIC.

Fonte: Adaptado de ITU, *Committed to connecting the world*, 2015, p.13, tradução nossa.

As agências de notícias internacionais são, historicamente, um componente chave na operação dos sistemas de informação e telecomunicações dos séculos XIX e XX (READ, 1992, p.22-26). Para Barrett e Ratanen (1998, p.5), as agências de notícias são importantes não apenas como um primeiro modelo de organização operando globalmente, mas também atuando “na produção e distribuição mundial de consciência”, através da comoditização das notícias, além de implicações significativas para as concepções de tempo e espaço, e para a constituição dos estados nacionais. Sem esquecer seus impactos nos processos de industrialização

e de urbanização, assim para a difusão da racionalidade técnica e de questões relativas à democratização¹⁶. A noção de “agenciamento” em oposição à “estrutura” tem conotações não apenas com o sentido instrumental de delegação e intermediação, mas também com o sentido político de representação (PITKIN, 2006, p. 22). Sentidos que são cruciais para o estudo dos processos de globalização.

Em parte isto tem que ver com a aglutinação territorial dos estados-nação e da dialética no centro da modernidade entre formação nacional e formação global. As agências constituem um componente vital no arsenal do estado-nação; antes e agora as agências estavam entre o grupo de instituições que os novos estados-nação deveriam possuir para afirmar sua credibilidade e projetar (ou controlar), a disseminação de sua “imagem nacional” nos mercados globais. [...] As agências nacionais foram como cavalos de Troia da globalização através das relações exclusivas que tiveram que estabelecer com as principais agências de notícias globais do cartel do século XIX, em particular Reuters, Havas e Wolff. (BOYD-BARRETT; RANTANEN, 1998, p.5, tradução nossa).

Nas décadas de 1840, a Agência Reuters procurava usar os meios de comunicação em demanda crescente — ferrovias e telégrafos — para transmitir notícias financeiras e políticas na Europa continental. Na Alemanha, um antigo colaborador da Havas, Bernard Wolff, havia se torna diretor do jornal *National-Zeitung* em Berlim e, em 1848, funda a Agência Wolff, tendo como sócio a Werner von Siemens, fundador da Siemens AG em 1847. Eles organizam um clube de imprensa, incluindo empresas de diversos segmentos, para montar um “serviço de notícias”, visando reduzir os altos custos dos envolvidos (UNESCO, 1953, p11). Mais uma vez são os financistas os primeiros clientes do negócio, que começava com a coleta e distribuição das cotações das Bolsas de Hamburgo, Frankfurt, Main e Paris.

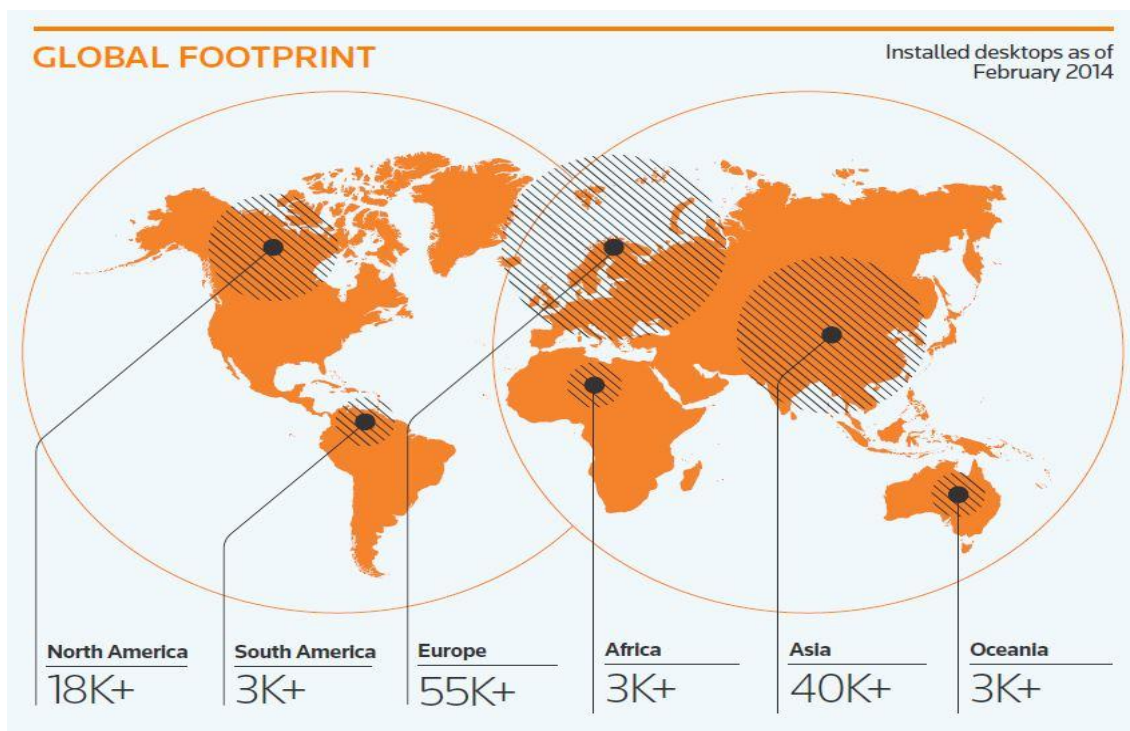
O surgimento das agências de notícias nos EUA teve uma trajetória paralela à europeia. Em 1948, um grupo de jornais de Nova York também organizava uma associação para dividir os esforços do envio de “embarcações de notícias” (*news boats*) interceptando navios vindos da Europa para coletar as notícias antes que os barcos atracassem no porto. Com o nome de Harbour News Association é apontada como a primeira organização cooperativa de coleta de notícias nos EUA. Funcionou até 1857 quando se associou a outra agência, a Telegraphic and General News Association, fundada em 1850, para constituir a New York Associated Press

¹⁶ Temas abordados por Terhi Rantanen (1997) em “The globalization of news in the 19th century”. *Media, Culture and Society* Sage, v.19, n. 4, p. 605-620.

(UNESCO, 1953, p11).

A batalha por monopólios entre grupos do leste e do oeste, a Western Associated Press, culminou, entre idas e vindas em intensos rearranjos entre associações, com a transferência da Associated Press de Illinois para Nova York dando origem à organização que existe até os dias de hoje a Associated Press (AP). Os movimentos de consolidação das associações de imprensa no Leste não incorporam a United Press Association (UP) que se consolida, junto à INS (International News Service) de W. Hearst, como únicas alternativas ao poder da AP. Entretanto é possível afirmar que até 1870 havia apenas três agências genuinamente mundiais — a Havas francesa, a britânica Reuters e a alemã Wolff (UNESCO, 1953, p18). Em 1923, a Reuters, pioneira no uso de rádio para transmitir notícias a nível internacional, em 1962, pela primeira vez, via satélite, e no início do século XXI controla a maior rede de satélite e cabo do mundo, com escritórios e clientes em todo o mundo. Os mais de 120.000 terminais de negociação da Thomson Reuters estão espalhados por todo o globo, mas com presença especialmente marcante na Europa e Ásia (Mapa 2).

Mapa 2 — Mapa sobre presença mundial da Thomson Reuters (2014)



Fonte: REUTERS, 2014.

O modelo das agências de informação financeiras e suas práticas de operação internacional, desde sua forma mais embrionária (Reuters e Wolff), significaram um movimento em direção a formas transnacionais de produção e controle da informação. Por esta razão, Boyd-Barrett e Ratanen (1998, p.2) consideram que problemas que no passado eram abordados a partir de noções como dominação e iniquidade davam consistência a conceitos como imperialismo cultural e imperialismo midiático. Porém, agora, parecem recair sob a noção de globalização. O papel das agências de notícias contribui com movimentos de consolidação regional e institucional de centros de poder, onde ele ainda é fragmentado e contestado:

As notícias contribuíram para a formação da identidade nacional; para o imperialismo e para controle das colônias; foi um lubrificante essencial para o dia-a-dia dos negócios financeiros, intra e entre mercados. [...] A coleta e disseminação dessa mercadoria foi organizada e racionalizada tanto para clientes mídia, como para clientes não-mídia por um grupo de agências poderosas, agindo globalmente e como cartel. Portanto, as ligações entre modernidade, capitalismo, notícias, agências de notícias e globalização são expressivos, porém negligenciados nos últimos 150 anos. (BOYD-BARRETT; RATANEN, 1998, p.2).

Uma definição restrita de “políticas de informação” abrange questões como o acesso à informação de governo e transparência, contudo, há também um uso ligado às técnicas de propaganda da primeira Guerra Mundial. Uma noção de desenvolvimentista de “políticas de informação”, nacionais e abrangentes, foi intensamente debatida nas décadas de 1970 e 1980, por governos nacionais em congressos e fóruns internacionais sob o título New World Information and Communication Order — NWICO (UNESCO, 1980). As discussões abrangentes sobre a dimensão política da informação constituíram uma virada na valorização das “políticas de informação” (BRAMAN, 2011, p.2). As políticas de informação abrangentes se integraram a um “espaço” informacional caracterizado por práticas hegemônicas estendendo-se além do alcance de leis e regulações (BRAMAN, 2009a, p.11): “é um espaço onde as políticas públicas ainda não puderam ser decididas ou implementadas”. No espaço informacional usa-se o controle da informação para produzir e reproduzir territórios de poder e esculpir áreas de

influência autônoma através de estruturas de redes¹⁷. Manuel Castells (2009, p.32) classificou a informação que trafega nas redes de telecomunicações dos mercados como mecanismos essenciais para o capitalismo financeiro globalizado operando um mecanismo que chamou de “a mãe de todas as valorações”:

[...] na economia de redes, a camada dominante é a esfera financeira, a mãe de todas as valorações. Também é conformada por turbulências da informação de várias origens, processada e comunicada por redes de computadores que constituem o sistema nevrálgico da economia capitalista informacional [...]. (CASTELLS, 2009, p.32).

O tema da globalização dos processos de informação foi alvo de intensa discussão no âmbito das Nações Unidas (ONU), em 1953¹⁸. O levantamento da UNESCO (1953, p.9) descreveu as agências como “organizações voltadas para o fluxo de informações estratégicas, coletavam e distribuíam informações sobre guerras ou flutuações em cotações de ações (títulos ou *commodities*) em diferentes mercados” distribuídos por todo o globo:

Para o homem comum, sua fonte de notícias está no jornal, no rádio, no jornal cinematográfico e no documentário, mas foi necessário um estudo específico para entender o modo pelo qual o material bruto das notícias chega aos veículos e compreender o funcionamento entre agências mundiais e agências nacionais e as relações entre elas. (UNESCO, 1953, p.7, tradução nossa).

Outro relatório sobre as estruturas e práticas de geração, acesso e difusão da informação, resultante de amplo debate em foros internacionais, foi publicado em 1980. O documento destacou as preocupações de quase oitenta novos Estados constituídos na segunda metade do século XX que passam a integrar a ONU¹⁹. Os processos de independência, associados aos movimentos de descolonização e emancipação, contudo, não eliminaram a dependência informacional e tecnológica de um grande número de nações cujo desenvolvimento estava, então, concentrado em quinze grandes corporações concentradas em cinco países (Tabela 1).

¹⁷ Ver produtos FXall e TradeWeb da Thomson Reuters (Quadro 3, p. 58).

¹⁸ As grandes agências de notícias têm funções políticas, econômicas e ideológicas quando vistas como práticas em uma cadeia produtiva, e não apenas como produto ou suporte tecnológico simples, “agência” é diferente de “veículo”, observa Aguiar (2009, p. 3).

¹⁹ Para as novas hierarquias decorrentes do novo arranjo geopolítico incorporando os novos Estados-nação, ver “Box 48” em Albagli (1998, p.48).

Tabela 1 —As quinze maiores corporações do setor de informação e comunicação (1977)

Posição	Corporação	Vendas (US\$ milhões)	Empregados
1	IBM (EUA)	14.436	288.647
2	General Eletric (EUA)	13.399	375.000
3	ITT (EUA)	11.367	376.000
4	Philips (Holanda)	10.746	397.000
5	Siemens (FRG)	7.759	296.000
6	Western Eletric (EUA)	6.590	152.677
7	GTE (EUA)	5.948	187.110
8	Westinhouse (EUA)	5.862	166.048
9	AEG-Telefunken (FRG)	5.187	162.100
10	North American Rockwell (EUA)	4.943	122.789
11	RCA (EUA)	4.789	113.000
12	Matsushita (Japão)	4.677	82.869
13	LTV (EUA)	4.312	60.400
14	XEROX (EUA)	4.094	93.532
15	CGE (França)	4.072	131.000

Fonte: UNESCO, 1980.

Nota: Citado por Cees Hamelink, The Corporate Village (Rome: IDOC Europe Dossier 4, 1977).

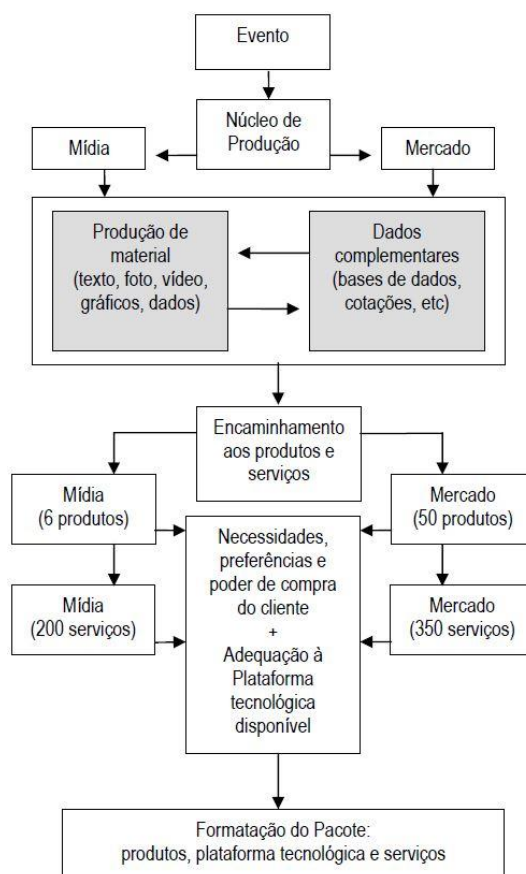
A independência política era restrita e dificultada pela dependência econômica, e especialmente pela natureza da divisão internacional do trabalho entre nações desenvolvidas e em desenvolvimento (UNESCO, 1980, p.34). Mas, sobretudo, segue o relatório, tem se tornado cada vez mais evidente que os efeitos da dependência intelectual e cultural são tão sérios quanto a sujeição política e a dependência econômica:

Não só estes conglomerados mobilizam capital e tecnologias e a transferem para o mercado de comunicações, eles também colocam no mercado inúmeros bens de consumo socioculturais que servem de veículo para uma amálgama de ideias, gostos, valores e crenças. Os transnacionais exercem influência direta no aparato de produção econômica dos países nos quais operam, assim como tomam parte na comercialização de sua cultura, e pode, portanto modificar o foco sociocultural de toda uma sociedade. (UNESCO, 1980, p.39).

Boyd-Barrett (1998, p. 2) ressalta o exemplo das grandes agências de notícias na articulação transnacional dos processos de produção e difusão da informação. O autor destaca o caso da expansão da Reuters, que nos anos 90 se encontrava em 48º lugar no ranking das 500 maiores empresas europeias, então a

12ª empresa mais valiosa na bolsa de Londres: “[A Reuters] é o fio condutor mundial das transações entre mercados financeiros e opera o fornecimento e distribuição de informações em 150 países”. O levantamento da estrutura e operações mundiais das agências de notícias coloca em evidência o papel destacado destas organizações e seu intrincado sistema de operações (ESPIRIDIANO, 2011) delineado no esquema de distribuição de produtos e serviços nas plataformas da Agência Reuters ao final da década de 1990 (Figura 8)²⁰.

Figura 8 — Esquema de distribuição de produtos e serviços nas plataformas da Reuters



Fonte: SILVA JUNIOR, 2006, p. 217.

²⁰ Os jornalistas de “agentes” constituem cerca de 6% dos jornalistas, “a tribo mais desconhecida do público” (NEVEU, 2005, p.62): “E, entretanto, sem eles a maior parte dos meios de comunicação estaria sem condições de funcionar, já que é a partir das notícias que passam pelo “fio” das grandes agências (France Presse, Reuters, Associated Press...) que o acontecimento penetra nas salas de redação e as municia para o combate. A agência é uma “mídia da mídia”, pois desempenha, para as empresas de comunicação com redações esvaziadas, o papel de um fornecedor cujo fluxo de matérias ou imagens (Reuter TV, APTN) permite — depois de um trabalho maior ou menor de reescrever e editar — preencher as páginas do jornal ou da revista contratante (PALMER, 1983). [...] Com seus colegas de canais de informação permanentes, o agente também tem por singularidade ser o personagem-chave de uma geopolítica da informação em que está em jogo a presença de culturas e visões nacionais sobre um mercado globalizado (TUNSTALL, 1977)”.

Em 2012, as controvérsias acerca das relações fraternais entre empresas de comunicação e políticos revelaram o alcance da influência dessas organizações no interior dos aparatos de Estado (UNIÃO EUROPEIA, 2013). No centro do debate da geopolítica da informação, estão os oligopólios de comunicação e a consequente ameaça à democracia e ao autogoverno, destacou a comissão HLG-EU²¹. O entrelaçamento entre capital transnacional, empresas de telecomunicações e agências globais de informação aponta para a concentração do “poder de informacional” global em centros de poder corporativo e de governo, como demonstraram levantamentos abrangentes elaborados por organizações internacionais (UNESCO, 1953; UNESCO, 1980; UNIÃO EUROPEIA, 2013; ITU, 2014). As novas tecnologias têm oferecido alternativas aos modelos tradicionais de negócios, o que acarretou uma crescente pressão para “consolidação” (fusões) e “racionalização” (concentração de recursos) entre os membros tradicionais da indústria com potencial impacto para o pluralismo (UNIÃO EUROPEIA, 2013, p.26).

As grandes agências de notícias são tradicionalmente conhecidas como os principais “atacadistas das notícias”, ou a “mídia da mídia” na expressão de Espiridião (2011, p.104). Nigel Baker (2004), diretor executivo e CEO da Fundação Thomson (associada ao grupo Thomson Reuters), descreve as grandes agências como “os gigantes invisíveis operando uma revolução silenciosa”. Essas organizações, com presença global, têm uma estrutura operacional ao mesmo tempo vertical e horizontal, aberta e fechada, invisíveis e ubíquas:

O desenvolvimento do conceito de “notícia” como um processo inserido no coração do capitalismo moderno e também ilumina os processos de globalização que o capitalismo moderno ajudou a gerar. [...] “Notícias” representaram a reconfiguração da “informação” como uma mercadoria (*commodity*) produzida e distribuída com três funções: comunicação política, comércio e prazer, e dirigida de forma geral pela tecnologia (ex. telegrafo), cientificismo (ex. a crença no valor dos “fatos”), e o desenvolvimento dos mercados de mídia de massa. (BOYD-BARRETT; RATANEN, 1998, p.1).

²¹ “A existência de um “campo” [Bourdieu] significa um “espaço social estruturado, um campo de forças, implica a existência de: (i) um número limitado de “jogadores”, isto é, agentes sociais que querem mobilizar o jornalismo como recurso para as suas estratégias de comunicação; (ii) um *enjeu* ou prêmio que os “jogadores” disputam, nomeadamente as notícias; e (iii) um grupo especializados, isto é, profissionais do campo, que reivindicam possuir um monopólio de conhecimentos ou saberes especializados, nomeadamente o que é notícia e sua construção. [...] Para o sociólogo francês, ao longo do século XIX, foi diminuindo a importância do “pólo político” no campo jornalístico. No campo jornalístico contemporâneo dois polos — o pólo intelectual e o pólo econômico — tornaram-se dominantes (TRAQUINA, 2005, p.27). As notícias são uma construção social (TRAQUINA, 2005, p.28).

O analista dos sistemas de comunicação contemporâneos, Robert McChesney (2000), define as grandes agências como “um segundo laço” (*second tier*) do “império da mídia” (ESPIRIDÃO, 2011). O jornalista Nick Davies (2008), no livro *The Flat Earth News*, descreveu com detalhe as práticas ilegais conduzidas por grandes organizações de mídia associadas à elite política do Reino Unido. Davies considera a atividade das agências, hoje, mais relacionada ao gerenciamento de risco do que com a prática jornalística; ele argumenta que em mais de 100 países, dos 193 representados na ONU, não há qualquer presença de agências de notícias. Em comunicação científica apresentada na SBPJor, sobre as práticas das grandes agências, Espiridião (2011, Tradução nossa) afirma: “O papel das agências tem sido criar modelos de exploração e disseminação da informação através da oferta de serviços de maneira descentralizada”.

No artigo “New Agency Majors: Ownership, Control and Influence Reevaluated”, publicado no *Journal of Global Mass Communication*, Oliver Boyd-Barrett (2008, p.60) observa que grande parte da literatura sobre as grandes agências de notícias pressupunha que as principais agências, eram agências “generalistas”, possivelmente em razão do noticiário político e o papel desempenhando em relação ao interesse público e a democracia, em oposição ao caráter “especialista” das agências de informações financeiras. Entretanto, para Boyd-Barrett, o domínio das agências especializadas no segmento financeiro refuta este pressuposto de duas maneiras.

A primeira, destacando a ênfase crescente da Reuters no segmento econômico e financeiro. A empresa desenvolveu nos anos 60 seu próprio sistema de hardware/software e lançou o serviço Stockmaster — informação computadorizada de Bolsas —, seguido pelo Videomaster (1968) — dados acessíveis em tela de vídeo —, e depois o Money Monitor (1973) — o primeiro de uma série de monitores fornecendo fluxo de dados em tempo-real (*real-time*) de Mercados Externos e Mercados Financeiros —, e seguido pelo Dealing Service (1981) — permitia aos corretores (*traders*) trocar informações e executar operações em menos de cinco segundos (ver READ, 1992, p.296; PALMER et al., 1998, p.66).

A segunda, de acordo com Boyd-Barrett, é o surgimento de uma gama de novos fornecedores de dispositivos de informação e comunicação especializados, entre eles a Telerate (comprada pela Reuters em 2005), mas especialmente com o crescimento nos anos 80 do século XX, dos serviços da Dow Jones, com o

Newsire — fluxo de dados de cotações e notícias, associada ao *Wall Street Journal*, ao jornal *Barrons* — tendências, mercados e empresas —, e o Factiva — monitoramento (*Business Intelligence*) de empresas, tópicos, indústrias e pessoas —, somando uma receita anua de US\$ 405 milhões²².

Desde 1984, o crescimento da receita dos produtos de informação e transação superava a receita dos produtos de mídia (PALMER et al., 1998, p.69). O Globex, que entrou em atividade em 1992, era um sistema de negociações internacionais de futuros e opções cuja criação havia sido solicitada à Reuters pelo Chicago Board of Trade (CBOT) e o Chicago Mercantile Exchange (CME) no início dos anos 80. Consiste de um sistema de encontro (*matching*) de ordens de compra/venda para contratos futuros que torna possíveis negócios durante as 24 horas do dia e mundialmente (PALMER et al., 1998, p.67).

Em 1993, a Bolsa francesa MATIF (Marché à Terme Internacional de France) se uniu aos mercados de Chicago (CBOT e CME) usando o sistema Globex. Em meados dos anos 90, o volume de transações executadas cresceu de 3 milhões no ano de 1993 para o mesmo volume nas primeiras 14 semanas de 1994. No entanto, em 1997, a Reuters comunicou que descontinuava os serviços, pois os parceiros haviam desenvolvido seus próprios sistemas. A Instinet, empresa americana fundada em 1979, tornou-se subsidiária da Reuters em 1987. No início dos anos 90, a Instinet era o orgulho da empresa fornecendo produtos de transação para profissionais do mercado global de ações e para os dos mercados de securitização (PALMER et al., 1998, p.68).

Em 1996, a Reuters Holding plc era classificada em 138º lugar da lista do FT de 500 maiores empresas do mundo em capitalização de mercados, e 35ª na lista do Europa Top 500 do FT. Entre 1996-1997, às vésperas da introdução do euro (1999), provocou a consolidação (*mergers and acquisitions*) de Bancos antecipando a redução do volume de negócios em moedas nacionais na União Europeia, o que afetou a expectativa de trades nos terminais da Reuters e outros sistemas eletrônicos de “forex” (negociação de moedas). (PALMER et al., 1998, p.67).

O movimento de consolidação da indústria através de fusões e a concentração de recursos nas principais corporações globais de mídia ganharam

²² No Brasil, a CMA é a empresa que opera um dispositivo semelhante ao modelo Reuters e Bloomberg, enquanto a Investmoney representa a fórmula clássica do jornalismo financeiro especializado.

força ao longo da primeira década do ano 2000. Em 2007, a News Corporation comprou o grupo Dow Jones Inc., que passou a ser uma divisão do conglomerado de mídia. No mesmo ano, a fusão da Reuters com a Thomson Corporation, que passou a deter 53% do controle da empresa rendeu a cifra de US\$17.2 Bilhões. Pela primeira vez na história das notícias, as quatro agências mais ricas no mundo — Associated Press, a Bloomberg, a Dow Jones e a Reuters — eram controladas por empresas sediadas apenas nos EUA e Canadá (BOYD-BARRETT, 2008, p.60), entre elas três especializadas em informações financeiras.

A influência da Bloomberg na comunidade financeira foi amplificada pelo fornecimento de fluxo de informações econômicas e financeiras através da rede da Associated Press (AP), incluindo os membros e clientes da AP nos EUA e em vários mercados nacionais através de contratos com as agências de notícias nacionais (BOYD-BARRETT, 2008, p. 62). Com quinhentos repórteres em setenta países, nos anos de 1990, a Bloomberg ampliou sua cobertura de notícias gerais. As categorias de “atacadistas” ou “globais” para diferenciação entre as principais agências perdeu sentido (BOYD-BARRETT, 2008, p.60). Isso significa uma horizontalização da cobertura e a capilarização da operação das principais agências — as “majors”. O entrelaçamento das transformações em tecnologia com os fluxos econômicos e financeiros e as condições de mercado sustentou o sucesso da Reuters dos anos 1970 ao início dos anos 1990 (PALMER et al., 1998, p.66).

Tabela 2 — Comparação entre concorrentes diretas (2013/2014)

	Fundação	Mkt Share (2011)	Receita (2013)	Nº de escritórios	Nº de funcionários
Reuters (Thomson Corp.)	1851	30%	US\$ 12,7 B	200	57.800
Dow Jones Inc. (News Corp.)	1882	1,5%	N/A	85	2.100
Bloomberg L. P.	1992	30%	US\$ 7,9 B	150	(jornalistas) 15.000

Fonte: Adaptado de Forbes; Interactive Data, Lionshares; Thomson Reuters Fundamentals and Worldscope Via Factset; Bloomberg; Eikon; The Economist, 2014.

Em 2006, a Bloomberg contabilizava vendas de US\$4,5 bilhões, com a Thomson Reuters controlando 34% do mercado de informações financeiras

enquanto a Bloomberg chegava a controlar 33% do mercado²³. A receita total aproximada da Reuters em 2007 foi de US\$ 5,1 bilhão, significando um crescimento de 6.5% em relação a 2006. Apenas 6,6% (aproximadamente US\$340 milhões) foram gerados pela divisão de mídia (Tabela 2).

²³ “Em 1997, a Reuters esteve sob investigação do FBI por suspeita de duas denúncias: a primeira, por ter obtido de modo ilegal o código fonte de operação da Bloomberg, o que permitia fazer downloads dos seus dados e acompanhar o que e como a concorrente fornecia serviços semelhantes. A segunda, que estaria havendo vazamento das informações do sistema de negociação direta entre agentes (o dealing), que era reaproveitado na agência para enfatizar a oscilação de movimento de determinadas ações. O resultado das investigações foi inconclusivo, em ambos os casos (MOONEY; SIMPSON, 2003, p.92-98,210)”. (SILVA JUNIOR, 2006, p.201).

3 O DISPOSITIVO DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO DE INVESTIMENTOS

3.1 A plataforma global de comunicação de investimentos

As “agências informações e notícias financeiras” são classificadas no item “Publicações e Notícias” no sistema de classificação *Forbes*, um subgrupo de indústrias (*Industry*), ou classificadas “Mídia” na taxonomia GICS (classificação *Business Week* – GICS). Também são descritas como “organizações de notícias financeiras em tempo-real” (*the real-time financial news organizations*), o que denota o “negócio de coleta e distribuição de informação útil para os mercados de negócios, investimento, consumo e educação nos EUA e no exterior” (FUNDING UNIVERSE, 2002). Silva Junior (2006, p.102) descreve as funções de agências “especializadas” focadas em núcleos informativos específicos, citando o exemplo da Bloomberg e a Dow Jones “para o horizonte dos negócios”, entretanto sem incluir nessa categoria a Agência Reuters, líder do segmento.

A Associação de Mercados Financeiros — FMA (*Financial Markets Association*), sucessora da *Association Cambiste Internationale* (ACI), criada em Paris em 1955, lista quarenta e sete empresas na categoria “International Press, News Agencies, etc.”, entre elas a Reuters, a Dow Jones e a Bloomberg. Essas organizações, que oferecem diferentes “pacotes” de serviços para os mercados financeiros e de negócios, construíram plataformas (infraestrutura e tecnologias) que organizam os fluxos de dados, informações e notícias que alimenta os terminais de negócios em Bolsas de Valores, em corretoras, bancos, clientes institucionais e individuais (Foto 2).

Foto 2 — Operador em plataforma de operações (dados, analítica e transações)



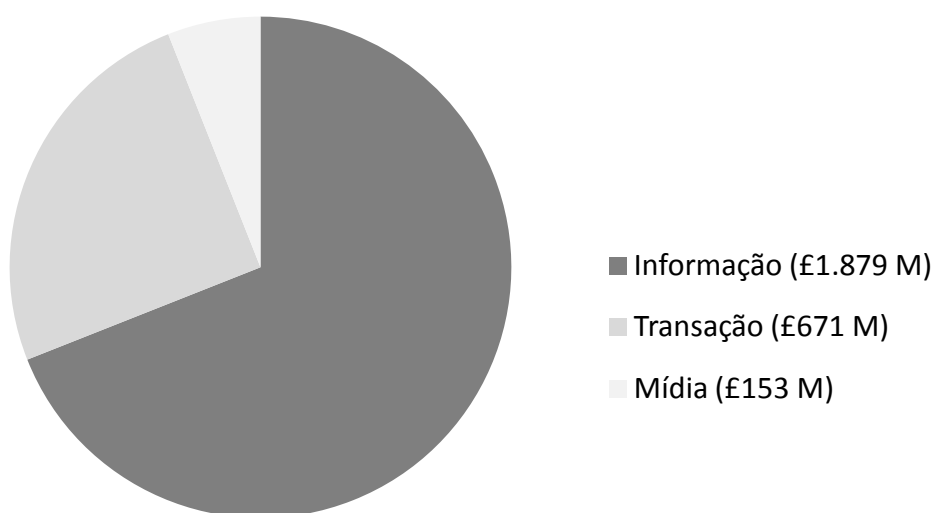
Fonte: FOLEY, 2013.

Os serviços da Agência Reuters, nas últimas décadas do século XX, após a abertura do capital em 1984 estavam divididos em três categorias (Gráfico 1): “produtos de informação” — fornece notícias e cotações em monitores dos clientes, fluxo de dados dos mercados financeiros, e os programas (*softwares*) para analisar os dados, cobertura de câmbio, futuros e opções e outros instrumentos, além de sistemas para que os clientes administrem sua própria informação (Tricarck, Teknekron e posteriormente TIBCO); os “produtos de transação” — permite aos *traders* executarem ordens de compra/venda em mercados como câmbio, futuros e opções, investidores de mercados externos (*foreign exchanges*) podem optar por dialogar com parceiros selecionados ou usar o sistema automatizado de execução (*automated matching*); “produtos de mídia” — fornece notícias em todas as dimensões de multimídia, texto, imagens de televisão, imagens fixas, sons e gráficos (PALMER et al., 1998, p.69).

Silva Junior (2006, p.199) opta por uma classificação por “variáveis” de abordagem da organização. As abordagens podem ser por núcleos de produção, produtos tecnológicos, serviços e plataformas de distribuição. O autor aponta dois núcleos na estrutura da Reuters em 1999, identificadas pelas categorias de “Mídia” e “Mercado”. A organização por área de atuação é composta por Vendas & Comércio (*Sales and Trading*), Pesquisa e Gerência de Recursos (*Research and Asset Management*) e Empresas (*Enterprise*). Enquanto a estrutura da organização vista

através dos produtos tecnológicos reúne duas “famílias tecnológicas” principais: Produtos Financeiros e Produtos Empresariais. No total, são mais de 50 sistemas de dados disponíveis. A visão da organização por “Plataformas de disseminação” inclui três sistemas alternativos: links de dados transmitidos por antena (satélites ou microondas), redes privadas com linhas exclusivas para clientes e os serviços abertos através da Internet. Já os produtos de Mídia são subdivididos em quatro grandes subáreas: Impressos, On-line, Broadcasting (TV e rádio) e Acesso Aberto (SILVA JUNIOR, 2006, p.202).

Gráfico 1— Receita por categoria de produto da Reuters (1995)



Fonte: Adaptado de PALMER et al., 1998, p.69.

Entretanto, o Relatório Anual da Thomson Reuters de 2013 anuncia uma reestruturação radical da fórmula de produtos e serviços, uma mudança descrita pela empresa como “estratégica”. A nova fórmula empresarial passa, agora, a operar através de quatro “unidades de negócios”: (i) Financeiro e Risco; (ii) Legal; (iii) Impostos e Contabilidade; e (iv) Propriedade Intelectual e Ciência (THOMSON REUTERS, 2014, p.3). Neste novo arranjo, a Agência de Notícias Reuters é listada no segmento “Corporate and Others” que inclui atividades como funções corporativas, custos de compensação de participações (*share based costs*), e também a Reuters News e o segmento de imprensa de consumo (*consumer publishing*).

Obtemos a maioria de nossas receitas com a venda de conteúdos

eletrônicos e serviços para profissionais, principalmente através de subscrição. Nossas empresas fornecem soluções, software e ferramentas de fluxo de trabalho que se integram a nosso núcleo de dados e informações. Estamos no processo de transformação da Thomson Reuters de um portfólio de negócios em um modelo de empreendimento. Acreditamos que a melhor uso da sólida base de ativos que construímos e adquiridos nos ajudará a melhor atender a nossos clientes, impulsionar o crescimento orgânico e inovação e resultar em maior eficiência decorrente da nossa escala. (THOMSON REUTERS, 2014, p.2, tradução nossa).

Entre as empresas subsidiárias da Thomson Corporation no início dos anos 2000, estavam a Learning Inc.; Institute for Scientific Information, Inc.; The Gale Group, Inc.; Jane's Information Inc.; Derwent Inc.; Thomson Publishing Corp.; Medical Economics Company Inc.; Micromedex, Inc.; The MEDSTAT Group Inc.; Medical Economics Data Inc.; Thomson Information Services Inc.; First Call Corporation; Intelligence Data Inc.; E*Link Corporation; Thomson Bankwatch Inc.; Sheshunoff Information Services Inc.; Thomson Global Markets Inc.; Thomson Institutional Services Inc.; Thomson Proxy Services Inc.; West Publishing Corporation; Compu-Clerk, Inc.; Thomson & Thomson, Inc.; Thomson Professional & Regulatory Inc.; PPC's Financial Advisory Services, Inc.; Thomson Newspapers Inc.; Thomson Canada Limited. Entre as principais concorrentes, antes da fusão com a Agência Reuters, eram a Bell & Howell Company; a Bloomberg L.P.; a Bridge Information Systems, Inc.; a Dow Jones & Company, Inc.; The Dun & Bradstreet Corporation; FinancialWeb.com, Inc.; Gannett Co., Inc.; HCIA-Sachs e a The Hearst Corporation (FUNDING UNIVERSE, 2013).

A atual controladora da Agência Reuters — a Thomson Reuters Corporation — divulga atualmente (2015) em seu *website* as seguintes categorias de “produtos e serviços”: (i) Financeiro; (ii) Governança, Risco e *Compliance*²⁴; (iii) Propriedade Intelectual; (iv) Legal; (v) Agência de Notícias Reuters; (vi) Ciências da Vida e Farmacológicas; (vii) Pesquisa Científica e Acadêmica; (viii) Impostos & Contabilidade. O relatório anual de 2013/2014 da Corporação divulgou receitas nas seguintes categorias de produtos e serviços: Financeiro & Risco (US\$ 6,5 B); Legal (US\$ 3,4 B); Impostos & Contabilidade (US\$ 1,4 B); Propriedade Intelectual e Ciência (US\$ 1 B). O Quadro 3 registra as principais marcas de produtos/serviços financeiros atuais da Thomson Reuters.

²⁴ *Compliance* é um instituto legal de vigilância, em português “conformidade”.

Quadro 3 — Principais marcas de produtos/serviços financeiros da Thomson Reuters (2015)

Principais Marcas e Produtos	Categorias	Tipo de produto/serviço e clientes alvo
Thomson Reuters Eikon	Produto principal fornece ferramentas de tomada de decisão pré-negociação, notícias, preços em tempo real, conectividade de negociação e ferramentas de colaboração.	Profissionais de investimento, vendedores, corretores, tesoureiros corporativos e analistas financeiros.
Thomson ONE	Acesso integrado a informações, análises e ferramentas entregues dentro de espaços de trabalho projetados especificamente para o fluxo de trabalho de cada cliente-alvo.	Gerentes de portfólio, analistas de buy-side e associados, bancos de investimento, consultores, advogados, profissionais de private equity, gestão de fortunas e profissionais de alto patrimônio líquido. Clientes corporativos, incluindo a estratégia de pesquisa e profissionais, tesoureiros e profissionais de finanças.
Thomson Reuters Datastream	Análise de séries temporais históricas sofisticadas que permitem a visualização de tendências e relações de classes econômica e patrimonial.	Os economistas, estrategistas, administradores de carteiras e analistas.
Thomson Reuters Elektron	Flexível, de alta performance, dados de ativos cruzados e infraestrutura de negociação.	Os bancos de investimento, gestores de ativos, custodiantes, centros de liquidez e de depósito, fundos de hedge, corretores prime, traters individuais, corretores de inter-dealers, sistemas de negociação multilateral (MTF), Bancos Centrais e administradores de fundos.
Thomson Reuters Elektron Real Time	Próxima geração de datafeeds [fluxos de dados] em tempo real.	Instituições financeiras.
Thomson Reuters Enterprise Platform	Plataformas tecnológicas modulares e robustas que permitem instituições financeiras controlarem os fluxos de informação em tempo real.	Instituições financeiras.

Continuação...

Principais Marcas e Produtos	Categorias	Tipo de produto/serviço e clientes alvo
Thomson Reuters Dealing	Produtos de conversações de negócios entre-pares relacionadas principalmente aos mercados de câmbio e monetário.	FX e traders de mercado monetário, balcão de vendas, fundos de hedge e corretores de voz.
Thomson Reuters Matching	Sistema de cruzamento de negócios anônimos que proporciona negociação em spot e encaminha FX e produtos prime de corretagem	Corretores de FX, balcão de vendas e fundo de hedge
FXall	Plataforma eletrônica global para o comércio institucional de divisas institucional com um amplo conjunto de ferramentas de execução flexível, ponta a ponta de gerenciamento de fluxo de trabalho e processamento direto	Traders atuantes, gestores de ativos, tesoureiros corporativos, bancos, corretoras/negociantes e corretoras prime
Tradeweb	Mercado eletrônico global multi-revendedor-para-cliente para a negociação de renda fixa, derivativos e produtos do mercado monetário que conecta grandes bancos de investimento com os clientes institucionais	Negociantes institucionais

Fonte: Adaptado de Thomson Reuters Annual Report 2013, p.6.

Ao considerar a notória polissemia do termo “informação”, assim como a generalidade das noções “Transação”, “Mercado” e “Mídia”, ou mesmo categorias de um “portfólio de negócios”, depara-se com noções pouco esclarecedoras dos recursos disponíveis na complexa gama de funções do dispositivo. A complexidade de classificação dessas empresas é demonstrada pela discordância entre as atribuições de classe industrial pelas taxonomias Business Week (GICS) e *Forbes*, para as empresas controladoras. Enquanto a primeira taxonomia classifica as três empresas na categoria “Mídia” (*Media*), a segunda as classifica como “*Business Services and Supplies*” para a Bloomberg, “Broadcast and Cable” para a News Corporation, e “*Print and Publishing*” para a Thomson Reuters.

Ao levar em conta o conjunto de produtos e serviços comum entre as agências desde a perspectiva do dispositivo de informação de investimentos, observa-se que a tipologia de produtos descrita por Palmer et al. (1998) — informação, transação e mídia —, não esclarece serviços característicos e essenciais como os instrumentos de controle com as funções de conformidade e governança, e os sistemas de taxonomias de indústrias na fórmula Reuters/Dow Jones. Também o conceito de “dados financeiros”, usado por Boyd-Barrett (1998; 2008), não se mostrou suficiente para descrever os produtos/serviços que compõem um quadro geral da “informação de investimento” —, pois, além de dados “financeiros”, engloba: infraestrutura de comunicação (rede de telecomunicações, comunidades de investimento e *hub* de negócios), *data centers* (arquivos e artefatos digitais), módulos analíticos (métricas e cálculos), e ferramentas de mídia (destacando as funções de *agenda setting* e construção de faticidade), e o sistema automatizado de adequação de operações de clientes a normas de *compliance* (conformidade) e governança ²⁵. Duas características específicas definem o dispositivo de informação de investimentos: (i) o conjunto de composto por infraestrutura e organização e (ii) a combinação das funções de indexação e mídia.

Na antiga fórmula, as categorias “informação, transação e mídia” representavam os segmentos de negócios (receitas) de um modelo empresarial que foi posteriormente modificado, após a fusão com a Thomson Corporation. A

²⁵ São funções da governança segundo o Banco Mundial (2013): (a) definir o direcionamento estratégico; (b) supervisionar a gestão; (c) envolver as partes interessadas; (d) gerenciar riscos estratégicos; (e) gerenciar conflitos internos; (f) auditar e avaliar o sistema de gestão e controle; (g) promover a *accountability* (prestação de contas e responsabilidade) e transparência. (BRASIL. TCU. *Referencial básico de governança*. Brasília, 2013, p. 22).

comparação das receitas dessas divisões é insuficiente para entender o “dispositivo de informação de investimentos” que atravessou as diferentes fórmulas empresariais, isto é, não aponta para o conjunto peculiar de produtos e serviços que se insere em um sistema de relações (conexões, equivalências, solidariedades) que especificam as organizações de informação e comunicação de investimentos. Tampouco refletem as funções simbólicas articuladas pelo dispositivo. A noção de dispositivo incorpora não só produtos, serviços e tecnologias, mas também modos de produção e uso, em uma perspectiva mais abrangente, isto é, enquanto produto social e espaço político. A noção de dispositivo permite uma visão complexa da informação de investimentos no sentido tecnológico e enquanto construto social.

É preciso também considerar que os fluxos maciços de capitais ao redor do mundo e as constantes mudanças nos valores financeiros implicam em processos simbólicos intersubjetivos, que inviabilizam qualquer noção de precisão ou objetividade na cobertura jornalística, especialmente durante períodos de incerteza e volatilidade (THOMPSON, 2013). Thompson (2010, 2013) reconhece três formas básicas de reflexividade da comunicação nos mercados financeiros: (i) reflexividade performativa diz respeito à necessidade de reconhecimento mútuo de modelos e da confiança nos dados; (ii) a reflexividade transactional envolve a cristalização de preços através da compra/venda de títulos ou ações e também o geração de movimentos de preços por meio de transações de alto volume que excedem os níveis de liquidez; e (iii) reflexividade de jogo, que implica o monitoramento das opiniões dos outros agentes do mercado, antecipando as suas posições de negociação e incorporando essas considerações em quadros de negociação ou esquemas. Isso significa que as decisões de investimento não depende apenas nas informações disponíveis sobre as condições do mercado, mas da antecipação do que outros agentes irão interpretar coletivamente. Valores fictícios de mercado podem ser gerados automaticamente por extensão, ou “contaminação”, a todos os ativos indexados ao preço daquelas ações em negociação.

Considerando essas observações, propõe-se a tipologia de funções, ou “soluções”, ofertadas através dos produtos e serviços. As categorias apresentadas no Quadro 4 a seguir: (i) Infraestrutura; (ii) Indexação; (iii) Analítica; e (iv) Mídia — permitem operacionalizar os conceitos visando uma melhor compreensão da função social e política do conjunto dispositivo de informação de investimentos. Observa-se que são categorias instrumentalizáveis no debate sobre os usos políticos do saber e

da tecnologia. Usou-se um procedimento de análise do conteúdo escrito (relatórios, manuais, publicidade), conforme modelo qualitativo como descrito por Valentim (2005, p.120) para o domínio da Comunicação de Massa, seguindo os procedimentos de pré-análise, exploração e tratamento dos resultados visando variáveis de ordem social e política, porém rejeitando a noção de sujeito do discurso unificado e coerente (GILL, 2002, p.246). Através da tabulação do quadro 4, buscou-se classificar de forma sistemática, porém não exaustiva, o discurso público de divulgação de produtos e serviços dos casos Bloomberg, Dow Jones, Reuters, visando destacar de forma palavras indutoras e os sujeitos envolvidos (VALENTIM, 2005, p.120). O *corpus* utilizado foi agrupado qualitativamente segundo categorias e subcategorias essenciais a partir de conceitos presentes no Quadro 8 (Apêndice A).

Quadro 4 — Tipologia de produtos e serviços

Tipo	Serviço/Produto
INFRAESTRUTURA	Banco de Dados (arquivos e artefatos digitais) Transação (mercados) Comunicação (Telecom)
INDEXAÇÃO	Codificação & Taxonomias Índices Conformidade & Governança
ANALÍTICA	Análise Técnica Gestão de Carteiras Inteligência (BI)
MÍDIA	Agenda-Setting Teia de Faticidade

O procedimento de identificação de palavras-chave do discurso de “soluções” (Apêndice A) mostrou uma malha de significados que anunciam ou procuram definir o dispositivo. As categorias foram estabelecidas pelo autor com a finalidade de identificar um núcleo comum no discurso de oferta de tecnologias de informação de investimento. São qualidades destacadas nos propósitos do dispositivo de informação e comunicação de investimentos. O “propósito” é a condição que requer que todo ato de comunicação se construa em torno de um domínio de saber, uma maneira de recortar o mundo em “universos de discurso tematizados” (CHARAUDEAU, 2005 apud SEIXAS, 2009, p.148). Como destaca Seixas (2009), corresponde ao universo de discursos dominantes, uma espécie de macro-tema que

deve ser admitido antecipadamente pelos parceiros envolvidos, sob pena de atuarem “fora de propósito”. Esse conjunto comum é, metaforicamente, designado de “soluções” — termo frequentemente e recorrente no discurso público das agências — reunido de forma objetiva a partir de peças de divulgação dos produtos, dos serviços e das empresas no período 2013-2014. As categorias Infraestrutura, Indexação, Analítica e Mídia, portanto, permitem operacionalizar os conceitos de “dispositivo” e “sistema de controle” da informação de investimentos, usados na análise das funções políticas e dos mecanismos sociais envolvidos. Esse dispositivo aparece como “operador” e “veículo” (simbólico e político), que compõem uma “comunidade de investimentos”, instalada em uma rede de “plataformas” e “terminais”. A lógica do dispositivo articula a racionalidade técnica ou tecnocrática — métrica, cálculo, avaliação de risco. Enquanto as principais ferramentas são a infraestrutura de comunicação, os sistemas classificação, as métricas especializadas e a lógica de cálculos, além da incorporação de procedimentos automatizados.

Na categoria Infraestrutura, destacam-se dois atributos. O primeiro é representado pelo conceito de “plataforma” como sistema que integra e suporta várias tecnologias, agregando sistemas de banco de dados (data centers, arquivos e artefatos digitais) e “terminais” como ponto de conexão na extremidade do usuário, com duas qualidades especialmente significativas: (i) interface de integração à rede e (ii) natureza modular, ou personalizável, do aparato (sistemas operacionais e artefatos digitais). Designa-se “artefatos digitais” (AD), de forma genérica, a objetos digitais na forma de dados com atributos de editabilidade, interatividade e distributividade. O pontencial modular (a possibilidade de o usuário compor módulos particulares de monitoramento e análise) combinado à operação em rede é significativa, pois constitui um aspecto essencial da ferramenta que, por um lado, integra o usuário à rede e, por outro, permite a operação personalizada do conjunto de produtos e serviços. É um modelo único de combinação de infraestrutura e organização em rede que sustenta as composições de “comunidades de investimentos”. O segundo atributo essencial é constituído pelas redes de telecomunicações compostas por diversos sistemas de transmissão de sinais (cabos, microondas e satélites) e sistemas integrados de coordenação de operações, como é o caso da ITU e da ICANN (Mapa 3).

Indexação significa a determinação de operações associativas. As funções de Indexação são operadas através de sistemas de classificação, taxonomias e

hierarquias de índices ²⁶. São os sistemas de classificação e os mecanismos de codificação e recuperação da informação que integram de forma específica a comunidade sintática e de símbolos de investimentos em mercados de títulos em escala mundial. Estas taxonomias são a base sobre a qual são desenvolvidos os compostos estatísticos e os veículos de investimento, e os mercados (*markets*). Ainda, nessa categoria, estão os instrumentos automatizados de controle de gestão de conformidade (*compliance*) e governança, atividade vinculada a sistemas de normas (Banco Mundial, etc.) e às Agências Reguladoras.

Na categoria Analítica, destaca-se a manipulação de métricas e compostos estatísticos (índices e indicadores), as práticas e os discursos de análise técnica de ativos (cálculo), em sintonia ou solidárias às Agências de Classificação de Risco. As ferramentas e serviços de inteligência competitiva são frequentemente descritos como “informação útil”, “oportuna” (*timely*) e *benchmarking*, além de análise mercantil baseada em modelos especializados e personalizados. Enquanto o conjunto do dispositivo atua dentro de um quadro geral de racionalidade de mercado geradora de lucro (*alfa generating*) as decisões têm dupla origem: agentes humanos e funções automatizadas (controle cibernético).

Na categoria Mídia, não se trata de discutir as dinâmicas da construção do discurso jornalístico ou midiático, mas é suficiente para o propósito deste estudo assinalar as funções de *agenda-setting* (MACCOMBS, 1972; 2005) e faticidade (TUCHMAN, 1978) — funções expressamente presentes no *corpus*, o que permite a reflexão sobre a função social da “mídia financeira”. A categoria envolve entre outras atividades, a geração e distribuição de “notícias”, que denotam a função típica do jornalismo de massa moderno no seu papel de construção da “faticidade” do mercado. As práticas de *agenda-setting* voltadas para a informação de investimentos são articuladas recorrendo às “comunidades editoriais”, como demonstra o exemplo da publicidade da Thomson Reuters (Figura 9). Esses discursos permitem a “mobilização e o envolvimento do público” — “*build and engage the audience*” como descrito na publicidade Thomson Reuters (Apêndice A)²⁷.

²⁶ Usamos o termo Indexação no sentido geral de determinação de operações associativas. Não deve ser confundido com índice (*index*) — um composto estatístico —, ou com indicadores — compostos estatísticos com finalidade previsiva.

²⁷ A nova fórmula da TV Reuters, exemplo do processo de horizontalização da produção de informações, consiste de “feeds” (conexão) de imagem e som “brutas” (sem montagem ou edição de imagens).

Figura 9 — Divisão de “comunidades editoriais” da Agência Reuters (2014)

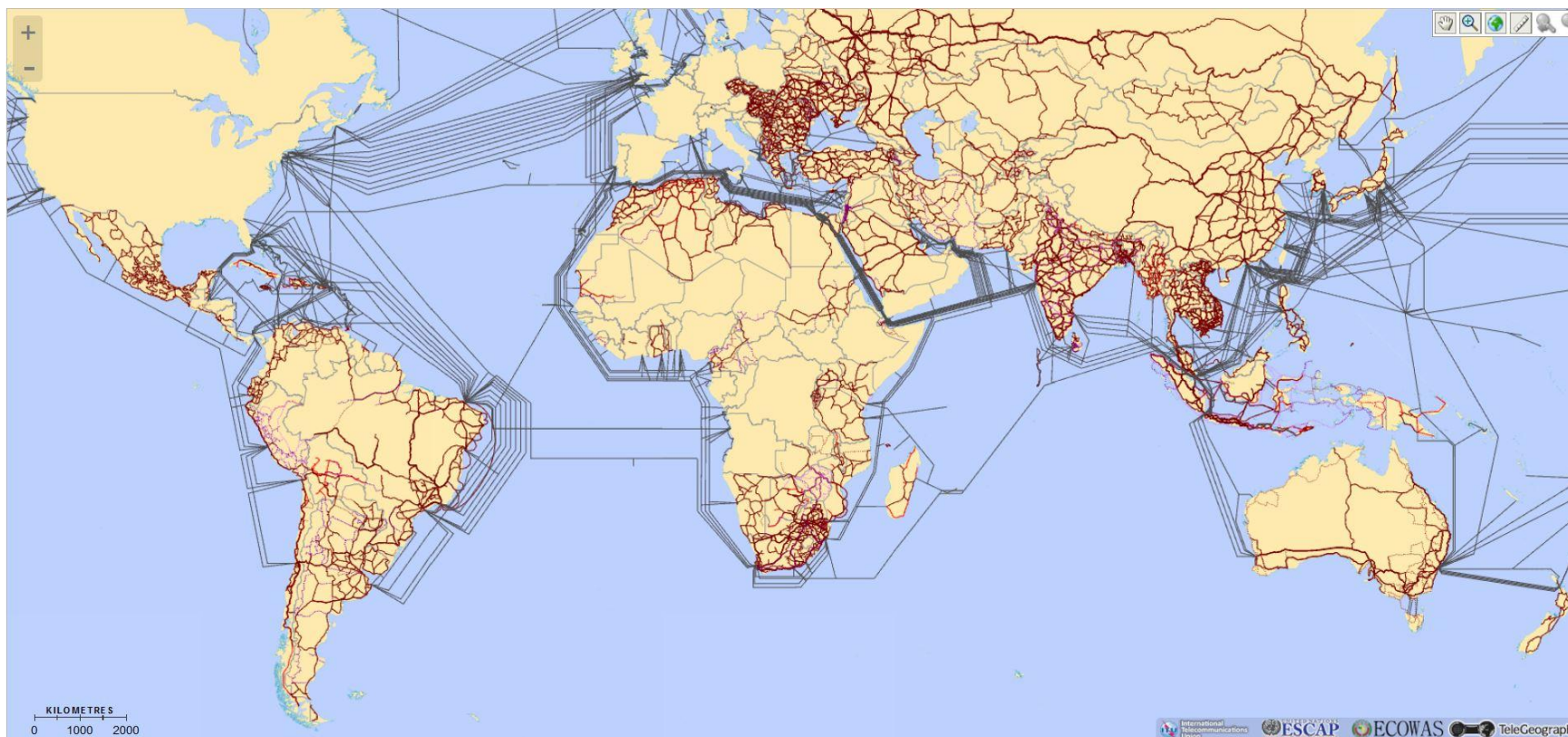


Fonte: Thomson Reuters, 2014.

Considerando o conjunto composto por infraestrutura e linguagem (códigos e discurso), configura-se uma rede que integra “plataformas digitais” organizando os fluxos de comunicações e que interligam os “terminais eletrônicos” e suas interfaces modulares, para monitoramento, execução e comunicação de operações de investimento. O conceito de “informação valorizante” é especialmente produtivo para contemplar as dinâmicas complexas da informação de investimentos. Pasquinelli (2011, p. 5-9) explica que a informação valorizante é aquela que “entra na máquina cibernética e é transformada em uma espécie de conhecimento maquínico”, ela transforma os bits em parâmetros para a planificação econômica operando uma interface numérica entre o domínio do conhecimento e o do capital.

Uma observação atenta desse modo específico de produção de informação com propósito de operação dos mercados de investimento (Securities Exchanges) ou Bolsas de Valores mostrou que as “agências de notícias e informações financeiras” compõem um grupo singular de organizações de informação e notícias com origem e funções endógenas na esfera financeira, dirigidas a uma forma específica de informação, à “informação que move mercados”. Portanto, pode-se concluir que a “informação que move mercados” é um composto de informação de mercados (dados de negociações e preços) e informação de investimento – produto de uma dinâmica complexa de infraestrutura e linguagem operando métricas, sistemas analíticos, mídia, infraestrutura de comunicação, armazenamento e recuperação de documentos digitais (dados e sistemas de metadados).

Mapa 3 — Mapa da rede de fibra ótica e cabos submarinos coordenada pela ITU



Fonte: ITU, 2014.

3.2 A dinâmica da informação de investimento

A metáfora da *Enciclopédia Chinesa* (em referência ao poema de Borges) utilizada por Foucault (1999, p.5) demonstra como nenhum sistema de classificação é neutro, é sempre um indexador de poder (neste caso, o poder do imperador). Para subsidiar a organização de conteúdos no ambiente digital de negócios, existem diversos formatos de metadados em diferentes arranjos estruturais e níveis de especificidade que usam diferentes recursos eletrônicos com o objetivo de modelar e filtrar o acesso, os termos e as condições para uso, a autenticação, a avaliação, a preservação e a interoperabilidade dos recursos²⁸. O sistema de indexação e avaliação da informação de mercados financeiros é composto por quatro tipos de dispositivos de controle.

Ao levar em conta as diferentes operações de informação e comunicação do Sistema de Mercados (como definido na Emenda de 1975 dos Securities Exchange Act of 1934) e a complexidade das interações no sistema envolvendo informação e comunicação, ou seja, os conjuntos de dispositivos que compõem o sistema, mostra-se mais adequado falar de “dinâmicas de produção” da informação do que “ciclos de produção”. O conceito de “ciclos de produção” associa a noção às cadeias industriais de produção e deixa, em segundo plano, as qualidades reflexivas essenciais à operação de caráter discursivo e linguístico dos mercados de investimento. Ao examinar os dispositivos de indexação e avaliação da informação de investimento ficou evidente uma dinâmica de relações, equivalências e solidariedades que se procurou representar na matriz aqui designada “sistema de controle da informação de investimentos” (Quadro 5).

Observou-se dois tipos de funções no sistema (colunas) operando em dois modos temporais (linhas). Um tipo de função crucial observada foi designado por “Indexação” — as práticas de classificação (construção de catálogos), representação (simbólica e política) e analítica (racionalização)²⁹. O segundo tipo de função designou-se “Avaliação” (regulação e classificação de

²⁸ Fazemos uma analogia da definição de “Biblioteca Digital” de Silva e outros (2004, p.7).

²⁹ Vale lembrar a etimologia de *katalogos*: de acordo (*kata*) com a razão (*logos*). Em *A poética do Hipocentáuro: literatura, sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósota* de Jacynto Lins Brandão. (BRANDÃO, 2001).

risco)³⁰. As funções de Indexação incluem tanto as taxonomias de indústrias quanto a construção social dos discursos de faticidade e de *agenda setting* característicos da mídia de massa. As operações de “Avaliação” incluem as funções de regulação e classificação de risco. As operações de Indexação e Avaliação atuam em dois modos: Discreto (episódico e em territórios específicos) ou Contínuo (dinâmico e continuamente negociado). O quadrante que primeiramente nos interessa é o das “agências de informação e notícias financeiras”.

Quadro 5 — Matriz do sistema de controle da informação de investimentos

Modo	Indexação	Avaliação
Contínuo	Agências de Informação Financeira	Agências de Classificação de Risco
Discreto	Agências de Classificação de Indústrias	Agências Reguladoras

Ao contemplar, de forma geral, as práticas, regras, normas e leis específicas — do “Sistema de Mercados” —, às quais as agências de informação e notícias de mercado estão submetidas, foi possível identificar uma matriz de funções atuando de forma dinâmica — através de laços de solidariedade e reciprocidade — constitutivos de um sistema geral de controle dos fluxos de informações de negócios que circulam através da rede nevrálgica de comunicações de investimento. Esse sistema não se submete diretamente ao esquema geopolítico das fronteiras nacionais, nem de Estados soberanos, trata-se de um “espaço informacional” historicamente construído da “informação de investimento”.

A fonte primária que alimenta o fluxo de informações para os negócios são as operações de compra e venda nos mercados e títulos mobiliários (*Securities Exchanges*). Os principais mercados de títulos em volume de negócios, atualmente, são: NYSE (Nova York), CME (Chicago), DAX (Berlim),

³⁰ É um “território” de disputas de soberania e de estratégias de controle político, como o caso dos fundos “abutre” versus Argentina (2014) no caso da dívida soberana e da do alcance regulatório das cortes americanas.

TSE (Tokio) etc.³¹. A memória de transações é armazenada nos bancos de dados das agências de informação e notícias financeiras, que inclui não apenas dados de operações de compra e venda, mas também indicadores históricos de negociações de mercado, além de dados macroeconômicos, empresariais, políticos, de acontecimentos sociais e de eventos climáticos.

A regulação atual do sistema de Bolsas (Securities Exchanges) tem início da Emenda de 1975, uma legislação federal americana destinada a modificar a Lei de Mercado de Capitais de 1934 (Securities Exchange Act of 1934). A emenda determinou que a Securities and Exchange Commission (SEC) trabalhasse em conjunto com o mercado de capitais a fim de que fosse criado um “sistema nacional de mercado” — o National Market System (DOWNES; GOODMAN, 1993, p.489-491)³². A Emenda de 1975 também incorporou a figura do “Analista de Mercado” (DOWNES; GOODMAN, 1993, p.491), que, se permitimos usar uma terminologia foucaultiana, poderia ser chamado da organização da “formação discursiva” de mercado, ou de uma econométrica de investimento dividida em três especialidades: Análise Técnica, Análise Qualitativa e Análise Quantitativa.

As agências reguladoras (SEC; ESMA; CVM; etc.) estão situadas no quadrante composto pelo aparato legal. Esta função é caracterizada pelo “poder estrutural” na concepção de Braman (2009c, p.6) — regras e instituições que limitam o espectro de opções disponíveis dentro de um esquema geopolítico caracterizado pelo incremento de instâncias supranacionais de decisão e regulação. As conexões e solidariedades entre o quadrante regulador e o quadrante das agências de notícias e informações financeiras se dão não apenas pela notória norma de publicação “pela imprensa” de balanços e fatos

³¹ Os sete maiores mercados do mundo em capitalização (dados 2010): New York Stock Exchange (US\$ 13.4 trilhão); Nasdaq (US\$ 3.9 trilhão); Tokyo Stock Exchange (US\$ 3.8 trilhão); London Stock Exchange (US\$ 3,6 trilhão); Euronext (US\$ 2,9 trilhão); Shanghai Stock Exchange (US\$ 2,7 trilhão); Hong Kong (US\$ 2,7 trilhão) e a BM&F Bovespa em 10º lugar (US\$ 1,5 trilhão). Fonte: *Forbes* 10/08/2014; World Federation of Exchanges 2010. Os dados sobre movimentação nos *dark pools* são escassos (BLOOMBERG, 2013).

³² A evidência mais antiga do uso de moedas vem de Sardis, da capital da Lídia cerca 650 a.C. Os gregos logo se apropriaram da ideia. No século V A.C., o uso das moedas para o comércio na Grécia era disseminado. Os “bancos” se tornaram um órgão indispensável ao comércio. Esses primeiros “bancos”, na verdade, eram templos que recebiam depósitos de indivíduos ou do Estado e faziam empréstimos cobrando juros; mais tarde, os bancos se tornaram instituições privadas. As evidências mais antigas de bancos gregos estão relacionadas ao comércio de grãos e datam do IV século a.C. (LO; HASANHODZI, 2010, p.12-13).

relevantes³³. Esse trânsito ocorre em duas vias. Uma das agências reguladoras em direção às agências de notícias e informações financeiras, entre elas, a regulação das práticas profissionais de “analista de mercados”.

Na outra direção, denúncias das agências de informação financeira são catalisadoras de processos regulatórios ou da investigação de delitos, e mesmo da criação de novas normas ou leis. Em 2000, a SEC introduziu uma regra conhecida como Regra FD que obrigava as empresas a fornecerem igual acesso às notícias financeiras, após a Bloomberg News relatar vários casos nos quais empresas forneciam notícias antes a alguns investidores favorecidos. Em 2002, a série de reportagens intituladas “Muddy Markets” (“Mercados Turvos”) da Bloomberg recebeu o prêmio Gerald Loeb por denunciar a violação desta regra (BLOMMBERG, 2011). Em 2009, a reportagem de Hugh Son da Bloomberg — “Geithner New York Told AIG to Limit Swaps Disclosure” levou o Congresso a convocar audiências sobre o papel de Timothy Geithner no episódio de obstrução de informações sobre *swaps* na AIG (BLOMMBERG, 2011).

Para delinear o quadrante das “agências de classificação”, é suficiente contatar que não há como fazer planejamento econômico sem classificações, é uma forma de isolar, comparar e analisar a correspondência entre conteúdos concretos (GUIBERT et al., 1971). Além de informações financeiras, a geração, o fluxo, o acesso e o uso da informação nos mercados financeiros necessitam de um padrão comum de classificação (taxonomias) para os dados e métricas dos ativos negociados (indexação e analítica). Os padrões de controle das informações de investimento envolvem um sistema integrado de organizações (governamentais e privadas) com atividades complementares para constituir um sistema comum de códigos, símbolos, estruturas de classificação, padrões de indexação e normas de comunicação.

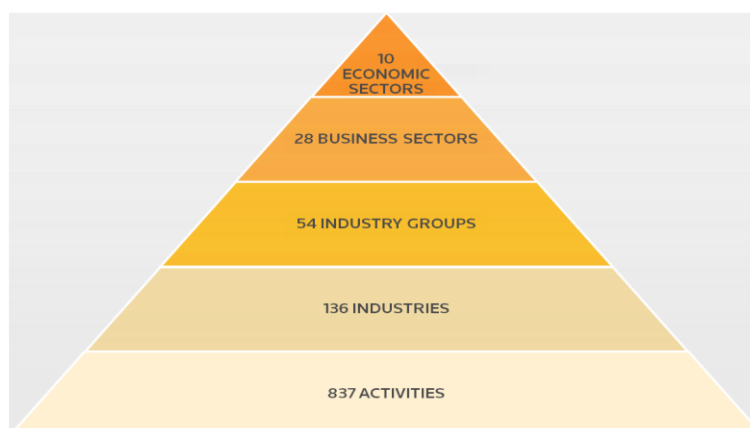
Desempenhando funções específicas indexação (códigos e taxonomias), porém, em um modo territorial e episódico, estão os dispositivos de classificação de indústrias — organizações especializadas e solidárias às

³³ O instituto da “Full Disclosure” (Divulgação plena) garante em geral a exigência de divulgação de todos os fatos substanciais relacionados a uma operação. Para Valores mobiliários refer-se à exigência de publicação de informações estabelecida pela Lei de Valores Mobiliários de 1933 e a Lei de Negociação de Valores Mobiliários de 1934 e pelas maiores bolsas de valores. (DOWNES; GOODMAN, 1993, p.211).

agências de informação financeira —, que desenvolvem sistemas específicos de classificação como o sistema TRBC-Thomson Reuters. São sistemas que podem ser vistos como tributários da Classificação Decimal de Dewey - DDC de 1876. Esses códigos e taxonomias simplificam os processos de recuperação e uso utilizados nos “módulos de cotações” (a subdivisão de tela) dos terminais de monitoramento (Eikon ou Bloomberg), ou nos letreiros ticker, para o acompanhamento contínuo (*real time*) da evolução das negociações nos diferentes Mercados (*Exchanges*) e para recuperação da memória histórica de negócios. Esse dispositivo é constituído por diferentes organizações (públicas e privadas) responsáveis pelas diversas taxonomias de indústrias e índices de investimento. Tais organizações também geram os códigos usados para a identificação abreviada de ações e são a base para a criação de diferentes instrumentos de investimento, e mesmo mercados específicos.

As “classificações de indústrias” para propósitos de investimento consistem de taxonomias estão associadas a um código numérico anexado a cada classe de base, e individual para cada item da nomenclatura hierarquizada (Figura 10). Os números de todas as posições num nível particular tem o mesmo número de dígitos (que são conhecidos como o "nível de dois dígitos", "nível de três dígitos", etc.) e o número de um "item" identifica o próprio item e agrupamentos contidos em um nível superior. Por exemplo, “TRI” significa Thomson Reuters Inc., e GC100 significa “MSCI GLOBAL CLIMATE INDEX”. Os números de código são, assim, atribuídos "top down" do topo da árvore para baixo.

Figura 10 — Hierarquia taxonômica da classificação de indústrias TRBC



Fonte: TRBC, 2015.

Há grande variedade de taxonomias desenvolvidas por diferentes organizações, usando diversos critérios e usadas com diferentes propósitos (finanças, comércio, planejamento etc.), como o North American International Classification System (NAICS) — um padrão entre um grupo de nações — usado pelo departamento de comércio dos EUA, México e Canadá, o Industry Classification Benchmark (ICB) da Frankfurt Stock Exchange (FTSE), e o Global Industry Classification Standard (GICS), que teve origem em uma parceria da Morgan Stanley (MSCI) e a Standard and Poor's.

A ONU também tem sua taxonomia, assim como países individuais. A classificação de Setores Industriais (*Industries*) é uma forma de organizar as empresas em “setores industriais” baseada nas similaridades dos processos de produção, de produtos, ou do comportamento de seus títulos nos mercados financeiros. Entre as principais taxonomias usadas nos mercados financeiros, encontra-se a Thomson Reuters Business Classification – TRBC (Thomson Reuters). A TRBC é composta por 70.000 empresas de capital aberto em 130 países com um banco de dados de 10 anos de classificações (Tabela 3).

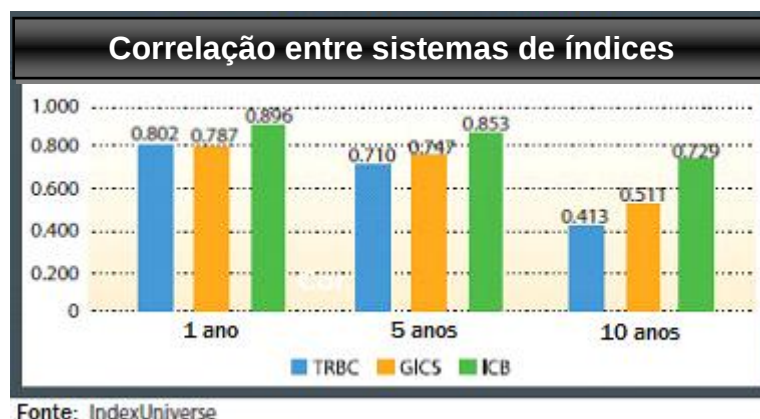
Tabela 3 — Tamanho do universo de ações por sistema de classificação

Sistema de Classificação	Número de Títulos (ações)
TRBC	74.000
GICS	44.000
ICB	69.000

Fonte: JOURNAL OF INDEXES, 2011; Thomson Reuters, MSCI e Dow Jones.

Também a correlação entre taxonomias é significativa para a “indústria financeira” como demonstra o exemplo da comparação entre taxonomias e ações do setor de consumo (Gráfico 2). Uma vez que inclui a classificação de categorias de ações (*asset classes*) e é a base para construção de diversos veículos de investimento. Alguns sistemas de classificações, embora sejam sistemas de conceitos, não são instrumentos de recuperação da informação, mas antes, instrumentos de arranjo de coleções (BATISTA, 2004, p.7). As taxonomias de classificação de indústrias, na verdade não representam o conteúdo informacional, mas constituem uma estrutura classificatória subjacente condicionante do sistema de gestão do conteúdo informacional.

Gráfico 2 — Correlação entre sistemas de índices de ações do Setor de Consumo



Fonte: JOURNAL OF INDEXES, 2011.

Essa lista não é um conjunto de objetos (produtos industriais, de origem animal, ou atividade humana, etc.), mas um conjunto de denominações. Dois objetos classificados sob a mesma denominação são equiparados a partir desse ponto de vista (Quadro 6). Para serem usadas como base para a classificação, essas denominações devem satisfazer determinadas condições: (i) devem ser uma subdivisão do conjunto de unidades singulares; (ii) devem refletir o propósito da classificação; (iii) cada unidade deve ter uma denominação correspondente na lista elementar; (iv) a classificação deve ser universal no campo de classificação; (v) apenas uma denominação pode corresponder a essa unidade; e (vi) a classificação deve ser unívoca (GUIBERT et al., 1971).

Quadro 6 — Exemplo de Taxonomia de Indústria de Aerolinhas

	Setor Superior (Parent)	Setor	Subsetor	Outras divisões
TRBC	Industrial	Transporte	Serviços de Aerolinhas	Aerolinha/Serviços de Transporte
GICS	Industrial	Transporte	Aerolinhas	N/A
ICB	Serviços de Consumo	Viagens e Lazer	Aerolinhas	N/A

Fonte: JOURNAL OF INDEXES, 2011; Thomson Reuters, MSCI e Dow Jones.

Em episódio recente (18 de junho de 2014), a MSCI, em uma decisão política, comunicou ao mercado que abandonaria os planos de incluir ações (*equities*) chinesas em seu *benchmark* global (quadro comparativo global de

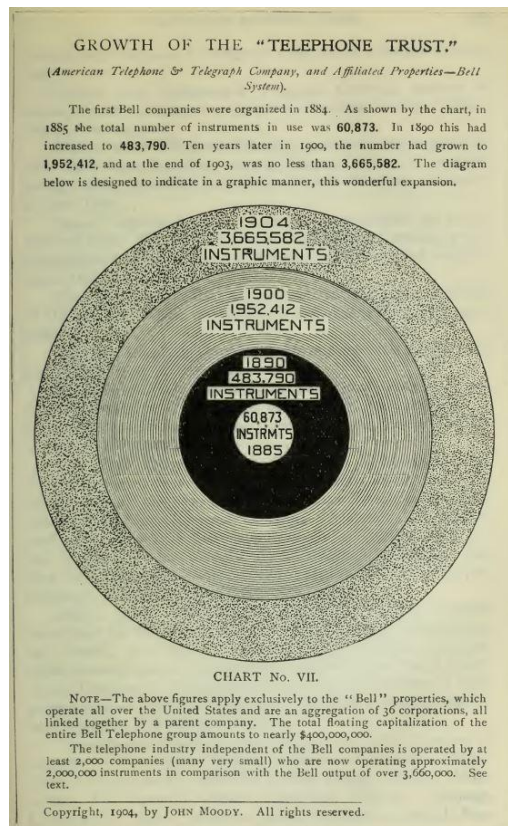
valores de títulos), movimento que, caso se concretizasse, teria sido um marco significativo na direção do acesso aos mercados financeiros chineses. A MSCI atribuiu a decisão a uma consulta a investidores: "A resposta dos investidores à consulta é que eles, em geral, apoiam a inclusão no longo prazo, mas o sistema atual (de quotas) ainda é muito restritivo para justificar uma inclusão [da China] no índice principal agora", disse Remy Briand, chefe do departamento de pesquisa de Índices da MSCI (FT, 2014), corroborando a tese da geopolítica autônoma do “espaço” informacional dos mercados de investimento³⁴.

O quarto quadrante é composto por um grupo de organizações aqui designadas “Agências de Classificação de Risco” (*Rating Agencies*), que desempenham as funções da avaliação e cálculo (*rating*) de risco de títulos diversos — empresariais e dívidas soberanas. Entre elas, estão a Fitch Investors Service Inc., a Standard & Poor's Corporation, a Moody's Investors Service, etc. (DOWNES; GOODMAN, p.437). Evidências históricas da equivalência de ambos os segmentos — das agências de informação e notícias financeiras e as agências de classificação de risco — é representada pelo caso da Moody's Corporation, fundada pelo jornalista John Moody na mesma época (1909-1916) em que, outro jornalista, Charles Dow fundava a Dow Jones Inc.. Ambos “jornalistas” atuavam no desenvolvimento de ferramentas específicas de “análise e avaliação” corporativa e de mercados. O sociólogo John Scott (NETWORKS OF CORPORATE POWER, 1991, p.182) lembra como a investigação de John Moody (1868-1958) “Masters of Capital in America” (1911), sobre o Money Trust of New York Bankers (Figuras 11; 12), “How to Invest Your Money Wisely” (1914) abriu caminho para, nos anos de 1970, os sociólogos investigarem as redes de negócios usando as metodologias de

³⁴ Os mercados chineses ainda são em grande parte fechados ao capital externo — com acesso restrito a dois sistemas de licenciamento que muitas vezes exigem meses para obter a aprovação final. Dos cerca de US \$ 240 bilhões de quota disponível para os investidores internacionais nos termos da regulamentação em vigor, apenas um terço foi concedida. Devido a esses limites, os fundos estrangeiros detêm menos de 3 % do mercado de ações da China continental. De acordo com o plano inicial, mais de 200 ações listadas em Xangai e Shenzhen — conhecido como ações A — teria sido adicionado ao índice MSCI China, que atualmente é feito só de empresas do continente listadas em Hong Kong e Nova York. Como resultado, as ações também seriam incluídas na do MSCI Asia ex-Japan e índices de mercados emergentes. Tomados em conjunto, os três benchmarks rastream \$ 3,4tn em fundos de todo o mundo. No entanto, a ponderação sugerida de 0,6 por cento para ações no índice EM – Emerging Markets – foi um ponto de partida modesto — a empresa de jogos on-line Tencent responde sozinha por 1,8 % do índice EM (NOBLE, 2014).

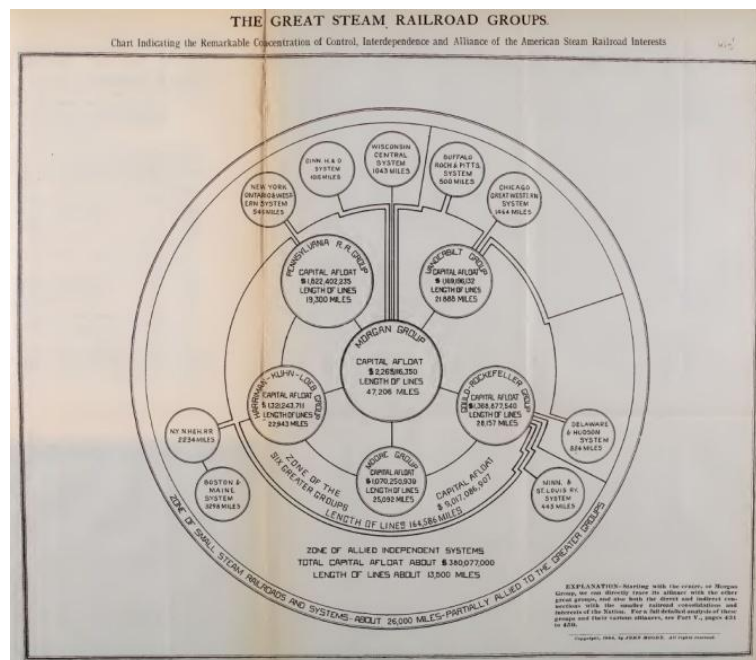
análise de redes sociais.

Figura 11 — Representação gráfica de truste da telefonia por John Moody (1904)



Fonte: MOODY, 1904, p.376.

Figura 12 — Representação gráfica de grupos ferroviários por John Moody (1904)

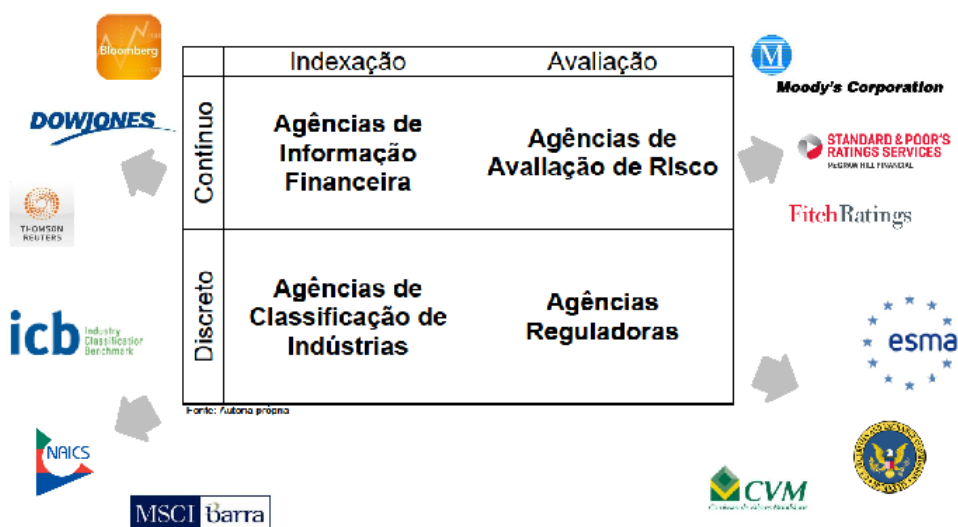


Fonte: MOODY, 1904, p.432

Entretanto, há que se considerar a dúvida sobre o efeito das notícias e da mídia para os movimentos dos mercados como mostra o estudo da relação entre notícias e preços de ativos de McQueen; Roley (1993), onde demonstram que a “opinião de risco” dos investidores é também influenciada pela percepção das notícias. Assim chegamos novamente ao quadrante das agências de notícias e informações financeiras — a mídia de investimento. Este último quadrante completa o que, aqui, designa-se por sistema de controle da informação de investimento formado por um universo de organizações, que compartilham solidariedades políticas, simbólicas e linguísticas, conexões operacionais históricas e equivalências funcionais nos mercados de investimento (Figura13).

Figura 13 — Universo das organizações de controle da informação de investimento

Universo das Organizações de Controle da Informação de Investimento



3.3 Horizontes de automação e datificação

Não só o dispositivo de metadados, mas também a organização em rede compõem os mecanismos essenciais do modo contemporâneo de produção e gestão da informação. A visão de redes é essencial para interpretar os grandes

fluxos de dados do ambiente digital, não apenas das finanças, mas também no campo da neurobiologia, do genoma, da ecologia e das mídias sociais. Tanto a comunidade científica quanto a comunidade de defesa convergem em apontar as tecnologias de informação em rede como questão fundamental no mundo contemporâneo (RONFELDT; ARQUILLA, 2001). Enquanto o sistema de gerenciamento mecânico é hierárquico e burocrático, a superioridade da forma orgânica de organização em rede é demonstrada pela capacidade de mudanças rápidas em condições inesperadas e contingentes (MALINI; ANTOUN, 2013, p.67).

A complexidade orgânica é referência crescente para analisar o papel das tecnologias avançadas. Por que os sistemas complexos se tornaram a chave dos estudos de finanças? Porque as ligações entre Bolsas de Valores se dão através de altas-frequências de transações, com computadores desempenhando o papel de agentes de investimento (CAETANO, 2013). Nos últimos cinquenta anos, computadores e seus programas deixam de ser meras máquinas de armazenamento de dados tornado-se elementos-chave de negociação. Caetano (2013), ao analisar as implicações das redes de computadores atuando em mercados de investimento, defende que “a época de ouro dos modelos estáticos estáveis da Economia ficou para trás”.

Nas últimas duas décadas (1990 a 2010), não só as tecnologias de mercados de investimento estabelecem novos patamares de operação, mas também se recorre a áreas tradicionais da pesquisa científica, como a Física, a Matemática e a Biologia para o desenvolvimento de novos dispositivos financeiros. A Capital Fund Managers (CFM), uma empresa de fundos de *hedge* (fundos que exploraram as diferenças entre as previsões de volatilidade de um título), instalou um escritório na Universite Pierre et Marie Curie na École Normale Supérieure de Paris, tradicional centro de pesquisa fundado no século XVII, com a finalidade de recrutar cientistas dos departamentos de matemática e física para desenvolvimento de algoritmos, estratégia também empreendida junto ao Royal College de Londres (KHAN; FORTADO, 2015). A CFM procura realizar operações de investimento quase instantaneamente usando sistemas eletrônicos para aproveitar as oportunidades de vida curta. A CFM opera quatro fundos: Stratus, Discus e os novos Institutional Systematic Futures e o Institutional Systematic Diversified. Apenas o modelo comercial da Stratus

rastreia cerca de 7.000 ações, incluindo 50 fundos de setores negociados nos EUA, além de mais de 1.000 opções de ações, 230 de contratos de futuros, 20 de câmbio (*foreign exchange pairing*) e uma variedade de outros títulos. O processamento da grande quantidade de dados demanda um processamento robusto. A CFM utiliza 1.500 servidores para analisar 2,5 terabytes de informação (o equivalente a uma biblioteca de pesquisa acadêmica de bom tamanho) todos os dias. Dos 130 funcionários da CFM, cerca da metade são tecnólogos e programadores que mantêm os sistemas e bancos de dados funcionando (KHAN; FORTADO, 2015). Seus gestores visam expandir as negociações de futuros de commodities, ações e em arbitragem de volatilidade.

A Jump, corretora de *high speed trading* (HST), é especializada em negociações ultrarrápidas (HST) baseadas na reação instantânea às informações contidas em estatísticas publicadas pelo governo americano. A empresa carrega antecipadamente seus algoritmos com a predeterminação de operações. Estes algoritmos são desenhados para executarem as negociações em diminutas frações de segundo baseadas nos índices divulgados, seja a taxa de desemprego ou “fatos” do noticiário político (PHILIPS, 2014).

Esta estratégia pode explorar, por exemplo, diferenças de preços dentre os fundos negociados em bolsa com base no S&P 500 e os S&P Futuros negociados na CME Group (Bolsa de Chicago). Esses algoritmos perseguem uma arbitragem (obtenção de lucro com diferenças de preços) entre os diversos mercados, como entre a Nasdaq e o NYSE, ou entre grupos de ações, assim como entre transações nas bolsas do Reino Unido e da Alemanha, ou dos mercados asiáticos. Para esse tipo de operação, essas empresas necessitam uma infraestrutura de conexão ultrarrápida. Assim, podem tirar proveito dessas estratégias. Por isso, empresas como a Jump usam transmissões por micro-ondas para enviar informações entre os escritórios e as bases de dados.

Em paralelo ao desenvolvimento das ferramentas de negociação automática de ativos em mercados de investimento, vem também ocorrendo a introdução de sistemas automatizados para a geração de informes econômicos e notícias. Prevê-se que a automação será um componente crucial nas mais diferentes indústrias, incluindo as organizações de mídia (COLFORD, 2015). A Associated Press anunciou em 2014 que a maioria dos balanços corporativos

norte-americanos publicados pela agência acabará por ser produzida utilizando tecnologias de automação. A expectativa é que o tempo necessário para editar informações das empresas e publicar cerca de 300 relatórios de lucros a cada trimestre será reduzido em função da nova tecnologia desenvolvida pela empresa Automated Insights, associada às tecnologias de gestão de dados da Zacks Investment Research. O sistema permitirá automatizar notícias de 150 a 300 palavras com a mesma rapidez que repórteres. Contudo, em vez de produzir 300 notícias a cada trimestre, os processos automatizados poderão fornecer até 4.400 notícias neste período (COLFORD, 2015).

Por outro lado, as consequências do uso indiscriminado dos algoritmos de investimento têm levantado controvérsias (PHILIPS, 2014; LEWIS, 2014). Permitir que algoritmos desconhecidos, de um número restrito de empresas (duas ou três no mundo), instalem-se em toda a complexa rede do mercado financeiro mundial é um desenvolvimento de alto risco (CAETANO, 2013). Vale lembrar os 15 minutos de terror intenso nas bolsas de valores provocado pelo “*flash crash*” de 2010³⁵.

Em 1998[,] regulamentos da SEC abrem as portas para as plataformas de negociação eletrônica se tornarem rivais das bolsas de valores tradicionais. A ascensão da negociação de alta frequência — o uso de algoritmos para comprar e vender títulos eletronicamente em altas velocidades e volumes enormes — é apenas a mais recente evolução na compra e venda de ações. A decisão da SEC para acabar com as comissões fixas, em 1975, foi potencializada por forças que mudaram a natureza das trocas. Como as máquinas se tornaram mais complexas, o intercâmbio evoluiu de clubes, onde apenas alguns corretores poderiam negociar, para empresas que atendem a todos com uma conta ETrade (ETFC). Em 2000, quando as ações começaram a ser negociadas em incrementos de 1 ¢, em vez de por oitavos de dólar, ficou mais fácil conectar compradores com vendedores. Houve uma explosão dos volumes negociados quando os computadores assumiram as negociações. Além tornar os *traders* humanos praticamente obsoletos, o HFT é acusado tornar as negociações em bolsas de valores menos transparentes e o mercado mais volátil. Com ou sem razão,

³⁵ Em 22 de abril de 2015, Navinder Singh Sarao foi preso sob acusação de fraude e manipulação do mercado que contribuiu para o *flash crash* de 2010 (BLOOMBERG, 2015). O trader de 36 anos operava a partir da MF Global Holdings Ltd., empresa dirigida pelo executivo financeiro e político Jon Corzine, ex-executivo da Goldman Sachs e ex-governador de Nova Jersey (2006-2010). Corzine também indiciado pela Commodity Future Trading Commission (CFTC) no caso de falência fraudulenta da MF Global em 2011.

significa uma disruptura no processo de negociar ações o que, por sua vez, determina o valor das empresas públicas. (PHILIPS, 2014, Tadução nossa).

O uso avançado de processos computacionais vai além dos algoritmos de investimentos em Bolsas de Valores. Com a evolução dos provedores de Internet cresceu também a rede de grandes bancos de dados — os *data centers* (ASHTON, 2015)³⁶. A instalação de grandes bancos de dados associados aos algoritmos de mineração de dados (*data mining*) e aos motores de busca (*search engines*) tornou possível a introdução de novos veículos financeiros — as “moedas” digitais. Estas moedas virtuais alcançaram um umbral revolucionário com a Bitcoin e um suposto “idealizador anônimo” com o pseudônimo de Satoshi Nakamoto. A moeda computadorizada chamou atenção de Wall Street quando, em 2014, alcançou o status de uma possível “bolha financeira” em função da indeterminação de seu valor intrínseco (DOUGHERTY, 2015). Os usos mais correntes dos Bitcoins são a compra de produtos e serviços, a transferência internacional de dinheiro entre regiões onde esses envios são ilegais ou para transações comerciais ilegais ou mesmo criminosas. O pedido de falência de Mt. Cox — uma corretora de câmbio de Bitcoins — realçou o risco das moedas digitais, entretanto a Bitcoin não perdeu seu apelo para investidores do Vale do Silício. Esse interesse foi demonstrado pela compra por investidores da área de tecnologia das Bitcoins apreendidas pelo governo americano em intervenção no website Silk Road acusado de intermediação de negócios ilegais (DOUGHERTY, 2015).

Contudo, mesmo os maiores entusiastas admitem que não há garantia de que a Bitcoin jamais se integrará ao *mainstream* monetário. Por um lado, esse fato não impediu que o serviço Bloomberg Professional oferecesse, em seus terminais, os gráficos Coinbase e Kraken de trocas de Bitcoin, incluindo o rastreamento de notícias e *posts* de mídias sociais relacionados à moeda virtual, recorrendo a mais de 100.000 fontes diferentes (BLOOMBERG, 2014).

³⁶ SwitchNAP: Localizado em Las Vegas, NV é o maior data center do mundo instalado em uma área de 600.000 m²; Utah Data Center: a complexo de armazenamento está sendo construído para a U.S. National Security Agency (NSA), estima-se um custo de US\$2 bilhões para uma área de 455.000 m². Lakeside Technology Center: baseado em Chicago o banco de dados está instado numa área de 330.000 m²; QTS Metro Data Center: Baseado em Atlanta cobre uma área de 295.000 m²; Tulip Data Center: o maior da Ásia é terceiro maior do mundo. IBM's Lanfang Data Center: quando concluído se tornará o maior da Ásia, em Lanfang na China (FORBES, 2014).

Por outro, os bancos europeus foram advertidos contra as operações de Bitcoins até que novas regulamentações da União Europeia entrem em vigor. O Internal Revenue Service IRS (EUA) — a Receita americana — determinou que os Bitcoins fossem tratados como propriedade e não como moeda, o que significa que a uma xícara de café que custa US \$ 2 comprada com Bitcoin por US \$ 1 poderá desencadear impostos sobre ganhos de capital. Enquanto isso, a Fundação Bitcoin está lutando uma batalha interna para decidir se a comunidade Bitcoin deve centrar-se em sua institucionalização, ou deve se concentrar-se no desenvolvimento do software que torna possível a moeda digital (DOUGHERTY, 2015).

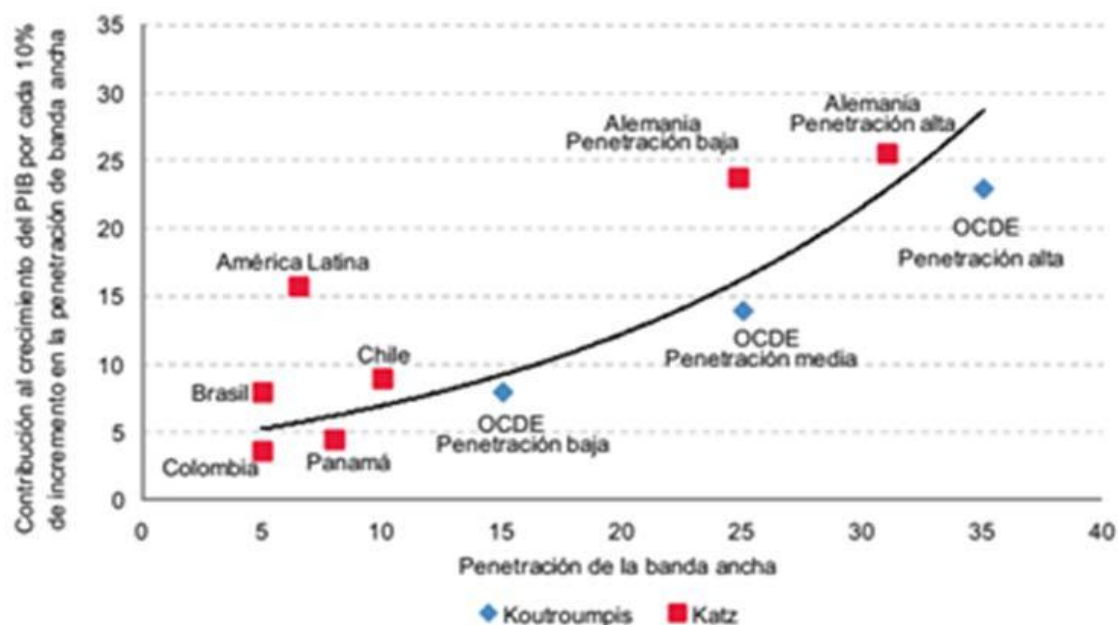
A ideia revolucionária [da Bitcoin] envolve a contabilidade on-line que registra todas e cada uma das transações unitárias de Bitcoin, mantida por uma rede de computadores mineradores de Bitcoin. Estes computadores validam cada transação evitando duplo gasto. Os mineiradores ganham uma recompensa pelas Bitcoins recém emitidas. O ritmo de criação é limitado, e não mais de 21 milhões de Bitcoins jamais será emitido. As Bitcoins podem ser usadas para comprar uma lista cada vez maior de coisas, inclusive um carro esportivo Tesla. Isso ainda é uma fração da economia em moeda fiduciária, mas um grupo de startups bem financiadas como a Coinbase, BitPay, Xapo e Bitgo estão tornando mais fácil e seguro trocar e armazenar Bitcoins. (DOUGHERTY, 2015, tradução nossa).

A Bitcoin não é o único fenômeno de dinheiro digital. A Paypal surgiu há quinze anos como ferramenta de envio de pagamentos através da agenda pessoal Palm — a primeira agenda eletrônica da Internet (NASSIF, 2015). Acabou sendo adquirida pelo site de leilões EBay, visando resolver o problema da transferência de valores entre vendedores e o compradores. Quando a Paypal abriu o capital como empresa independente, em 2009, o crescente volume de transações usando as transmissões em banda larga pela Internet apontava para uma demanda cada vez maior das moedas digitais (NASSIF, 2015). O incremento do volume de transações digitais utilizando banda larga passou a ser um vetor no crescimento geral da economia (Gráfico 3).

O telefone caminha para ser o acessório indispensável das pessoas. Estudos recentes mostram que 75% das pessoas dormem com o celular ao lado; 25% levam para o banheiro; e

88% para todo o tempo a uma distância máxima de 1,2 metro. A nova fronteira da competição no setor, agora, é valer-se do celular para o chamado pagamento invisível. Em algum tempo haverá transferência de numerário através do próprio celular, com a moeda digital (NASSIF, 2015).

Gráfico 3 — Comparação da contribuição da banda larga para o crescimento econômico



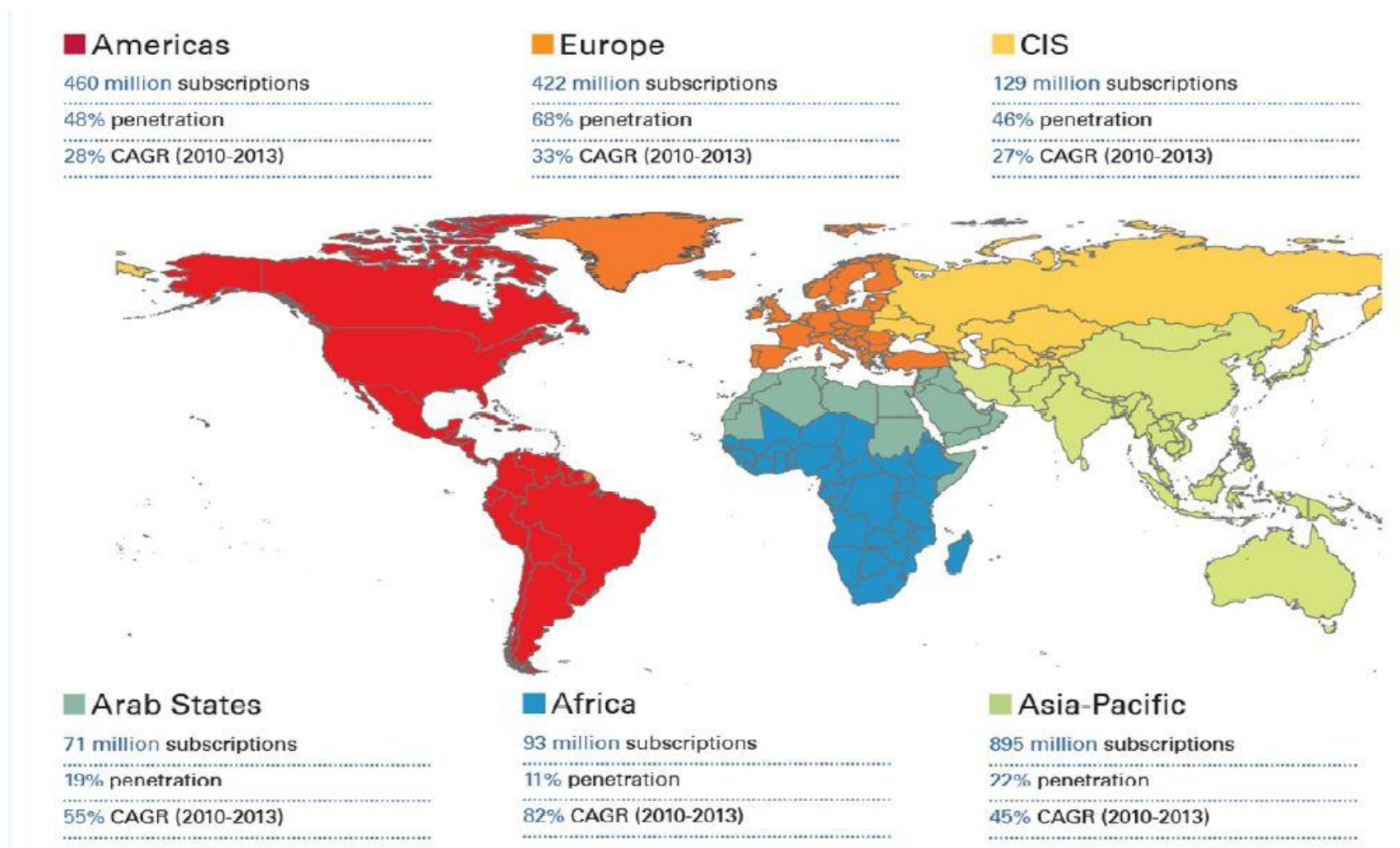
Fonte: ITU, 2014a, p.58.

A praticidade e eficiência são os principais atributos por trás do sistema de dinheiro digital. Nas lojas virtuais, há uma longa sequência de passos entre colocar os produtos “no carrinho” e pagar, com o sistema Paypal basta um clique na tela. Nas vendas por cartão de crédito, de vinte e cinco a trinta e cinco por cento das transações são aprovadas na primeira tentativa; com Paypal a média sobe para 60% (NASSIF, 2015). Não só as transações digitais são mais práticas e mais rápidas, mas elas são sustentadas por uma infraestrutura mundial de banda larga em processo acelerado de consolidação tanto no continente americano, na Europa, mas também na Federação Russa (46% de penetração) como mostra o Mapa 4.

A tendência de concentração dos setores financeiro e de tecnologia foi confirmada, quando a revista *Forbes* anunciou que a Google havia encomendado a uma empresa de estudos de novos negócios – que possui um histórico de ajudar grandes empresas a desenvolver novos mercados –, a avaliação de possíveis vias de atuação no setor de gestão de ativos

financeiros, aumentando os temores das administradoras tradicionais de fundos de investimento de que as grandes empresas de Internet se tornem concorrentes (MARRIAGE, 2014).

Mapa 4 — Mapa da penetração mundial de subscrições de banda larga móvel



Fonte: ITU, 2014b (7-3/1), p.11.

A convergência entre computação e grandes bancos de dados vem expandido as fronteiras de produtos e serviços tecnológicos, associados ao potencial do novo ambiente computacional, cada vez mais horizontal e capitalizado. Com isso, a “datificação” se encontra entre os principais processos de captura de valor da informação na atualidade com a suposta emergência da “sociedade dadocêntrica” (JOPSON, 2012). Datificação significa a coleta, armazenamento e análise de dados para monetização de informação, através da elaboração de algoritmos produtivos. A captura de valor da informação tem lugar com a produção de “*big-data*” com objetivos econômicos em um contexto de informação produtiva (JOPSON, 2012)³⁷.

Os acervos de dados coletados pelos sistemas computacionais associados às tecnologias de informação e comunicação, além de horizontalidade e capilaridade, vêm ganhando profundidade, por exemplo, para datifar a saúde. Tim Elliott (2013), em reportagem para a *Forbes*, diz que a indústria da dadificação da saúde faz muito sentido, — “em breve, todos usarão sensores que monitoram a nossa temperatura, pulso, pressão arterial, e assim por diante” (Figura 14). “Os médicos, cada vez mais, serão capazes de prescrever tratamentos não para nos curar, mas para nos impedir de ficar doente” (ELLIOTT, 2013). Rick Smolan, autor de *The Human Face de Big Data* (2012), observa que, acompanhando a queda do preço de sensores para conexão, outras atividades são incorporadas ao processo de datificação: é “o processo de criação de um sistema nervoso para o mundo como um todo”.

³⁷ Ferramentas de negociação de alta velocidade foi pioneira no mercado de ações estão cada vez mais na condução de movimentos de preços na Amazon. Os preços dos produtos mudam a cada 15 minutos, pois alguns dos vendedores usam de ferramentas computadorizadas — muitas vezes desenvolvidos especialistas em *data retrieval* (recuperação de dados) ou de bancos de investimento — para atrair os clientes com as melhores ofertas. No entanto, este “robo-pricing” tornou-se uma fonte de tensão já que a Amazon compete contra os seus próprios clientes na mineração de dados. Amazon ‘robo pricing’ sparks fears, by Barney Jopson. (FT, 2012).

Figura 14 — Tela de monitoramento de indicadores biométricos



Fonte: ELLIOT, 2013

Um “sistema nervoso” mundial, ou seja, uma rede mundial de comunicações que interliga plataformas de comunicação e sistemas de datificação se torna possível através da infraestrutura mundial de comunicação móvel (mapa de subscrição de banda larga móvel da ITU), que passa a sustentar a integração das diferentes plataformas tecnológicas que combinam alta capacidade computacional de grandes servidores — *data centers* e algoritmos — e comunicação móvel de dados pessoais. Na atualidade, a Google e sua rede mundial de servidores, e a Apple com as plataformas Iphone de comunicação pessoal móvel, lideram as receitas do setor de tecnologia (Tabela 4). Em julho de 2014, a rede social Facebook aproximou-se das “majors” de TIC com um volume de US\$ 200 Bilhões em capitalização (FORTUNE, 2014). A seguir, a Tabela 4 mostra o volume de capitalização das dez maiores empresas de tecnologia no ano de 2013.

Tabela 4 — As dez maiores empresas de tecnologia em 2013 (em capitalização)

Posição	Empresa	Capitalização (US\$ bilhões)
1	Apple	\$415,00
2	Google	\$262,00
3	Microsoft	\$238,00
4	IBM	\$237,00
5	Oracle	\$152,00
6	Qualcomm	\$115,00
7	Cisco	\$111,00
8	Intel	\$107,00
9	SAP	\$98,00
10	TSMC	\$87,00

Fonte: Baseline Mag, 2014.

Para compreender os processos sociais subjacentes aos processos de implantação de novas tecnologias não basta contabilizar ativos financeiros, é preciso refletir sobre a trajetória do uso das máquinas nos processos de produção. Pasquinelli (2011, p.2) defende que a máquina informática não é apenas uma “máquina linguística”, mas um relé entre informação e metadado, “na definição de Marx, a máquina é um meio para aumentar a mais-valia”. O autor ainda acrescenta que “[f]alta um terreno comum entre os estudos de mídia, a economia política, as máquinas de Turing e o marxismo” (PASQUINELLI, 2011, p.3).

Pasquinesi argumenta que a máquina industrial era uma máquina informática. A “indústria” aparece quando a fonte de informação e a fonte de energia separam-se. A bifurcação tem lugar naqueles processos em que o homem é fonte só de informação e a natureza a fornecedora de energia. Esta bifurcação separa dois significados da noção de tecnologia, o sentido de prótese (da ferramenta) e o sentido de “maquínico”. A máquina, portanto, é diferente da ferramenta pelo fato de ser um relé. A diferença do relé é ter dois diferentes pontos de entrada, um para a energia e outro para a informação (SIMONDON, 2006 apud PASQUINELLI, 2011, p.2).

O tear de Jacquard, inventado em 1801, como uma máquina matemática controlada por um cartão perfurado é idêntico aos que a International Business Machines (IBM) vulgarizou no século XX como memória exterior (PASQUINELLI, 2011, p.3): “Jorge Caffentizis observou que aquelas tecnologias têxteis influenciaram a primeira Máquina Analítica de Charles

Babbage”. Caffentizis afirma que se via apenas a transposição do cenário industrial para o cenário matemático, mas não se imaginava um terceiro espaço “matemático-industrial”. Entretanto Caffentizis é contra a noção de “trabalho imaterial” (HARDT; NEGRI, 2000; LAZZARATO; NEGRI,1991), “paradoxalmente, tal reconstrução pode ser usada para reforçar a hipótese de um capitalismo cognitivo [...]” (PASQUINELLI, 2011, p.3).

Pasquinelli propõe usar a máquina de Turing como modelo empírico para estudar os mecanismos do capitalismo cognitivo. Acompanhando a Deleuze e Guattari (1972), ele fundamenta sua “ontologia maquina” observando o momento em que a cibernética “abandonava a fábrica para enervar a sociedade”: “Esta bifurcação abre uma nova forma de controle biopolítico: uma sociedade de metadados (o poder do banco de dados) como evolução daquela “sociedade de controle” já descrita por Deleuze em 1990” (PASQUINELLI, 2011, p. 2).

A cada tipo de sociedade, evidentemente, pode-se fazer corresponder um tipo de máquina: as máquinas simples ou dinâmicas para as sociedades de soberania, as máquinas energéticas para as de disciplina, as cibernéticas e os computadores para as sociedades de controle. Mas as máquinas não explicam nada, é preciso analisar os *agenciamentos coletivos* dos quais elas são apenas uma parte. (DELEUZE, Trad. 1992, p. 216 apud PASQUINELLI, 2011, p. 2, grifos nossos).

Estudos sobre os processos de globalização econômica e informacional se debruçam sobre o crescimento da rede mundial e suas interconexões com as redes locais na sociedade (MALINI; ANTOUN, 2013, p.65-66). Esta vantagem “orgânica” decorreria da estrutura de controle horizontal de autoridade e comunicação em rede, privilegiando o direcional e o lateral da comunicação, em oposição ao vertical. Coloca-se, então, a pergunta: “rede” se refere a características presentes em qualquer organização ou se trata de uma forma particular de organização? “Fukuyama (1999) defende que se trata de certas características comuns a todos os sistemas, enquanto Castells, Ronfeldt e Arquilla entendem se tratar de uma forma particular de organização” (MALINI; ANTOUN, 2013, p.67).

3.4 Redes sociais e espaço supranacional

O conceito de rede na sociologia neoestrutural designa um tipo de estrutura que pode ser observado, ou seja, uma forma de pensar os sistemas sociais (LAZEGA, 2014, 6-9). Isso significa olhar para a estrutura formada por atores/agentes entrelaçados em uma malha relacional. Enquanto outras abordagens das ciências sociais se voltam para os atributos dos indivíduos, as investigações neoestruturais recorrem à análise de redes buscando explicações em função do ambiente no qual o indivíduo está inserido. Essa trama configurada pelos laços que interconectam agentes tem seus atributos específicos que condicionam as relações entre os agentes, mas não constitui em si mesma uma entidade social específica.

Na abordagem metodológica de análise de redes sociais (ARS), o sistema de relações sociais é designado metaforicamente como “rede social”, já que um conjunto social real é mais abrangente, multilateral e multiplexo, envolvendo vários recursos ao mesmo tempo (LAZEGA, 2014, 6-9). Ao examinar as principais correntes da teoria de redes, nas últimas décadas, Borgatti et al. (2009, p.893-894) identificaram quatro pressupostos básicos: (i) os indivíduos são envolvidos por uma teia densa de relações e interações sociais; (ii) a estrutura das relações é condicionante, senão determinante do desempenho dos indivíduos; (iii) uma rede social é constituída por atores/agentes, laços e estrutura; (iv) redes não-aleatórias são função de características sociais específicas.

Entre os estudos neoestruturais de redes corporativas, que contribuiu para o esclarecimento dos modos de conexões entre empresas nessa pesquisa está o trabalho do sociólogo John Scott, que focou “o impacto desorganizador da transnacionalização do capital nas redes de elites corporativas nacionais” (CARROLL, 2009, p.291). Segundo estes estudos, as elites corporativas nacionais e as redes corporativas, ou os chamados “*business groups*” (GRANOVETTER, 1983; 1995), haviam sido mecanismos essenciais para as classes capitalistas desde os movimentos de fusões (*mergers*) do início do século XX (SCOTT, 1991). As interconexões ocorrem em virtude das firmas procurarem reduzir as incertezas ao cooptar a elite de outras firmas visando

assegurar o acesso aos recursos necessários através das interconexões (CARROLL; SAPINSKI, 2011, p.183).

William Robinson (2004) testou a hipótese da emergência de um “espaço supranacional” ocupado por uma “elite transnacional do poder corporativo”. Neste caso, “transnacional” significava estar ligada aos circuitos de produção, marketing e finanças globais sem os “laços tradicionais” com territórios ou identidades nacionais particulares, já que seus interesses estariam vinculados a um regime global e não local, ou nacional, de acumulação. As pesquisas sobre redes corporativas transnacionais ganharam novo impulso na década de 1990. Em 1992, Stephen Gill testou a hipótese da emergência de um “espaço supranacional” formado por uma elite corporativa com participação em conselhos administrativos que atravessariam as fronteiras nacionais, portanto mais vinculadas aos compromissos globais do que aos nacionais. Para W. Carroll (2009), a indagação chave nesse momento foi a trajetória dos segmentos das elites corporativas nacionais e transnacionais:

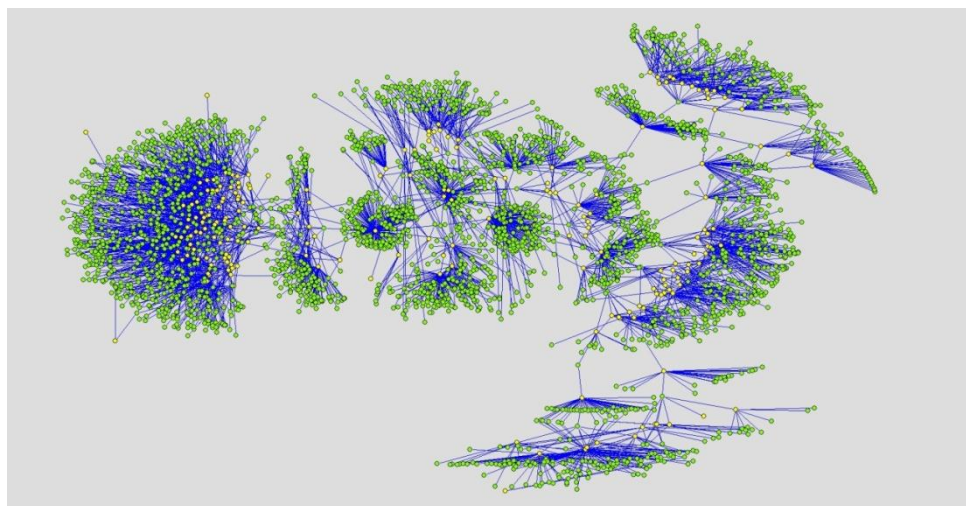
O incremento de densidade transnacional dos circuitos de capital, através dos quais commodities e dinheiro atravessam as fronteiras nacionais, esteve acompanhado da proliferação de conexões de elite que constituem o segmento transnacional no interior da elite corporativa global? (CARROLL, 2009, tradução nossa).

A pesquisa de Carroll estendeu a observação da elite corporativa ao período compreendido entre 1996 e 2004 com foco nos conselhos executivos das quinhentas maiores corporações mundiais. A análise das alterações ao longo do tempo nas elites corporativas apontou um declínio na formação de redes nacionais e um incremento de interconexões “transnacionais”, contudo de forma geograficamente descontínua. Carroll (1996-2004) constatou que os laços que haviam prosperado não significavam conexões “globais” num sentido estrito, mas “pan-européias e transatlânticas” (CARROLL, 2009, p.292).

No presente estudo, realizou-se um procedimento preliminar de análise da rede social (ARS) do agregado de diretorias de interligação — *interlocking directorates* (MIZRUCHI, 1996) — dos três casos alvo (AG3): Bloomberg L.P., a Dow Jones & Company Inc. e a Thomson Reuters Corporation. Selecionamos o grupo de executivos composto pelo conjunto de Conselheiros Executivos

(*Board Members*) das três empresas. A partir de cada membro desse conjunto foram somadas suas “conexões” (*relationships*) externas, isto é, os conselheiros executivos com as quais compartilham posição em conselhos (coafiliação em conselhos) em outras empresas ou organizações, com sede em vinte e seis países³⁸. Cada indivíduo pode estar ligado a inúmeros conselhos em inúmeras empresas e organizações, compreendendo diversos setores industriais. A Figura 15 mostra que não só algumas empresas possuem conselhos maiores, mas também permite identificar alguns conselheiros com uma maior taxa de atividade na rede. Aqueles conselheiros que participam em diferentes empresas se colocam em condições de aproveitarem melhor os recursos que circulam na rede — informações, potencial de coordenação, etc.. Teoricamente, esses conselheiros tendem a aproximar as decisões das empresas das quais participam (GRANOVETTER, 1995). A rede total *two mode* (empresas e pessoas) observada tem Tamanho igual a 3446 vértices (3234 conselheiros e 212 empresas), o total de linhas (conexões) é 3424, com Densidade de 0,53%, Diâmetro 18 passos; e a rede se encontra completamente conectada (Figura 15).

Figura 15 — Grafo *two mode* da rede de conselheiros e empresas AG3



Nota: Dados extraídos da Bloomberg Business Week (2013) no período de 13 a 21 de novembro de 2013 e tratados através do software de análise de redes sociais PAJEK64 4.1a (Ver DOREIAN, 2005). Círculos verdes representam conselheiros, círculos amarelos empresas e linhas azuis ligam os conselheiros às empresas nas quais têm assento no conselho executivo.

³⁸ Os países são: Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Alemanha, Austrália, Holanda, Luxemburgo, Itália, Espanha, Suécia, Ucrânia, Bielorrússia, China, Hong Kong, Singapura, Malásia, Índia, Kasakistão, Israel, Nova Zelândia, África do Sul, Mauritius, Ilhas Virgens, Bahamas, Cayman.

Entretanto, Cocco (1995, p.7) observa que, do ponto de vista das relações de produção, as redes não funcionam como as “infraestruturas rodoviárias” que sustentaram o desenvolvimento fordista (apud MALINI; ANTOUN, 2013, p.48). As infovias não são um espaço de circulação de produtos ou recursos produzidos pela indústria ou pelo setor terciário, mas elas são “o próprio espaço de produção de relações de serviços, isto é, de bens imateriais nos quais produção e reprodução coincidem”. Isso quer dizer que “a produção cultural e o desenvolvimento das redes de difusão — *networks* — e das tecnologias de *two ways* não atravessam somente o mercado de multimídia, mas o conjunto das atividades econômicas” (COCCO, 1995, p.3 apud MALINI; ANTOUN, 2013, p.48).

Na tentativa de fazer um diagnóstico do estado da tecnologia e da cultura, Paulo Vaz (1999, p.114) vê o consenso de que as novas tecnologias, especialmente biomédicas e cognitivo-comunicacionais, estão transformando as experiências do corpo, do pensamento, do trabalho, do tempo e do espaço. Por isso, a “evolução tecnológica mostra a imprevisibilidade na criação, no uso e nas transformações culturais que suscita” (VAZ, 1999, p.114). Ele vê um substrato natural impossível de ser transformado pela cultura. Não se trata de uma relação causal simples entre tecnologia e cultura, independente da direção da causalidade. Isso leva à uma chave questão colocada por VAZ (1999, p.114): Como conceber uma historicidade quando a tecnologia transforma a experiência e incorpora a imprevisibilidade do sentido da transformação e, espacialmente, a possibilidade de influir no que podemos ser? Marazzi (2009, p.65) alerta que a nova divisão internacional do poder busca capturar as decisões relativas aos processos de globalização das redes informático-comunicativas.

4 O REGIME DE INFORMAÇÃO DE INVESTIMENTO

4.1 Políticas de Informação

O critério dos regimes, enquanto chave analítica, permite examinar categoriais essenciais da organização social e política e da administração do poder. Em *Politeia*, Aristóteles (310-250 a.C) define o regime como o critério que determina a identidade da cidade (1274b). Significa um modo de organização da cidade — a *polis* — de acordo com as formas de comunidade (cidadania) e da autoridade — o aparato legal — (1276b5-1277a30). Para Maquiavel (1469-1527), em *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*, o regime é visto como processo dinâmico, desde os movimentos constitutivos aos degenerativos, buscando um equilíbrio sempre precário entre potências antagônicas — o “povo” e os “grandes” (ADVERSE, 2013, p.98)³⁹.

No presente estudo, a ótica dos regimes de informação visa operacionalizar o modo de exploração dos sistemas de organização e controle dos processos de produção e comunicação da informação de investimentos em mercados de títulos mobiliários no ambiente do capitalismo financeiro. Isso significa, por um lado, identificar os modos de produção, organização e controle da informação de mercados. E, por outro, entender as condições políticas da produção da informação de investimento. Portanto, mapear a economia política da informação de investimentos observando os mecanismos de comunicação e controle da informação.

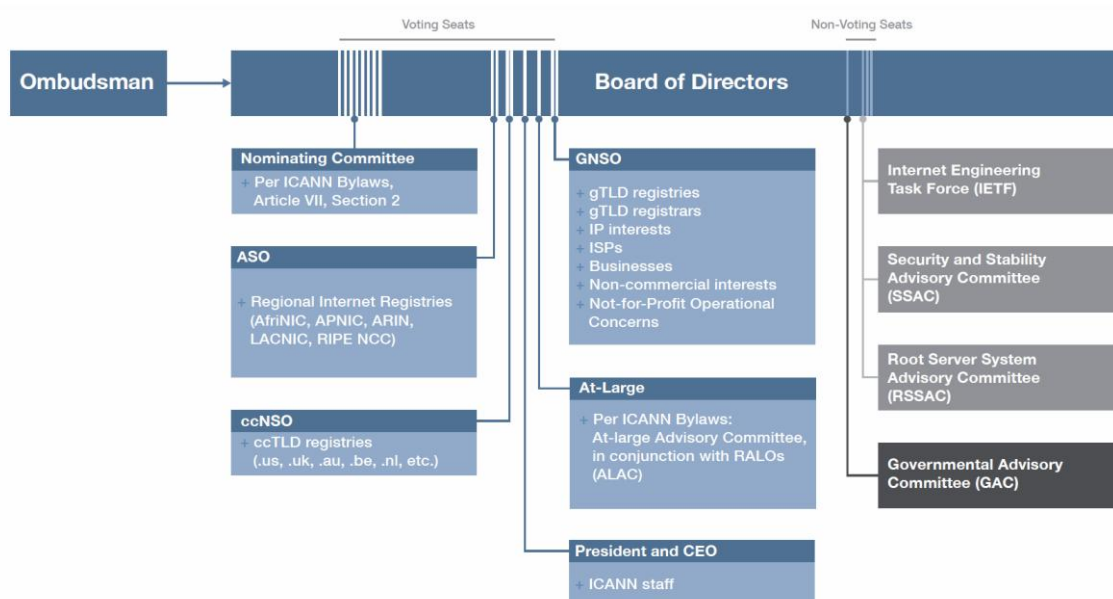
Braman (2005) identifica a emergência de um “espaço Informacional” resultante do “regime de informação global” que excede o esquema geopolítico dos estados-nação. Seria um espaço constituído por ou modo dominante de organização das políticas de informação, em meio às transformações da era da mídia — os séculos XIX e XX (BRIGSS; BURKE, 2006). O critério dos regimes informacionais (BRAMAN, 2009b, p.3) é usado para tratar aspectos do

³⁹ Vale notar a passagem do Capítulo 4 do Livro 1: [Q]uem condena os tumultos entre os nobres e a plebe parece censurar as coisas que foram a causa primeira de liberdade de Roma, e considerar mais as assuadas [os barulhos] e as gritas que de tais tumultos nasciam do que os bons efeitos que engendravam; e não consideram que em toda república há dois humores diversos, aquele do povo e o dos grandes, e de que todas as leis que se fazem em favor da liberdade nascem de sua desunião como facilmente podemos ver que ocorreu em Roma [...]. (DISCURSOS sobre a primeira década de Tito Lívio, 2007, p.21-22).

processo de decisão no âmbito internacional caracterizados por uma área temática particular (*issue area*) em litígio ou discussão. Esses processos decisórios têm lugar antes que acordos formais geopoliticamente reconhecidos possam ser estabelecidos. Cenários como estes têm se tornado de importância decisiva no plano internacional. Os Estados são atores altamente interdependentes e não autônomos, especialmente em vista de novos tipos de questões envolvendo informação e comunicação. Um caso premente ilustra os processos de constituição do regime de informação mundial no âmbito da Internet — a ICANN (International Commission of Assigned Names and Numbers), um modelo institucional inédito e ainda em negociação. Sob o conceito de “stakeholder” ou, em outras palavras, das partes interessadas, a ICANN articula entidades de diferentes naturezas — indivíduos e governos — e múltiplas instâncias de discussão — questões políticas (ONGs) e questões técnicas (engenharia), conforme Figura 16 a seguir.

O “regime informacional” inclui princípios, explícitos e implícitos, normas, regras, e procedimentos. São processos decisórios nos quais há convergência de expectativas dos atores em certas áreas particulares. A Figura 17 mostra o organograma decisório da organização que reúne entes votantes e não votantes, interesses diretos (ex.: ALAC) e instâncias de aconselhamento (IETF, SSAC, RSSAC).

Figura 16 — Estrutura de decisão da ICANN



Especificar a área em questão — o problema das políticas específicas que serão objeto de decisão — é fundamental, já que regimes de uma área são significativamente diferentes de outra, como uma questão de defesa e outra de agricultura (BRAMAN, 2009c, p.33). Os princípios são crenças em fatos, ou lógicas de causação (*causation*) e retidão (*rectitude*). Normas são padrões de comportamento definidos em termos de direitos e obrigações. Regras são prescrições específicas ou proscições contra alguma ação. Procedimentos de processos decisórios são práticas prevalecentes na construção e implementação das opções coletivas. Braman (2009c, p.12) usa o conceito de “Estado informacional” para assinalar os movimentos de governos para exercer o domínio do “espaço” caracterizado por múltiplas interdependências com entidades estatais e não estatais, em modos que requerem uma ampla infraestrutura informacional global para criação, processamento, fluxo e uso da informação: “o Estado informacional se especializa no uso de informação enquanto poder”.

Figura 17 — Organograma da composição multistakeholder da ICANN



Fonte: ICANN, 2013, p.2.

González de Gómez (2012, p. 43) destaca as aplicações do conceito de regime de informação como ferramenta que permite “situar e analisar as relações de uma pluralidade de atores, práticas e recursos, à luz da transversalidade específica das ações, meios e efeitos de informação”:

[A] transversalidade que se estabelece na medida em que tais relações e interações perpassam uma ou mais esferas da cultura, da economia, da educação, da comunicação, da pesquisa científica e da vida cotidiana, e especificidade que se constitui na medida em que o envio e a direção dessa transversalidade pertencem às configurações contemporâneas da informação, e são reconhecidas como tais (e não como sendo da esfera da saúde, do transporte ou da mídia). (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2012, p. 44).

Ao visar um “modo de produção” da informação, supõe-se uma dinâmica, que consiste em termos gerais da criação, gestão, distribuição e consumo de informação. A noção contemporânea de “cadeia produtiva da informação” resultou da aproximação de dois conceitos centrais das políticas de inovação características da Nova Economia — informação e gestão (CASSIOLATO, 1999). Ambos os conceitos são historicamente circunstanciados em um ambiente de organização política e econômica que configura o chamado “sistema-mundo capitalista” (WALLERSTEIN, 1989), constituído por movimentos de integração política mundial apoiados nos processos de “globalização econômica” (FIORI, 1994), e crescentes esforços de coordenação e planejamento da economia (HOBSBAWM, 1995, p.273-275)⁴⁰.

Mas é o crescimento vertiginoso dos acervos de informação a partir dos empreendimentos científicos e tecnológicos da Segunda Grande Guerra, especialmente aqueles associados aos processos de desenvolvimento de armamentos e grandes operações logísticas, que colocaram em evidência a necessidade das tecnologias de armazenamento e recuperação da informação,

⁴⁰ A revista *Forbes* é um exemplo do papel estratégico do discurso dos dispositivos de informação da comunidade de investimento: “A palavra “capitalismo”, como também “imperialismo”, era evitada no discurso público, uma vez que tinha associações negativas na mente do público. Somente na década de 1970 é que vamos encontrar os políticos e publicitários orgulhosamente declarando-se “capitalistas”, ligeiramente antecipado em 1965 pelo lema da revista *Forbes* que, invertendo a um jargão dos comunistas norte-americanos, começou a descrever-se como uma “ferramenta capitalista” (HOBSBAWN, 1995, p.173, tradução nossa).

com a seleção e consulta de grandes acervos. Operações que deveriam ser conduzidas por sistemas cada vez mais complexos de codificação, classificação e indexação. Perspectiva que levou Vannevar Bush (1945) a imaginar “um dispositivo em que o indivíduo armazenará seus livros, seus registros, suas anotações, suas comunicações” e, considerando a necessidade de grandes arquivos de informação, o dispositivo “será mecanizado de modo a poder ser consultado com extrema velocidade e flexibilidade”.

Todavia, foi a teoria da comunicação de Claude Shannon (1948), pesquisador da Bell Labs, que reduziu o conceito de informação a uma grandeza mensurável, e que podia ser codificada (em bits) em uma peça de silício. Dessa forma, o “conteúdo informacional” de uma comunicação determina o valor da mensagem, que, por sua vez, é função daquilo que o receptor já sabe (SHANNON, 1948, p.24). Se um resultado é altamente imprevisível, a mensagem comunicada deve conter mais informação (requer mais bits).⁴¹ Esse esforço foi ampliado por centros de pesquisa, empresas e universidades no sentido de subsidiar a organização de conteúdos em ambiente digital, com a criação de diversos formatos de metadados. Conforme define Rosetto (2002), citado por Silva e outros autores (2004), o metadado se refere a diferentes níveis de especificidade, estrutura e maturidade dos processos relativos à produção e uso da informação. Isso resulta de diferentes recursos eletrônicos com “o objetivo de modelar e filtrar o acesso, termos e condições para uso, autenticação e avaliação, preservação e interoperabilidade entre acervos digitais”:

[C]ontempla documentos gerados ou transpostos para o ambiente digital (eletrônico), um serviço de informação (em todo tipo de formato), no qual todos os recursos são disponíveis na forma de processamento eletrônico (aquisição, armazenagem, preservação, recuperação e acesso através de tecnologias digitais). (ROSETTO, 2002 apud SILVA et al., 2004).

Se a ênfase nos processos de comunicação de mensagens restringe a teoria da informação a seu aspecto técnico, as necessidades de organização e

⁴¹ Tal conceito revolucionário é uma das “85 ideias disruptivas” da história, segundo o “ranking” da *Business Week* (BENNETT, 2014), pois permite a codificação de programas que concentram a informação importante em um pacote mínimo, “tornando possível desde a criptografia à modelagem estatística do clima ou do mercado de ações”.

controle social e econômico dos fluxos comunicacionais exigem a constituição de uma comunidade sintática. Não pode haver uma análise econômica sem regras que definam a sua sintaxe e seu uso social (GUIBERT et al., 1971). O Sistema Dewey de Classificação Decimal (DDC), criado por Melvil Dewey (1851-1931), assim como a Classificação Decimal Universal (CDU) de Paul Otlet (1868-1944) se mostram precursores históricos dos sistemas de classificação voltados para o planejamento e a comunicação de investimentos, como o International Standard for Industrial Development (SID) e o General Industrial Classification System (GICS), desenvolvidos como sistemas de classificação e indexação voltados para a comunidade financeira e de investimentos.

Esses mecanismos tecnológico-institucionais (organizações e tecnologias) integram a dinâmica produtiva da informação de investimentos cujo fluxo transita pela infraestrutura global de comunicação de negócios. A possibilidade de recorrer às diversas definições de “informação” tornou possível iluminar diferentes dimensões dos sistemas de informação (BRAMAN, 1989, p.241)⁴². A infraestrutura de informação e comunicação de investimento é composta de múltiplos dispositivos e diferentes combinações de elementos heterodoxos (sistemas, serviços e ferramentas), envolvendo a interpenetração entre sistemas e dispositivos. Para distinguir a especificidade do modo de produção da informação de investimento, e seus usos, foi preciso contemplar tanto suas dimensões econômicas (sistemas, modos e relações de produção) quanto políticas (formas de governamentalidade e governo), assim como manter uma concepção difusa de poder, também levando em conta a indeterminação natural da linguagem (BRAMAN, 1989, p.233).⁴³ A partir dessas considerações, pode-se entender a configuração reflexiva dos regimes de informação resultante processos sociais complexos:

[...] um regime de informação seria o modo informacional dominante em uma formação social, o qual define quem são os

⁴² Braman relata que o panorama acadêmico no início dos anos 1990 contava com 40 campos de estudos que lidam com informação. Na categoria das chamadas “comunicações”, já eram usadas 100 definições de tipos de processamento de informações para fins de regulação (BRAMAN, 1989, p. 233). “Já os romanos mantinham registros de seus cidadãos, e existem 21 provisões relacionadas a políticas de informação na constituição Americana e na Declaração dos Direitos” (BRAMAN, 2011, p.1-2).

⁴³ Ver também p.101 desta dissertação.

sujeitos, as organizações, as regras e as autoridades informacionais e quais os meios e os recursos preferenciais de informação, os padrões de excelência e os modelos de sua organização, interação e distribuição, enquanto vigentes em certo tempo, lugar e circunstância. Como um plexo de relações e agências, um regime de informação está exposto a certas possibilidades e condições culturais, políticas e econômicas, que nele se expressam e nele se constituem. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003, p. 43).

Desse modo, ainda que com diferentes clivagens em Braman (2009c, p.3-4) e González de Gómez (2003, p. 3), o regime de informação pode se tornar critério para identificação de uma combinação de práticas culturais, de normas éticas, de leis morais, de estruturas de conhecimento, dos aparatos tecnológicos e das formas organizacionais — instituições de Estado e privadas. Mas é preciso ir além, aponta Marazzi (2009, p.30-31). A estrutura linguística, com regras e gramática, é condição central também para o desenvolvimento dos novos modelos organizacionais e de gestão inspirados no mesmo princípio de que a linguagem “produz organização” no interior da esfera do trabalho. A linguagem vista não apenas como veículo de socialização:

Uma vez que o pós-fordismo, [...] *não* mais separa a produção da comunicação, mas faz da coincidência entre as duas a própria alavanca do desenvolvimento econômico, a primeira coisa a verificar é o tipo de comunicação, ou melhor, o tipo de linguagem de que estamos falando. (MARAZZI, 2009, p.30).

No presente estudo, buscou-se mapear — com novas conceituações e matrizes de relações — um dispositivo configurado pela cultura, pelas políticas e pelas práticas da comunidade de investimentos, isto é, por modos específicos de produção e usos da informação de negócios no sistema global de mercados financeiros⁴⁴. Focou-se, sobretudo, nos mecanismos de informação e comunicação inseridos em um quadro geral de conflitos sociopolíticos, inerentes aos processos de produção e de valoração do capitalismo financeiro. Nesse sentido, exploraram-se os modelos das “agências de notícias e informação financeira” no quadro das transformações do capitalismo do século XX e do limiar do século XXI. Tratou-se, portanto, de examinar a trajetória das

⁴⁴ A Declaração de Princípios da Bloomberg L.P. enfatiza a “cultura empresarial”, as “políticas e as práticas” de manuseio dos dados e informações de investimentos de clientes em relatório de 2013. Conforme relatório Hogan Lovells/Promontory Report. August 20, 2013, coordenado por Palmisano, Samuel J., *Client data policies and practices of Bloomberg L.P.*. (PALMISANO, 2013).

formas de organização que se articulam em um regime global de informação de investimentos combinando múltiplas interdependências, entre entidades estatais, não estatais e indivíduos, atuando com o propósito de produção, organização e controle dos fluxos da informação que circulam pela infraestrutura mundial de comunicação de negócios, levando em conta a multiplicidade de relações difusas de poder e de conflitos sociais subjacentes. Bern Fromann (2010), ao contemplar as relações entre poder e informação, procurou realçar o caráter social das tecnologias e das políticas sociais de informação, isto é, a visão dos dispositivos de informação como artefatos híbridos, que também envolvem práticas sociais e discursos, iluminou as múltiplas dimensões desse objeto:

Talvez a ideia mais importante do construtivismo social é que ciência e tecnologia não são uma dimensão autônoma separada do social (veja, ex.: CALLON, 1990). Nem a construção, nem as consequências das tecnologias são explicadas adequadamente por fatores contextuais relacionados ao “trabalho que em seu núcleo é não-contextual” (KNORR-CETINA, 1983, p.124). O problema não é estabelecer conexões entre duas dimensões distintas — o social e o tecnológico — traçando suas “causas” ou seus “efeitos”, mas revelar seu caráter imanentemente social. Portanto, as consequências sociais e culturais das novas tecnologias de informação [...] não devem ser buscadas a partir da pressuposição de que serão definições puramente em termos tecnocientíficos. Ao contrário, suas [da tecnologia] configurações e formas devem ser vistas como resultado de batalhas sociais específicas. (FROHMANN, 2010, p.2, tradução nossa).

O dispositivo multifacetado e multiplexo de informação de investimentos exigiu um instrumental teórico múltiplo para pensar as diferentes dimensões em questão. O desafio foi pensar em processos de informação que se desenrolam de diferentes formas e em diferentes níveis de uma estrutura social altamente articulada, com alta variabilidade de padrões e ritmos — “a descrição de sociedades complexas deve levar em conta os diferentes níveis e as interações mais adequadas entre níveis e intraníveis” (BRAMAN, 1989, p.233). Os processos de geração, processamento e difusão (acesso e uso) da informação pressupõem princípios, normas, regras e procedimentos (BRAMAN, 2009b). Isso demandou a visão do dispositivo informacional a partir de uma ótica

multidimensional — a dimensão produto, mas também a dimensão das relações de produção e a dimensão da linguagem.

Pode-se recorrer a centenas de definições de informação, segundo Braman (2011, p.3), para pensar as políticas de informação suas diferentes dimensões sociais, contudo é possível classificá-las em seis classes: informação como *recurso*; como uma *commodity*; como *percepção de um padrão*; como *condição de possibilidade*; como *agente*; e como *força constitutiva* na sociedade. Cada um dos tipos de definição de informação tem sua própria utilidade, de acordo com três fatores (BRAMAN, 1989, p.241): (i) a perspectiva pela qual se vê a questão de políticas de informação; (ii) a utilidade da definição para uma situação particular; (iii) a relação entre a definição e as noções de poder a que está associada — instrumental, estrutural ou consensual. Albagli (2013b, p.112) acrescenta a noção de informação como “trabalho infocomunicacional”. Cada uma tem sua utilidade para a análise política dos processos de informação e cada uma representa uma maneira diferente de abordar a questão da relação entre informação e conhecimento. Braman (2011, p.3) enfatiza que “qualquer análise de políticas de informação deve começar e concluir dando atenção aos efeitos constitutivos e constitucionais da tomada de decisão envolvendo informação”.

Os aspectos representacionais da informação ganharam destaque com as crises financeiras do final do século XX e início do século XXI (THOMPSON, 2009). Isso atraiu atenção para a característica específica da valorização dos ativos negociados nos mercados financeiros (BRAMAN, 2011, p.56). Segundo a autora, mesmo não sendo um tipo novo de operação comercial, os “mercados futuros” foram decisivos para as sucessivas crises de 1987, 1997 e 2007. Os aspectos representacionais também haviam sido centrais com a introdução do conceito de *mark-to-market*, que estendeu a cadeia de referências de faticidade além do registro contábil, e sendo ele também suscetível às manipulações representacionais dos agentes de Bolsas (BRAMAN, 2011, p.56). Também o desenho de instituições e as práticas de produção e manipulação de “fatos”, são encontrados em outras áreas de políticas de informação:

No caso dos Estados Unidos, estes incluem a imposição de

barreiras administrativas ao uso de resultados de pesquisa científica como insumos para as agências regulatórias; a liberação da força de segurança interna (o Federal Bureau of Investigation, ou FBI) das exigências de colocar indivíduos como alvos de vigilância antiterror baseada em fatos concretos; e a “perturbação” (falsificação deliberada) de fatos em base de dados como medida ostensiva para atingir metas de proteção de privacidade. (BRAMAN, 2011, p.57).

Um exemplo do impacto econômico das mudanças no sistema de referencialidade da informação de mercados está na alteração da lei de informes e documentos da Securities Exchange Commission (SEC) dos EUA. As alterações, destacou Braman (2011, p.56), enfraqueceram os requerimentos de precisão e transparência e passaram a permitir a inclusão de informação inteiramente probabilística para descrever os estoques à venda, esse tipo de informação era considerada antes “enganosa e inadequada para a tomada de decisões”. A economia representacional da informação de investimentos colocou em evidência os processos de valorização subjetiva atrelada aos sistemas de classificação e indexação:

Muitas formas de derivativos eram consideradas ilegais até 1970, mas, uma vez que apareceram, o mercado de derivativos rapidamente se tornou um dos mais importantes do mundo. Apesar de, no início, parecerem gerar enormes quantidades de riqueza, o uso de derivativos também tem sido apontado como um causador do crash de 1987 [...]. (BRAMAN, 2011, p.55).

Isso leva ao problema das dinâmicas de construção de “faticidade” específica dos mercados financeiros. A existência de uma dada quantidade de fatos, articulados com verossimilhança, coerência e coesão se autovalidam, tanto individual quanto coletivamente, configurando o que Gaye Tuchman (1978) denomina uma “teia da faticidade” (MOURA, 2006, p.55). A geração das notícias e informações financeiras demonstra a construção reflexiva desses “mapas de significado”:

Esses “mapas de significado” incorporam e refletem os valores comuns, formam a base dos conhecimentos culturais e são mobilizados no processo de tornar um acontecimento inteligível [...]. Na terminologia da escola culturalista britânica, recorrendo a Gramsci, as notícias, como parte da produção da indústria cultural, contribuem para a “hegemonia ideológica”. (TRAQUINA, 2005, p.177).

A organização de comunidades de investimentos colocou em evidência a importância do tipo de racionalidade que articula os mecanismos de comunicação e controle da informação de investimentos. Há de se “reconhecer que a agência humana reside nas interseções entre condições sistêmicas, conhecimento e ações racionais”, o que leva atores a aprender novos padrões de racionalidade conformando diferentes “comunidades epistêmicas” (HASS, 1992)⁴⁵.

Para o propósito deste estudo, significa que a noção de “organização da informação” refere-se a todos os tipos de valor da informação (TARAPANOV, 2006, p.23), enquanto a noção de “gestão da informação” implica, sobretudo, a posse, o uso e a segurança da informação. Por esta razão, tanto os processos de organização da informação quanto de gestão da informação de investimentos podem ser vistos como um “modo de controle” da informação financeira.

Como explica Cocco (2013), o “espaço de segurança” característico dos modos de produção pós-fordista é pleno de fenômenos e eventos — e de dados — enquanto o “espaço disciplinar” é fechado e vazio, configurado por adestramento e normas. Se, por um lado, no espaço disciplinar, constroi-se a arquitetura de hierarquização, de comunicação das relações de poder e de efeitos circulares — um espaço “arquiteturado” —, por outro, no espaço de segurança, problematiza-se as estatísticas, é um espaço polifuncional. No espaço de segurança os elementos produzem controlados por cálculos de probabilidades dentro de um meio ambiente onde é possível levar a ação de um corpo a outro — uma economia de circulações (COCCO, 2013). O regime de segurança neoliberal é um espaço de segurança, a política é uma física (medida por curvas de tolerância) e a economia é convertida em uma política (COCCO, 2013).

⁴⁵ O sociólogo alemão Ulrich Beck e o sociólogo britânico Anthony Giddens, em diferentes concepções, postulam uma “segunda modernidade”, uma era reflexiva da modernidade, a “sociedade do risco”. A tese da sociedade de risco descreve a emergência de um *ethos* do risco, uma identidade coletiva de risco e a formação de comunidades de risco unidas por uma vulnerabilidade crescente ao risco. A atenção é voltada para as concepções essencialistas da natureza do risco, suas origens e como os impactos de risco são avaliados. A teoria aponta para a reconfiguração de como o risco é identificado, avaliado, comunicado e governado (EKBERG, 2007, p. 343). O terminal Eikon da Reuters que “prevê flutuações de preços, acontecimentos climáticos e faz análise de risco” é um modelo de cálculo de risco combinado a outras variáveis de investimentos (Figura 3).

4.2 A controversa sociedade da informação

As ideias de uma “economia do conhecimento” e da “sociedade da informação” têm influência crescente no pensamento sociológico e na construção de políticas nacionais e internacionais a partir da segunda metade do século XX. Entretanto, é a crítica às noções de “sociedade da informação” e “economia do conhecimento”, em suas diferentes formulações (MACHLUP 1962; DRUCKER, 1969; BELL, 1973; PORAT, 1977), que revela as contradições e conflitos subjacentes operando as transformações políticas do capitalismo avançado (HARDT; NEGRI, 2004; PASQUINELLI, 2005; VERCELLONE, 2005).

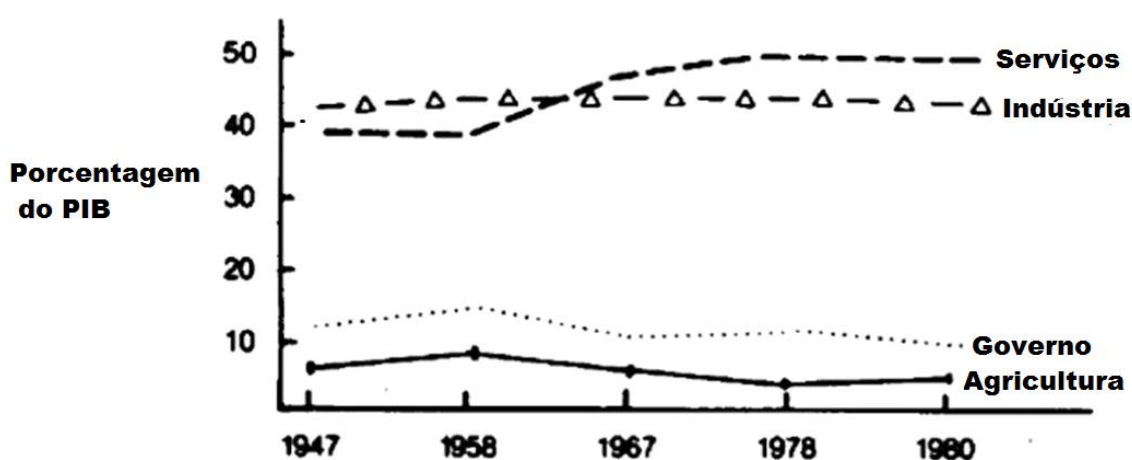
O papel crescente da gestão do conhecimento científico nos processos sociais de produção estimulou diversas tentativas de conceituação do “paradigma da informação” e de suas consequências para a constituição de novos modos de produção, entre eles, o conceito de “indústria do conhecimento” (MACHLUP, 1962), “sociedade do conhecimento” (DRUCKER, 1969), “sociedade pós-industrial” e “sociedade da informação” (BELL, 1973; 1986), a “economia da informação” (PORAT, 1977), assim como as teorias da “sociedade em rede” (CASTELLS, 2000a; RONFELDT; ARQUILLA, 2001a, p.311-312).

A propagada passagem da “economia industrial” para uma “economia do conhecimento” apareceu inicialmente em estudos que examinavam o crescimento de atividades relacionadas à “gestão da informação e do conhecimento” na economia dos EUA, baseadas no exame de indicadores de emprego em diferentes setores da produção (CRAWFORD, 1983). Esses estudos se baseavam em uma teoria da história econômica em três estágios: da produção agrícola, para a manufatura industrial e, a seguir, da economia de serviços (AMPUJA; KOIVISTO, 2014, p.2). Machlup, de origem austríaca, estudou com Ludwig Von Mises. Defendia que a produção de conhecimento, especialmente o conhecimento científico e tecnológico altamente especializado, estava adquirindo maior peso relativo na economia dos EUA, e de forma continuada.

A maioria desses estudos (MACHLUP, 1962; DRUCKER, 1968; PORAT, 1977) estava fundamentada em estatísticas da economia americana, enquanto

nos países socialistas a questão era discutida sob o título de “revolução científica e tecnológica” nos trabalhos de Rodovan Richta e outros (1969), e do “sistema de informação científica” em Alexander Mikhailov (1970). A “nova realidade econômica” baseada em computadores e informação demandava uma nova forma de planejamento e gestão das diferentes práticas da sociedade industrial (DRUKER, 1968).

Gráfico 4— Setores econômicos como porcentagem do Produto Interno Bruto (PIB) -1972 (em dólares)



Fonte: CRAWFORD, 1983, p. 383.

Paul Zurkosky (1974), presidente da Comissão Nacional de Bibliotecas e Ciência da Informação dos EUA (NCLIS), advertia que as pessoas teriam de se tornarem letradas informacionalmente (*information literacy*) “para sobreviver e competir na emergente sociedade da informação”: a “sociedade da informação” é o paradigma do século XXI (UNESCO, 2008). As tentativas de construção de modelos teóricos se sucederam, mostrando-se ora inconsistentes, ora insuficientes para lidar com a complexidade dos conflitos subjacentes e a natural polissemia do termo “informação”.

Fritz Machlup (1962) formulou, em *The Production and Distribution of Knowledge in The United States*, a teoria da emergência de uma “indústria do conhecimento” e a forma de mensurá-la é olhar para a “produção do conhecimento” como uma fatia do PIB (Tabela 5). A contabilidade de todo o esforço econômico nacional para a produção de “conhecimento” deveria incluir:

(i) P&D; (ii) Educação (todos os níveis); (iii) Comunicação e Mídia (livros, jornais, rádio, televisão, criação artística, entretenimento); (iv) aparatos informacionais (computadores, telecomunicações, *data centers*, máquinas de escritório etc.); (v) serviços informacionais (bibliotecas, centros de informação, órgão dedicados à informação de governo, finanças, jurídica, engenharia e medicina). Contudo o esforço se mostrou insuficiente e pouco esclarecedor em função da dificuldade em lidar com as fronteiras entre as diversas categorias de “produção do conhecimento”. A categoria “serviços informacionais” se mostrou especialmente problemática em função da generalidade e da dificuldade das correspondentes delimitações específicas.

Tabela 5 — Média de crescimento anual dos setores de Indústria, Serviços, Governo e Informação (1948-1972)

Setor	Taxa média de crescimento anual (%)
Governo	5.0
Indústria	5.4
Serviços	6.5
Informação	6-10

Fonte: Crawford, 1983, p.383.

Ao longo dos anos 1970, o termo “sociedade da informação” começa a aparecer na literatura. Em 1970, a American Society for Information Science (ASIC) escolheu como tema de encontro anual “A sociedade consciente da informação” (*The Information-conscious Society*) e um dos artigos apresentados foi “O Advento da Era da Informação” (*The Advent of the Information Age*), segundo Crawford (1983, p.381).

Daniel Bell publicou uma coleção de artigos, nos anos 1960, intitulados “O Fim da Ideologia”. Neles argumentava em favor do triunfo do liberalismo americano contra o “totalitarismo”, simbolizado pela contínua melhora do padrão de vida e conquistas do trabalho na forma da “revolução da gestão” (AMPUJA; KOIVISTO, 2014). Isso haveria resultado em “uma sociedade mais estável onde os conflitos ideológicos sobre os objetivos políticos fundamentais” haviam sido superados (BELL, 1960, p.402-403 apud AMPUJA; KOIVISTO, 2014, tradução nossa).

Certamente, no discurso da sociologia liberal Americana pós Segunda Guerra, “ideologia” significava “esquerdismo fervoroso de tipo comunista ou socialista” (Gilman, 2003, p.60), uma forma de paixão política que tornava-se supérflua quando um país havia superado uma transição bem sucedida em direção à “modernidade”. (AMPUJA; KOIVISTO, 2014, p.3, tradução nossa).

O mundo ocidental liderado pelos EUA oferecia um modelo político e econômico sedutor para o Terceiro Mundo. A teoria pós-industrial de Bell surge após um incremento massivo de apoio governamental à pesquisa e ao desenvolvimento (P&D) nas décadas de 1950 e 1960. Seu livro, *The Coming of the Post-Industrial Society* (1975), tem enorme repercussão (CRAWFORD, 1983, p.381), prevendo que a sociedade industrial seria ultrapassada segundo a fórmula que “o que conta não é o poder muscular bruto ou energia, mas informação” e “a pessoa central é o profissional, pois ele está equipado, através de sua educação e treinamento, com as competências em demanda crescente” (BELL, 1974, p.127 apud AMPUJA; KOIVISTO, 2014, tradução nossa).

Em contraste com a sociedade industrial, organizada pela coordenação de máquinas e trabalho humano para a produção de bens, “a sociedade pós-industrial está organizada pelo conhecimento, com o propósito de controle e direcionamento da inovação e da mudança” (BELL, 1974, p.20 apud AMPUJA; KOIVISTO, 2014). A sociedade se organizaria de um modo crescente de forma tecnocrática, “mais consciente dos processos de decisão [*decision making*]” (BELL, 1974, p. 43 apud AMPUJA; KOIVISTO, 2014), e com a “gestão de sistemas de grande escala” (BELL, 1974, p.29 apud AMPUJA; KOIVISTO, 2014, tradução nossa).

A crescente importância do capital humano e da “centralidade do conhecimento teórico” (BELL, 1974, p.112-118 apud AMPUJA; KOIVISTO, 2014) é o “eixo ao redor do qual a nova tecnologia, o crescimento econômico, e a estratificação social estarão organizadas” (BELL, 1974, p.112 apud AMPUJA; KOIVISTO, 2014). A. O “capitalismo total” (*full capitalism*), com sua ênfase nos “princípios do lucro e do racionalismo econômico” (BELL, 1974, p.64-65 apud AMPUJA; KOIVISTO, 2014) é sucedido pelo controle político da sociedade e da produção econômica. Uma nova classe baseada em “competências”

substituirá “a antiga classe capitalista” e sua dominação (BELL, 1974, p.79), a “*intelligenza* técnica e profissional” (BELL, 1974, p.362 apud AMPUJA; KOIVISTO, 2014, tradução nossa).

Peter Drucker (1969) dedicou uma seção em *The Age of Discontinuity* ao que chamou de “sociedade do conhecimento”, baseando-se nas pesquisas e projeções de Machlup. Drucker apontou que, até o final da década de 1970, o “setor do conhecimento” seria responsável por 50% do PIB dos EUA, o que viria a ser confirmado pelo modelo analítico proposto. Drucker recorre aos dados e projeções de Machlup. A “nova realidade econômica” esta baseada em computadores e nas indústrias da informação emergentes.

Em 1973, o livro *The Coming of the Post-Industrial Society*, de Daniel Bell, teve grande repercussão (CRAWFORD, 1983, p.381). A noção de uma sociedade pós-industrial, neste caso, decorria do fato de que uma fatia do PIB, correspondente ao Setor de Serviços, ultrapassaria a porção relativa à soma de Agricultura e Manufatura no PIB americano. A diferença específica que caracterizava a “sociedade pós-industrial” para Bell era a centralidade do novo arranjo entre conhecimento, informação e gestão, no núcleo das atividades produtivas constituindo a “economia do conhecimento” (*knowledge-based economy*).

Em 1977, Marc Porat (1977), aluno de Edwin B. Parker, publicou sua visão da “economia da informação” reconceituando algumas noções de Machlup. Porat usou o banco de dados de renda nacional e volume de produção (*Products Account*) do Departamento de Comércio dos EUA para desenvolver uma análise dos custos relativos às “atividades de informação” (Quadro 7).

Quadro 7 — Comparação entre formulações da economia do conhecimento

Machlup (1962)	Porat (1977)
Unidades: as organizações e indivíduos que produzem bens e serviços de informação, ex.: firmas industriais, instituições, departamentos, indivíduos/lares	Unidades: as atividades de informação. Porat examina cada atividade para determinar se é relacionada a informação, depois determina os custos da atividade. Há um setor primário cuja atividade principal é informação; e um setor secundário com pouca atividade de informação
Objetivo: reagrupar em 5 setores (educação, pesquisa e desenvolvimento, comunicações, serviços informacionais, máquinas informacionais) para descrever o escopo da economia da informação e determinar custos	Objetivo: medir a economia da informação reformatando os custos no interior das categorias contábeis dos EUA
Total: 28% do PIB	Total: 25% do PIB

Fonte: CRAWFORD, 1983, p.381

A partir de Edwin B. Parker e Marc Porat, a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) criou o conceito de “investimento em conhecimento” para medir o potencial de desenvolvimento de um país. A OCDE publicou estudos que apontam a centralidade econômica da produção informacional e do conhecimento. nos anos seguintes (OECD, 1981; OECD, 1986). Esse indicador reúne desembolsos em P&D, educação superior e em *software*. Em 2000, esse indicador correspondeu a 4,8% do PIB dos países da OCDE, enquanto o equipamento em maquinaria foi de 8,4% (FURTADO, 2008, p.158).

Bell via a necessidade de um papel forte do Estado para o desenvolvimento da infraestrutura de informação e o planejamento econômico necessário baseado em uma “hierarquia de poder” (BELL, 1974, p.131 apud AMPUJA; KOIVISTO, 2014). O argumento fundamental da teoria da sociedade da informação de Bell é que a produção do conhecimento e poder intelectual superam a importância da produção industrial e do poder da máquina na economia e que esse processo é conformado pelas “tecnologias intelectuais” como computadores e novas tecnologias de comunicações (BELL, 1974, p.27 apud AMPUJA; KOIVISTO, 2014, tradução nossa).

De um ponto de vista crítico da teoria social da informação, os modelos de Daniel Bell e Manuel Castells desempenharam funções hegemônicas para

as elites capitalistas, oferecendo fórmulas e concepções políticas (AMPUJA; KOIVISTO, 2014, p.1). A noção de que “informação” e “conhecimento” dominam a sociedade, de alguma forma, funda-se nas necessidades de evolução do capitalismo em sua trajetória de organização da produção e da exploração em larga-escala do trabalho, como também do movimento eficiente de mercadorias e “da geração de informações sobre êxitos e fracassos de mercado”, ou seja, a lógica da competição, da industrialização e do progresso científico (AMPUJA; KOIVISTO, 2014). Desse ponto de vista, o paradigma de uma “sociedade da informação” é visto como estratégia para se desenvolver e manter a hegemonia capitalista global:

A mesma ênfase na transformação tecnológica de Manuel Castells (CASTELLS, 2000a, p.17): o novo paradigma econômico centrado em “geração de conhecimento, processamento de informação e comunicação de símbolos”. Estas tecnologias flexíveis podem ser utilizadas em diferentes setores da economia tornam possível que “organizações e instituições se transformem, até mesmo alterações fundamentais (2000a, p.71): “As novas tecnologias de informação não são apenas ferramentas úteis, mas processos que podem ser desenvolvidos”, em razão disso, “[p]ela primeira vez na história, a mente humana é diretamente uma força produtiva, não apenas um elemento decisivo no processo de produção”. (CASTELLS, 2000a, p.31; AMPUJA; KOIVISTO, 2014, p.6, grifos dos autores, tradução nossa).

Tanto Bell quanto Castells acreditam que o nível do desenvolvimento científico e tecnológico ditam as transformações de uma época, o que resulta em diferentes estágios do desenvolvimento geral do capitalismo (AMPUJA; KOIVISTO, 2014, p.7). O trabalho de Castells nos anos 1970 foi majoritariamente no campo da sociologia urbana marxista. Para os autores, o livro *The Economic Crisis and American Society* marcou o fim do período marxista de Castells:

Em uma análise retrospectiva, Castells (in Rantanen 2005, 137) afirmou: “Eu deixei de ser marxista quando eu me dei conta de a maioria das questões que me interessavam não poderiam ser entendidas usando o marxismo. Por exemplo, eu não poderia entender gênero, movimentos sociais urbanos, as diferenças entre nacionalidades e línguas usando classe como minha única ferramenta analítica” (AMPUJA; KOIVISTO, 2014, p.6, tradução nossa).

O “fim da ideologia” resultante das políticas de Estado de bem estar keynesiano seria substituído pela meritocracia e o aumento dos padrões de vida. Castells também acreditava que as divisões sociais básicas resultam de competências e educação e de trabalho informacional, a força de trabalho principal na sociedade em rede (AMPUJA; KOIVISTO, 2014, p.x). O trabalho não qualificado de trabalhadores são “desligados” das áreas econômicas principais (CASTELLS, 2000a, p.258-260 apud AMPUJA; KOIVISTO, 2014, tradução nossa). A estrutura social em rede seria mais efêmera, pois as divisões entre proprietários e produtores, gerentes e serviçais, torna-se efêmera na nova geometria de trabalho em rede. O poder está nas mãos daqueles que “programam” e controlam a informação e as redes de comunicações e conectam estas a outras redes (CASTELLS, 2009, p.45-46, apud AMPUJA; KOIVISTO, 2014, tradução nossa).

Ampuja; Koivisto (2014, p.8) defendem que a visão de Castells se aproxima da de Bells em dois pontos. O primeiro quando situa a posição do indivíduo em sua capacidade de contribuir para uma cadeia produtiva de valor inserindo-se como “trabalho informacional” e não em função de classe ou capital. O segundo, em retórica favorável às empresas em rede como a Cisco Systems e a Apple, assim como certa “classe criativa” do capitalismo informacional, em uma “cultura do efêmero, a cultura de cada decisão estratégica, um amalgama de experiências e interesses” (CASTELLS, 2000a, p.214 apud AMPUJA; KOIVISTO, 2014, tradução nossa). Os “heróis” da sociedade em rede são visionários rebeldes como Steve Jobs e Steve Wozniak da Apple cuja “saga extraordinária se tornou a lenda fundadora da Era da informação” (CASTELLS, 2000a, p.43 apud AMPUJA; KOIVISTO, 2014, tradução nossa). Aderindo ao discurso de que as novas formas de gestão e inovação são o combustível da Nova Economia (CASTELLS, 2004, p.158 apud AMPUJA; KOIVISTO, 2014, tradução nossa).

Os princípios teóricos de Max Weber, segundo a análise de Ampuja; Koivisto (2014, p.8), são as referências que sustentam uma visão “cultural/institucional subjacente às formas de organização da vida econômica” (CASTELLS, 2000a, p.211 apud AMPUJA; KOIVISTO, 2014, tradução nossa). Isto significa que os valores culturais são o motor das transformações econômicas e sociais — o “espírito do informacionalismo” como dimensão

utópica liberal do pensamento de Castells. A análise de Castells diverge de Bell ao subordinar o Estado ao mercado, com flexibilidade regulatória e destaque para os “empreendedores inovadores”, tanto na figura dos *hackers* quanto dos investidores de capital de risco (AMPUJA; KOIVISTO, 2014, p.9).

[...] na economia de redes, a camada dominante é a esfera financeira, a mãe de todas as valorações. Também é conformada por turbulências da informação de várias origens, processada e comunicada por redes de computadores que constituem o sistema nevrálgico da economia capitalista informacional [...]. (CASTELLS, 2009, p.32, tradução nossa).

Portanto, uma visão crítica do dispositivo de informação e comunicação de investimentos coloca em questão tanto o paradigma da produção informacional, quanto do trabalho informacional. Em Marx, a economia é vista uma totalidade composta das esferas da produção, da distribuição, da troca e do consumo. Sem produção, nenhum objeto é distribuído, trocado ou consumido (*O Capital*, Introdução de 1857). Essas esferas se condicionam reciprocamente, mas a primazia cabe à produção que condiciona o consumo e este, por sua vez, a produção (DOMINGUES, 2004, p.57). A noção de paradigma, aqui, é usada como chave explicativa, no sentido de um “esquema arquetípico”, de um diagrama fundamental, que desempenha o papel de “chave do mundo” (DOMINGUES, 2004, p.56)⁴⁶. O paradigma da produção não é exclusivo de Marx, enquanto guarda-chuva que abriga diversas teorias e diversos autores, a exemplo de Ricardo e Smith. É o esquema do processo de trabalho que especifica o paradigma da produção marxiano. “Fornece a Marx tudo o que é necessário para analisar as diferentes sociedades históricas e respectivos modos de produção.” (DOMINGUES, 2004, p.57).

⁴⁶A acepção sociológica do conceito de paradigma em Thomas Kuhn (1962) significa uma *constelação dos compromissos* de grupo, os exemplos compartilhados (KUHN, 2007, p.228); é um *modelo ou padrão aceito*, como os sufixos usados na conjugação dos verbos funcionam ao permitir a reprodução de exemplos (KUHN, 2007, p.43-44); um conjunto de *ilustrações recorrentes*; generalizações para descrever crenças comuns de uma comunidade (KUHN, 2007 p.67-68). No Posfácio de edição posterior, ouvindo a críticos, Kuhn substituiu a expressão por “matriz disciplinar.” (DOMINGUES, 2004, p.50).

4.3 Informação, inovação e poder

O pensamento “operaísta” é uma das poucas leituras antagônicas e não logocêntricas da “economia do conhecimento” e da “sociedade em rede” (PASQUINELLI, 2005). Longe de constituir uma corrente monolítica, essa vertente teórica (e de ação) do pensamento marxista, moldada pela leitura de Gramsci, surgiu na Itália no começo dos anos 1960, debatida em publicações como os *Quaderni Rossi* (1955-60), *Classe Operaia* (1965) e *Operai e Capitali* (1966). Essa nova leitura de Marx, especialmente com Mario Tronti e Antonio Negri, abriu a categoria do capital para o entendimento “de sua natureza de relação social, como síntese provisória de uma tensão (e de uma luta), que permanece estruturalmente aberta.” (MEZZADRA, 2013).

O aparato conceitual de análise dos modos de relações de produção, de lutas e de constituição das subjetividades foi tensionado em diferentes correntes “pós-operaístas” que adquiriram presença crescente na academia anglo-saxônica. Pasquinelli (2005) destaca que, em um “ambiente narcotizado pela revolução laica dos estudos culturais, pela filosofia pós-moderna e pela tradição analítica”, as teorias de Negri reivindicam uma “ontologia constituinte” e retomam o trilho deixado pelo pensamento francês pós-estruturalista em categorias como a micropolítica e o desejo.

Segundo Vercellone (2005, p.1-3), a hipótese do capitalismo cognitivo enfatiza a importância da crítica radical “da visão apologética da mutação colocada pelas teorias liberais da economia do conhecimento”. O termo “capitalismo” realça as invariantes estruturais do modo capitalista de produção, sobre as quais se assenta a acumulação do capital, “em particular o papel central do lucro e da relação de salário, ou mais precisamente das diferentes formas da extração de excedente sobre o trabalho dependente”, enquanto o termo “cognitivo” enfatiza a transformação da natureza da relação capital-trabalho e das formas de propriedade, enfatizando os conflitos e contradições das transformações sociotécnicas e políticas na fase avançada do capitalismo:

Do ponto de vista metodológico isso demanda utilizar a abordagem de Marx quando enfatiza da relação conflituosa entre conhecimento e poder, relação que estrutura a evolução do capitalismo, tanto da divisão do trabalho quanto das forças produtivas. Com relação a isto está uma importante lição de

Marx sobre a natureza do trabalho vivo, enquanto atividade cognitiva é sua principal característica, a essência do homem. Por definição, o trabalho humano reúne pensamento e ação, imbricados e misturados, em oposição ao trabalho repetitivo e instintivo executado por outras criaturas vivas. (VERCELLONE, 2005, p.1-3).

A historiografia de Boutang (2011, p.69) articula a tríade conceitual conhecimento-poder-informação para explicar as relações entre as revoluções políticas e as mutações tecnológicas dos séculos XVI e XVII. As transformações do renascimento teriam significado um momento decisivo, a ruptura com o Antigo Regime: “A imprensa e a Reforma representaram uma virada, tanto no plano da autoridade quanto no dos meios técnicos para colocar esta autoridade em ação, ou seja, para efetivá-la” (BOUTANG, 2011, p.69). O ponto central do argumento é que o “saber do poder”, isto é, o poder no plano da administração, e o “poder do saber”, ou seja, o poder do clero e o conhecimento dos profissionais laicos — com sua capacidade técnica de produzir e controlar a difusão e o acesso ao conhecimento — começa a se entrecruzar.

A impressão da *Bíblia* e a multiplicação dos exemplares, como descreve Boutang (2011, p. 69), faria deslanchar um movimento de reação que compilava o Index (1559-1564) reunindo tudo o que devia ser censurado, a ser arquivado e subtraído ao conhecimento da maioria das pessoas; mesmo fenômeno que o autor aponta ter se repetido nos “infernos” soviético e chinês. As Igrejas cristãs da Idade Clássica (Século XIV ao XVII) passaram a operar, enquanto travavam de discussões internas, através da fixação do dogma (Cocílio de Niceia), das heresias à criação de um sistema de autorização prévia para os escritos relativos à fé (*imprimatur*). Por outro lado, cresceu a autonomia dos soberanos católicos e surgiu um espaço comum de contestação da religião, do Príncipe e da igreja, propício à subversão republicana do poder absolutista que acaba por se transformar em espaço público e de oposição parlamentar. Com a crescente dispersão do conhecimento, o par *autoritas/potestas* funciona cada vez menos para o monopólio do exercício do poder e no controle do conhecimento e dos segredos (BOUTANG, 2011, p.70). Tudo isso em meio à crescente apropriação de poder, seja pela burguesia, seja pelo povo, com a desestabilização do poder soberano.

Houve, então, um duplo deslocamento nos mecanismos de saber/poder. O primeiro, com o movimento do conhecimento do poder para os contrapoderes emergentes e a rearticulação das fórmulas de informação-conhecimento, poder e política; movimento que provocou as diferentes formas do estado-nação moderno (BOUTANG, 2011, p.70)⁴⁷. O efeito desses deslocamentos foi retirar os questionamentos do poder terreno de um único campo de força — a “*potestas*”. O segundo mecanismo em atividade foi “o papel crescente dos instrumentos técnicos, dos suportes e das redes como vetores e operadores do efetivo vínculo entre conhecimento e poder” (BOUTANG, 2011, p.71). Esta dinâmica provocou o dismantelamento do domínio tradicional da política, que tinha por objeto o exercício do poder “legítimo”, representado pela noção antiga de “melhor forma de governo”, que se deslocou, então, para a esfera do econômico. A forma arcaica de exercício do poder, a forma *potestas/auctoritas* (força e legitimidade) é deslocada para mecanismos de controle e administração dos meios técnicos de gestão das populações e da economia política (BOUTANG, 2011, p.71). Sucedem-se os movimentos de desestabilização, restauração e normalização. O poder do Estado se desloca para a gestão das populações e para a economia política, preparando o caminho para a esfera das necessidades e do mercado (BOUTANG, 2011, p.72).

Foi através do desenvolvimento da ciência do governo que a economia pode recentrar-se num nível de realidade que caracterizamos agora como economia. A perspectiva da população e a realidade dos fenômenos próprios da população afastam definitivamente o modelo da família e vão recentrar essa noção de economia noutra coisas. A estatística mostra que a população comporta efeitos próprios da sua agregação e que esses fenômenos são irredutíveis aos da família: serão as grandes epidemias, as expansões epidêmicas, a espiral do

⁴⁷ No Japão, na era Tokugawa o país se fechou ao exterior. A ciência ocidental (holandesa) era reservada ao poder político do *shogun* e seus *daimyos*. O conhecimento tornar-se-ia monopólio do poder central no feudalismo do século XVII. Esse aspecto foi mais importante que os feitos militares (BOUTANG, 2011, p.70).

trabalho e da riqueza. (FOUCAULT, 2008a, p.138)⁴⁸.

A crescente aplicação do conhecimento científico aos processos de produção, no final do século XIX e início do século XX, levou a novos métodos de produção e à formação de um novo tipo de trabalhador, adequado ao novo processo produtivo e conduzindo ao regime de acumulação fordista. “O que havia de especial em Ford era seu reconhecimento explícito de que a produção e massa significava consumo de massa” (HARVEY, 1993, p.121). As transformações no modo de organização das relações de produção de massa e os conflitos inerentes ao sistema de acumulação flexível fordista põem em evidência os conflitos do sistema:

O americanismo e o fordismo, observou ele [Gramsci] em seus *Cadernos do Cárcere*, equivaliam ao “maior esforço coletivo até para criar, com velocidade sem precedentes, e com uma consciência de propósito sem igual na história, um novo tipo de trabalhador e um novo tipo de homem”. Os novos métodos de trabalho “são inseparáveis de um modo específico de viver e de pensar e sentir a vida”. (HARVEY, 1993, p.121).

Quando a gestão taylorista introduz a organização científica do trabalho, o capital busca capturar o progresso técnico em sua lógica recorrendo à compartimentalização técnico-científica. O progresso técnico-científico se torna a expressão da relação de forças sobre o domínio das competências intelectuais de produção (ALBAGLI, 2013a, p.8): “A ciência atua como fator de expropriação dos conhecimentos do trabalhador e gera resistências pelo lado do trabalho” (ALBAGLI, 2013b, p.107). Por esta razão as transformações nas dinâmicas de informação, conhecimento e comunicação, seus significados e implicações sociais, políticas e econômicas se tornam a chave para a compreensão dos atuais processos de valoração e acumulação do capitalismo avançado.

Como entender a profusão de produtos (ou veículos) financeiros no

⁴⁸ Fragmentos chave da visão foucaultiana: “As estratégias políticas das sociedades ocidentais voltam a levar em conta um fato biológico fundamental, o ser humano constitui uma espécie humana, e isso se chama *biopoder*; a *biopolítica* como noção de governo” (FOUCAULT, 2008a, p.3). “O soberano é o arquiteto do espaço, disciplina e regula visando *possibilitar, garantir e assegurar circulações*: circulação de pessoas, circulação de mercadorias e até a circulação do ar” (FOUCAULT, 2008a, p.39). “A função estruturante do espaço e do território não é coisa nova. Novo é a maneira como se insere em uma *nova economia geral do poder*.” (FOUCAULT, 2008a, p.39).

contexto das invariantes capitalistas do mercado globalizado? Hardt; Negri (2004) destacam a força da *lex mercatoria* na constituição políticas dos mercados globalizados. A *lex mercatoria* no período medieval designava o sistema legal que permitia a negociantes (transporte naval, seguros, bancos, comércio) fazerem contratos independentes das áreas do controle dos Estados, com base em costumes e entendimentos legais compartilhados (HARDT; NEGRI, 2004, p.170). Hoje, observam Hardt & Negri, a *lex mercatoria* é muito mais extensa envolvendo um jogo constante entre forças de mercado, instituições políticas e instituições jurídicas. Esse jogo ocorre em três níveis: (i) acordos privados e formas privadas de autoridade criadas e geridas pelas próprias corporações; (ii) mecanismos regulatórios estabelecidos em acordos bi ou multilaterais entre estados-nação que, por sua vez, controlam diretamente práticas específicas de comércio e produção internacional; (iii) normas gerais que operam no nível internacional apoiadas por instituições internacionais e supranacionais. Ainda segundo Hardt; Negri (2004, p.173), o FMI (Fundo Monetário internacional), em sua função de controle monetário internacional, exerceu sua missão ao longo do século XX sobre três eixos principais: (i) globalização do comércio; (ii) financeirização dos mercados, (iii) integração dos circuitos globais de produção.

A teoria do Império de Hardt e Negri (2004, p.168-169), que pouco tem a ver com a noção clássica dos Impérios, sustenta que “globalização” não significa o fim, nem mesmo a diminuição do controle político, legal e econômico das corporações e dos mercados, mas indica um deslocamento dos tipos de controle (HARDT; NEGRI, 2004, p.168-169). Os mercados se transformaram não só na dimensão do espaço-tempo, mas também em relação aos tipos de bens negociados, agora incluindo bens imateriais como serviços, ideias, imagens e códigos (HARDT; NEGRI, 2004, p.169-70).

No cerne do problema está a suposta primazia da transformação técnica e da inovação. Por um lado, estão as interpretações de que as transformações do capitalismo decorrem exclusivamente das estratégias de acumulação do capital (MACHLUP, 1962; PORAT, 1977) constituindo assim prerrogativas exclusivas de poder — a “economia da inovação”. Essas teses são confrontadas pelo resgate do papel das lutas e conflitos entre trabalho e capital em torno da apropriação e ressignificação dos meios e espaços de produção

cognitiva e informacional. Se as dimensões cognitivas do trabalho são a essência da atividade humana, essa dimensão do trabalho pode tornar-se um obstáculo ao controle capitalista da produção e, conseqüentemente, ao processo de acumulação capitalista (VERCELLONE, 2005, p.1-3).

Desse ponto de vista, o declínio do fordismo não decorre da mudança da base técnica resultante da “revolução científico-tecnológica” que impulsiona a transformação produtiva, mas das novas dinâmicas de acumulação e resistência inscritas nas linhas de tensão entre capital e trabalho (ALBAGLI, 2013a, p.9). Conseqüentemente, as relações de produção (as relações de poder) precedem o desenvolvimento das forças produtivas (a mudança técnica). Não são as necessidades de mercado ou a concorrência que definem a inovação, mas a necessidade do capital manter o controle sobre o trabalho, e, do lado oposto, os movimentos contrários de afirmação da autonomia do trabalho em relação ao capital (ALBAGLI, 2013a, p.9)⁴⁹.

Portanto, “a inovação é composta de uma infinidade de processos cumulativos e políticas de longo prazo: educacionais, culturais, econômicas, científico-tecnológicas, ambientais e sociais” (ALBAGLI, 2013a, p.2)⁵⁰. Além disso, está em jogo uma multiplicidade de “acontecimentos” que vão de novas dinâmicas sociais a fatores imprevisíveis. “A reflexão sobre as inovações científicas e tecnológicas não escapa aos problemas das relações de poder para a construção do conhecimento” (ALBAGLI, 2013b, p.123)⁵¹. Quando o desenvolvimento e uso intensivo de novas tecnologias de comunicação

⁴⁹ Vercellone (2005 apud ALBAGLI, 2013b, p.108) assinala três momentos para a divisão capitalista do trabalho: (1) O predomínio dos mecanismos de acumulação do tipo mercantil e financeiro com *subsunção formal* do trabalho pelo capital recobrando o período do início do XVI ao fim do XVIII. A participação dos trabalhadores nas relações de trabalho mantém-se tecnicamente autônoma — os saberes dos artesãos; (2) A partir da primeira Revolução Industrial e, sobretudo no período fordista-taylorista (do início do XX até 1970) tem lugar a *subsunção real* do trabalho, com o parcelamento, a desqualificação do trabalho de execução e a superqualificação do trabalho de concepção; (3) Informação, comunicação e linguagem despontam como elementos produtivos, a linguagem produzindo informação no interior mesmo da esfera do trabalho, no que se irá caracterizar como uma “virada linguística” da economia.

⁵⁰ Albagli (2013a, p.1) explica que os estudos da inovação foram inicialmente propostos por economistas neoshumpterianos que se opunham à corrente neoclássica dos estudos econômicos — que supunha o equilíbrio geral e a mão invisível do mercado. Privarova (2005) argumenta que a teoria da regulação vista como variante do keynesianismo é uma classificação incorreta, pois se trata de um novo programa que teve início em 1976 com Aglietta em *Régulation et crise Du capitalism, l'expérience des Etas Unis*.

⁵¹ “Whatever serious people may want to believe, soaring inequality isn’t about education; it’s about Power.” (Não importa aquilo que as pessoas querem crer, a disparidade da desigualdade não é uma questão de educação [conhecimento]; é uma questão de poder). Paul Krugman. Knowledge Isn’t Power. *New York Times*, Feb. 23, 2015.

colocam em evidência os usos de recursos informacionais, as relações entre estoque, registro e fluxo de informação e de conhecimento incluem novos ingredientes: a crescente digitalização e o “papel da (inter)subjetividade” (ALBAGLI, 2013b, p.107).

4.4 Mercados financeiros, discurso e linguagem.

Levantamento realizado por McQueen e Roley (1993, p.683) constatou que diversas pesquisas indicavam que notícias macroeconômicas têm pouco efeito no preço de ações. Salvo alguns tipos de informação monetária, havia pouco evidencia empírica que comprovasse a hipótese que preços de ações respondem às notícias macroeconômicas. Entre elas, Schewert (1981) observou que a resposta diária de cotações de ações às notícias de 1953 a 1978 foi pequena e lenta. Pearce e Roley (1985) usaram dados de survey para medir expectativas e descobriram que as cotações diárias de ações reagiram a informações monetárias entre setembro de 1977 e outubro de 1988, mas que notícias sobre o índice de preços ao consumo, desemprego e produção industrial não tinham efeitos significativos em preços. Hardouvelis (1987) considerou um conjunto mais amplo de variáveis durante agosto de 1984 e concluiu que as cotações de ações reagem primeiramente a notícias monetárias. Cutler, Poterba e Summers (1989) usaram vetores de autorregressão para medir notícias sobre macroeconomia usando uma série do período de 1871 a 1986. Eles concluíram que menos de um terço do ganho mensal variável pode ser explicado por estas variáveis (MCQUEEN; ROLEY, 1993, p.683).

Contudo, McQueen e Roley (1993, p.683) examinaram o efeito de notícias de atividades reais sobre proxies de expectativas de fluxos monetários e taxas de desconto de títulos (*equity*) e descobriram que quando a economia está forte, o mercado de ações responde negativamente às notícias sobre a atividade econômica mais alta. Essa relação negativa é causada por um maior aumento nas taxas de desconto relativas à expectativa de fluxos monetários. O estudo afirma haver demonstrado que, ao se contemplar sequências com diferentes estágios do ciclo de negócios, é evidente uma relação forte entre preço de ações e notícias.

Entretanto, na visão de Marazzi (2008, p.28), a comunicação e a linguagem atuam não somente como veículos de transmissão de dados e de informação, mas também como força criativa: “A linguagem não apenas descreve um fato, mas o cria”. Isso quer dizer que as convenções agem como cerceamentos cognitivos para uma multiplicidade de atores operando nos mercados. A recorrência das convenções ao longo dos períodos históricos leva a maioria das pessoas a acreditar que as convenções têm raízes na própria natureza das coisas (MARAZZI, 2008, p.28). A teoria linguística das finanças de Marazzi vê a natureza da convenção como eminentemente linguística. Somos animais de linguagem, explica Marazzi (2008, p.34). Marazzi argumenta recorrendo à observação de John Searle (1985, p.126-128), que vê na moeda uma demonstração da teoria performativa dos atos de fala de Austin. Isso quer dizer que, quando o presidente do Tesouro americano imprime em uma nota de dólar a sentença “esta nota tem força legal para dívidas públicas e privadas”, não é apenas a descrição de um fato, na verdade é a criação de um fato; o ato de fala performático é aquele no qual enunciar algo o torna imediatamente verdadeiro.

Para Marazzi, a teoria dos atos de fala reforça a tese da “virada monetarista”, resultante de uma série de medidas de liberalização dos mercados de capitais, através da privatização dos recursos públicos e da financeirização em escala global. A clivagem dessa leitura não imputa a transformação diretamente à ideologia neoliberal de Ronald Reagan e Margaret Thatcher, “mas à crise político-econômica do modelo fordista” (MARAZZI, 2008, p.19). A teoria da ruptura linguística de Marazzi aponta que a “ruptura” não decorre das transformações tecnológicas, mas sim dos novos usos da linguagem e da comunicação nos processos de produção e valoração, ou seja, a ruptura significa uma transformação paradigmática das relações de produção. Por isso, ele defende que, tão importante quanto o crescimento da oferta de fundos de investimento, foi a sua publicidade em programas de televisão, revistas e jornais, e o impacto na opinião pública (MARAZZI, 2008, p.21). Desde o início dos anos 1980 até o final dos anos 1990, os fundos abertos (*open-end*) cresceram em compasso com a redução da taxa de inflação e a enxurrada de investimento em publicidade na mídia de massa dirigida ao investidor não especializado e ingênuo.

O desenvolvimento histórico da Nova Economia demonstra a importância do papel da comunicação de massa em criar um ambiente favorável para o mercado de ações. Sobretudo, para funcionar a financeirização depende da racionalidade mimética, um tipo de comportamento de manada baseado no déficit de informação individual dos investidores. (MARAZZI, 2008, p.21, tradução nossa).

No modelo de Thompson (2009, 2010, 2013), a financeirização ocorre quando o capital financeiro flui para as indústrias de conteúdo de mídia. Os altos salários dos executivos de mídia, em comparação aos executivos do setor financeiro (Tabela 6), são evidências do papel crescente da linguagem (códigos e discursos) e dos dispositivos de comunicação de massa no contexto do capitalismo contemporâneo. Esse modelo requer que as tecnologias da informação financeira sejam vistas não como simples mercadorias, mas como tecnologias que criam propriedades especiais para a informação, e que a informação financeira é qualitativamente diferente de informações não-financeiras. Essa visão da economia política da informação, parte da compreensão da informação financeira apontando que a “informação” é sempre reflexiva. Lee (2013), argumenta ainda que a informação financeira não é apenas uma mercadoria, mas é também espacialidade e temporalidade, pois o valor de troca da informação depende de diferenciação espacial e a entrega “oportuna”:

Empresas de informações financeiras, como a Reuters precisam vender informações financeiras para o maior número possível de assinantes, eles ainda têm que sustentar que a informação sob medida dos assinantes tem uma vantagem competitiva em mercados financeiros. [...] Por isso, eles precisam empregar uma retórica para sugerir que suas tecnologias *in-house* de comunicação podem suprimir o tempo e o espaço. (LEE, 2014, tradução nossa).

O envolvimento direto do indivíduo deixa claro que as atividades econômicas nos mercados financeiros são reais e materialmente incorporadas (LEE, 2014). Portanto, não é útil descartar o capital financeiro como fictício e afirmar que as atividades financeiras não contribuem para a economia “real”, como alguns economistas fazer crer. Para Boutang (2009, p.152), a crise dos subprimes de 2007-2008 é uma demonstração “da impossibilidade de separação entre especulação e mercado na economia-mundo” de hoje. Os

movimentos miméticos explicam porque a mídia foi um mecanismo fundamental da bolha financeira da Nova Economia em 2001. Exaltou-se a “exuberância irracional” dos mercados, alimentando o comportamento de manada que, em certo ponto, passou a ser teorizado como sofisticada técnica financeira — a “*momentum finance*” (MARAZZI, 2008, p.23)⁵².

Tabela 6 — Comparação de remuneração de altos executivos (CEO) das indústrias financeira e de mídia (2011)

	Executivo	Empresa	US\$ (milhões)
Finanças	Brian Moynihan	Bank of America Corp.	8.1
	James Gorman	Morgan Stanley (MS)	10.5
	Vikram Pandit	Citigroup Inc. (C)	14.9
	Lloyd Blankfein	Goldman Sachs Group Inc. (GS)	16.2
	John Stumpf	Wells Fargo & Co. (WFC)	17.9
	Jamie Dimon	JPMorgan Chase & Co. (JPM)	23
Mídia	Jeff Bewkes	Time Warner Inc. (TWX)	26
	Robert Iger	Walt Disney Co. (DIS)	31
	Philippe Dauman	Viacom Inc. (VIA)	43
	David Zaslav	Discovery Communications Inc. (DISCA)	52.4
	Les Moonves	CBS Corp. (CBS)	69.9

Fonte: COHAN, 2012.

Por isso, Marazzi afirma que, ao contrário daqueles que acreditam que a cobertura televisiva minuto a minuto de Wall Street, distorce o funcionamento do mercado, para ele, ela lhe é intrínseca e essencial. Essa interpretação torna especialmente significativa a publicidade dos “três desafios” da Thomson Reuters que descreve as “soluções” para o “super desempenho” nos mercados: (1) a pressão para produzir lucro; (2) a necessidade de se conotar a novas fontes de liquidez; (3) gerenciar riscos e regulações (Figura 18). Como explica André Orléan (2011), o comportamento mimético dos investidores não é um fator de distorção do valor, o “comportamento de manada” se manifesta através da aceitação de milhões de investidores dos símbolos e sinais que cada um reconhece como representação legítima da riqueza, é intrínseco ao

⁵² Para um tecnocrata, para uma visão economicista ou positivista da realidade, a consciência é produto direto da realidade objetiva. Basta transformar a esta, que as pessoas se darão conta das mudanças e do seu significado. Não levam em conta o papel fundamental da intermediação que exercem os meios de comunicação. A realidade concreta chega às pessoas através das representações dessa realidade, processo em que a mídia exerce um papel determinante. Essa visão ingênua não entende o que é a ideologia e como a fabricação dos consensos pela mídia monopolista atua (SADER, 2014).

conceito de liquidez dos mercados⁵³.

Figura 18 — Publicidade “três desafios” (Thomson Reuters)

To outperform, you must overcome these three challenges...

1. THE PRESSURE TO DRIVE PROFITS



To stay competitive, you need help at both ends of the spectrum – growing revenue and cutting costs.

2. THE NEED TO CONNECT VIA AN OPEN ENVIRONMENT



You need to be able quickly execute transactions, connect to relevant information, seize new opportunities and find new sources of liquidity.

3. MANAGING RISK AND REGULATIONS



You need to proactively monitor changing emerging regulations, and know what they mean for your business.

Fonte: REUTERS, 2013.

As teorias do capital e da crise contestaram a tese de um sistema econômico capitalista fechado e autocontido endogenamente (FIORI, 1994, p.300). Joan Robinson e Sraffa demonstram que o sistema de preços é incapaz de se determinar endogenamente. Pelo menos algum preço, seja capital ou trabalho, deveria ser determinado fora do mercado, no âmbito dos conflitos e das decisões políticas: “[A] soberania do Príncipe foi sempre condição inseparável de todo e qualquer contrato e, portanto, do contrato fundante das relações mercantis ou da moeda” (FIORI, 1994, p.300). Por isso, a politicidade é essencial e não acidental ou conjuntural nos mercados do capitalismo financeiro.

Segundo Hardt e Negri (2004, p.164), em função do jogo constante entre as forças produtivas de mercado, as instituições políticas e as instituições

⁵³ O problema do *acontecimento*. Acontecimentos podem, de um certo modo, fazer a *história oscilar em relação a uma linha ideal*. Nessa realidade, enxerta-se um *dispositivo* (FOUCAULT, 2008a, p.48). Os fisiocratas do século XVIII procuravam *obter* um *dispositivo*, uma série de conexões [indexação?] entre elementos da realidade que torne possível encontrar um modo de *frear o acontecimento* [controle] e, em último grau, anulá-lo (FOUCAULT, 2008a, p.49-50). Não visam o menor preço possível, com o aumento dos preços há o aumento dos cultivos. Um *mecanismo de mercado* que vai além da simples análise, é uma *programação do que deve acontecer* (FOUCAULT, 2008a, p.49-50, grifo nosso). Ver publicidade de terminais Reuters Eikon: “Previsão confiável de preços, eventos climáticos e gerenciamento de risco” (FIGURA 4, p.57).

jurídicas, fronteiras e hierarquias se tornam mais difusas e exigem uma visão cuidadosa da nova “topologia da exploração”. São novas formas e estratégias de captura do valor, de lutas de poder, com as consequentes divisões fundamentais:

Um mercado econômico sempre está necessariamente inserido em um mercado social e em última instância em estruturas políticas de poder. [...] Globalização, não significa o fim, nem mesmo a diminuição do controle político, legal e econômico das corporações e dos mercados, mas indica um deslocamento dos tipos de controle. (HARDT; NEGRI, 2004, p.168-169, tradução nossa).

O curso de acontecimentos que os participantes do mercado tentam antecipar, se não controlar, é fator determinante dos preços do mercado. Marazzi (2008, p.25) explica que, para ter lucro, ou não perder, não é necessário ter a opinião certa, mas ter êxito em prever qual será o *movimento do mercado*, e cita o exemplo do megainvestidor George Soros que vê o mercado não como uma realidade isenta, mas como “uma realidade influenciada pela visão subjetiva”. Ou seja, como descreve Marazzi, há uma sequência de eventos real, mas essa sequência incorpora o efeito da parcialidade subjetiva daqueles que participam do mercado.

Marazzi (2008, p.26) questiona a forma de funcionamento desse modelo interpretativo dos “fatos”, como ela se torna dominante e como adquire legitimidade. Marazzi acredita que, o que os atores pensam, a maneira pela qual representam o mundo, tem um efeito sobre os preços e, portanto, na malha de relações que os atores tecem entre eles próprios; é um caso de “profecia autorrealizável” para Marazzi (2008, p.28), visando quebrar a “epistemologia naturalista” dos movimentos do mercado:

A análise teórica das operações dos mercados financeiros revela a centralidade da comunicação, da linguagem, não apenas como veículo de transmissão de dados e informações, mas também como força criativa. A ação comunicativa é a origem das convenções, dos “modelos interpretativos” que influenciam as escolhas e as decisões da multiplicidade de atores que operam nos mercados. (MARAZZI, 2008, p.26).

Essa ótica permite ver as agências de informação e comunicação de investimentos integrando uma plataforma de controle do dispositivo linguístico

(códigos e discursos) essencial para a operação do sistema capitalista globalizado em sua lógica própria — financista e supranacional. É estimado que um terço das transações realizadas no mercado FOREX, em 1990, foram realizadas nos 11.000 monitores da Reuters (ver Mapa 2 nesta dissertação). Palmer et al. (1998, p.70) afirmam que a combinação das funções das agências de notícias tradicionais com as redes de telecomunicações digitais reformulou a natureza das transações financeiras internacionais, com novas formas de corretagem de informações (*information brokarage*) ainda incipientes fora dos EUA.

Considerando o uso intensivo dos recursos tecnológicos para a mídia de investimentos, é preciso refletir sobre os processos de inovação. Albagli (2013a, p.4) argumenta que a inovação não deve ser pensada como um processo linear, nem no sentido de oferta — da ciência para a tecnologia e em seguida para o processo produtivo e daí ao mercado e à sociedade como um todo — nem pelo lado da *sicence/technology pull*, nem mesmo no sentido da demanda — *market push*. Não é meramente uma questão tecno-científico. Inovação não é necessariamente algo novo. Distintas combinações e contextos condicionam a produção do conhecimento, do aprendizado e da inovação. Tampouco há “dependência de trajetória” (*path dependence*). As dinâmicas e características de cada processo de inovação são próprias de cada território, ambiente ou forma de organização (ALBAGLI, 2013, p.4).

Por isso, é importante levar em conta que a percepção de inevitabilidade nos rumos do desenvolvimento tecnológico decorre de decisões restritas a especialistas, investidores e gestores públicos e privados, eclipsa o fato fundamental de que as escolhas tecnológicas constituem campos de disputas (ALBAGLI, 2013b, p.118)⁵⁴. Desse modo, os processos de produção e de inovação técnica devem vistos como essencialmente agonísticos e políticos: “são dimensões que estão na base do trabalho vivo e informacional, reconhecendo-os como campo de lutas e relações de poder” (ALBAGLI, 2013b, p.122).

⁵⁴ Dominique Pestre (1995, p.39) compara o modo de proposição de problemas entre físicos europeus e americanos no pós-guerra: enquanto os europeus “preferiam raciocinar a partir de questões colocadas pela física atual”, os seus colegas americanos, tinham com fator decisivo “os meios financeiros disponíveis”. Eles tendiam a pensar que os conhecimentos da física mudam rápido demais para que as extrapolações feitas a partir do conhecimento presente sejam úteis.

A inovação tem sido usualmente pensada a partir do foco estrito na dimensão tecnológica e com base dos parâmetros do capitalismo fordista, a partir dos quais se procura compreender e, sem sucesso, medir o processo de inovação, seus condicionantes, suas fontes e seus resultados. Nos estudos sobre inovação, a questão do poder tem sido desconsiderada. (ALBAGLI, 2013b, p.117).

A perspectiva da “virada linguística” aponta para o declínio do fordismo e a transição para um capitalismo de tipo “cognitivo”, com a mudança da natureza do trabalho, uma nova centralidade dos processos de comunicação, e a da sua inserção produtiva. O trabalho como produção de fluxos de informações está inserido diretamente nas esferas da produção, distribuição, consumo, financeira e da inovação (MARAZZI, 2009 apud ALBAGLI, 2013b, p.108). A informação como produto essencialmente humano constitui, de fato, um processo contínuo, consequência do trabalho humano, “um trabalho que produz não mais estoques, mas fundamentalmente fluxos, logo trabalho infocomunicacional” (ALBAGLI, 2013b, p.112), ou, conforme define Paquinelli (2011) — “informação viva”. Nessa ótica, informação é meio de produção, e os chamados bens de informação “são continuamente co-produzidos em múltiplos pontos de criação e recepção” (SODERBERG, 2008, p.72 apud ALBAGLI, 2013b, p.112).

A inserção do saber vivo nos processos produtivos não significa somente uma nova centralidade da ciência enquanto força produtiva no capitalismo contemporâneo (MARAZZI, 2009 apud ALBAGLI, 2013b, p.108): o que resulta desse novo arranjo é “a produção de mundos/formas de vida/significações, conhecimento gerando conhecimento, trabalho vivo, produzindo trabalho vivo”. O conceito de informação viva passa a ser crucial para compreender a convergência entre informação financeira e os novos veículos de investimento, entre eles a datificação biométrica. A produção passa a ser vista não apenas no sentido econômico estrito, mas também como mobilização, cooperação e comunicação entre subjetividades, envolvendo afetos, corpos e linguagem, tornando produtiva a própria vida social, intelectual e afetiva (ALBAGLI, 2013a, p. 10): “Uma bioeconomia (COCCO), um modelo antropogenético (MARAZZI),

em uma matriz biopolítica (FOULCAULT)⁵⁵. Não se trata de uma “economia do conhecimento”, mas de “uma mutação profunda que afeta a maneira como o capital é dotado de valor” (ALBAGLI, 2013a, p.9).

A indeterminação fundamental do valor financeiro também está presente nos argumentos de Lordon (2010). Segundo o economista, embora a teoria neoclássica das finanças sempre tenha defendido que os ativos financeiros têm um “valor fundamental”, os argumentos keynesianos sobre a incerteza radical, assim como os argumentos resultantes da abordagem espinosista da teoria econômica levam à conclusão de uma indeterminação fundamental do valor financeiro (LORDON, 2010). Do ponto de vista da teoria regulatória, essa indeterminação é superada através de processos sociais, como a construção de crenças coletivas⁵⁶. Esses processos, contudo, assumem um tom abertamente político, quando surgem situações em que o valor tem de ser “decidido”. Agentes ou grupos podem entrar em conflito para determinar o valor de acordo com seus interesses. Esse é o caso típico durante as crises financeiras, quando a indeterminação, repentinamente de volta, dá lugar a múltiplos conflitos de avaliação (LORDON, 2010): “Os testes de stress dos bancos expõem esses encontros de tal maneira que podem ser chamados de ‘políticas de valor’”.

As teorias do capitalismo cognitivo sustentam que a força dos mercados financeiros globalizados está na verdade na força do chamado “fictício” (BOUTANG, 2009; COCCO; 1999; MARAZZI; 2008). Na verdade, a força dos mercados financeiros significa o êxodo da base industrial, pois se mostram mais adequados do que os esquemas industriais modernos para enfrentar os novos processos de valorização. Negri (1998) se junta a Marazzi na tese de que, paradoxalmente, “só os mercados financeiros seguem o trabalho em seu êxodo da velha base industrial, antecipando e prefigurando valores que

⁵⁵ As economias de poder do século XVIII revelam um Estado de governo que *tem por objeto a população* utilizando a *instrumentação do saber econômico*. A economia geral do poder se situa na estruturação do espaço e do território. (FOUCAULT, 2008a, p.145). Governar é um tipo de poder com sua especificidade: *institucional-centrismo* e a *higiene pública* como *tecnologia do poder* (FOUCAULT, 2008a, p.156, grifo nosso). A arte de governar transpõe o limiar da de ciência política e adentra o âmbito da governamentalidade, *administrar a população* (FOUCAULT, 2008a, p.143; p.156).

⁵⁶ Para Aglietta (2012, p.15), a crise de 2007 atingiu o núcleo do sistema financeiro, mas é uma crise sistêmica. Envolveu a intensificação das taxas de lucro para os investimentos exercendo intensa pressão sobre o trabalho e desconectando a produtividade do crescimento dos salários.

correspondem às novas medidas sociais da produtividade” (COCCO, 2012, p.75).

São dimensões que estão na base do trabalho vivo e informacional, reconhecendo-os como campo de lutas e relações de poder. A potência produtiva, inventiva e inovativa do saber vivo (enquanto trabalho imaterial e informação viva) ganha nova centralidade na tensão entre autonomia do trabalho e a apropriação de valor pelo capital. (ALBAGLI, 2013b, p.122).

A valorização financeira tem suas bases em um novo regime de acumulação cuja dinâmica de produtividade não pode ser medida pelos padrões tradicionais. As abordagens em termos de separação das duas esferas — real e fictícia — apreendem a mudança, mas ficam na superfície como se as dimensões superficiais do novo modo de produção determinassem a fluidez e flexibilidade do novo regime de acumulação (COCCO, 2012, p.76). A mudança técnica, do conhecimento e da inovação é essencialmente agonística e política (ALBAGLI, 2013b, p.123).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo visou um dispositivo de informação característico do capitalismo globalizado, um mecanismo complexo, composto por discurso e estrutura de operações. O levantamento abrangente da literatura — histórica, técnica e política — permitiu explorar equivalências, conexões e solidariedades entre as organizações pioneiras da primeira metade do século XIX, na Europa e nos Estados Unidos da América, até os mercados eletrônicos globais do final do século XX. Traçar a evolução das fórmulas de produtos e serviços de informação estratégica, desde Charles Havas até os modelos de informação de mercados das agências Reuters, Dow Jones e Bloomberg, demonstrou a constituição de uma fórmula de informação que vai muito além das “notícias”.

Os movimentos de expansão mundial do capitalismo impulsionaram não só os modos de acumulação monetária, mas também de inovações dos dispositivos técnicos que permitiram aos mercados de investimento projetar seus modelos em escala global. Ao considerar a especificidade da mídia de investimentos, foi possível delinear a trajetória de constituição de um modo peculiar de produção e controle da informação de mercados. A noção de “informação de investimento” mostrou-se intrinsecamente atrelada às noções de racionalidade econômica e cálculo de risco, semelhante aos modelos fisiocratas do século XVIII. A lógica do dispositivo é fornecer um fluxo de dados “confiáveis e relevantes”, de tal modo que seus usuários possam tomar decisões e executar negócios, com base em informação “acurada e veloz”. Trata-se da informação “oportuna”, no sentido de uma temporalidade própria dos mercados financeiros com a antecipação do futuro, visando o lucro.

O presente estudo contribuiu para esclarecer a distinção entre os conceitos de notícias financeiras, informação financeira e informação de investimento. Em especial, destacaram-se os instrumentos especializados para operações de investimento em Bolsas de Valores: taxonomias, índices e indicadores. Ao defrontar organizações, ao mesmo tempo, ubíquas e invisíveis, abertas e fechadas, maleáveis e rígidas, verticais e horizontais, mostrou-se mais adequado pensar em dinâmicas de representação e reflexão (simbólicas e políticas) para identificar a “informação que move mercados” — um composto de informação de mercados (dados de negociações e preços) e informação de

investimento, produto de uma dinâmica complexa entre infraestrutura de comunicações e linguagem operando métricas, sistemas analíticos, mídia, infraestrutura de comunicação, armazenamento e recuperação de documentos digitais, e sistemas de metadados. Essas observações permitiram problematizar as teses de Palmer e outros autores (1998), quanto à natureza dos “produtos e serviços” das organizações, não apenas como “pacotes” — informação, transação e mídia —, mas também como dinâmicas de relacionamento e linguagem, enfim, como construto social.

Os levantamentos confirmaram a tese de Boyd-Barrett (2008) de que as grandes agências de notícias — as “*majors*” — não são as agências de conteúdo “generalista”, mas as agências de notícias e informações financeiras. De forma crescente, os oligopólios de informação e comunicação situam-se no centro do debate geopolítico da informação com a consequente “ameaça à democracia e ao autogoverno”, como destacado por diversas comissões internacionais — UNESCO, NWICO e HLG-EU. A trajetória das organizações de mídia de investimento revela o papel estratégico do dispositivo de informação e comunicação de investimentos operado pela Reuters, a Dow Jones e a Bloomberg. Dois movimentos caracterizam a trajetória histórica das organizações de mídia de investimento: (i) a tendência de concentração (*consolidation*) dos mecanismos de controle em núcleos hegemônicos (firmas, instituições e infraestrutura tecnológica); (ii) a horizontalização das operações e dos mecanismos de controle — a operação em rede e os instrumentos cibernéticos. O papel das agências de notícias e informações financeiras mostrou ser um vetor chave no jogo político internacional (BOYD-BARRETT, 2008; LEE, 2014; THOMPSON, 2013), desafiando fronteiras e soberania nacionais (BRAMAN, 2009; HARDT; NEGRI, 2004). Foi possível identificar um “espaço” de informação de investimento que não coincide com o esquema geopolítico dos Estados nacionais. A dimensão política da informação de investimento mostrou a configuração de um “espaço informacional” caracterizado por práticas de segurança, estendendo-se além do alcance de leis e regulações disciplinares (BRAMAN, 2009a, p.11), como demonstrado pelos exemplos dos *dark pools* e das Bitcoins.

Procurou-se confrontar pontos de vista sobre a natureza das transformações sociotécnicas, buscou-se iluminar aspectos políticos do

dispositivo de informação e comunicação de investimento em Bolsas de Valores. Nenhuma das teorias foi tomada como modelo puro e cristalizado, mas antes como polos gravitacionais teóricos que podem contribuir para a compreensão dos processos sociais e políticos envolvidos na constituição da informação de investimento. A interpretação dos processos de financeirização em escala global como expressão da crise político-econômica do modelo fordista (MARAZZI, 2008) revela as funções sociais e políticas da mídia de investimento. O desenvolvimento acelerado em ciência e tecnologia intensificou os conflitos da lógica de valoração capitalista (HARDT; NEGRI, 2004; MARAZZI, 2008), com os mercados financeiros expressando as novas dinâmicas de valoração em direção a formas horizontais de organização social e de produção do conhecimento (ALBAGLI, 1999; COCCO, 1999).

A partir de uma nova cartografia do dispositivo — novas conceituações e matrizes de relações —, foi possível identificar mecanismos de produção da informação que expressam relações de poder. O critério dos regimes foi útil por ser abrangente e complexo, especialmente em função dos processos linguísticos e comunicacionais do dispositivo com atribuições de controle — disciplina e segurança. O dispositivo de informação e comunicação de investimento revelou vestígios tanto das práticas disciplinares fordistas — homogeneização e compartimentalização —, expressos nas taxonomias e métricas, quanto mecanismos voltados para a “economia de circulações” — as políticas de “segurança” assentadas em estatísticas e cálculos de risco. Essa visão situa o dispositivo de informação de investimentos e sua infraestrutura mundial de operações no centro das novas dinâmicas de captura dos excedentes da produção. Nesse sentido, globalização não significa a diminuição do controle político, legal e econômico dos mercados, mas um deslocamento dos tipos de controle (DELEUZE, 1992; NEGRI, 2003; PASQUINELLI, 2013).

O ritmo acelerado das inovações tecnológicas contrasta com a persistência histórica de um núcleo hegemônico reduzido, as chamadas “grandes” — Havas-Reuters (c.1959- c.1890), Reuters-Dow Jones (c.1890 a c.1990), Reuters-Dow Jones-Bloomberg (c.1990-2015). Embora a chegada da Bloomberg tenha significado a presença de um elemento novo, não se alterou substancialmente a forma do “triunvirato” histórico da segunda metade do

século XIX e início do século XX — o cartel formado por Havas, Wolff e Reuters (1860-1940), representado novamente em 2015 pela tríade composta por Reuters, Dow Jones e Bloomberg. No final do século XX, a característica tradicionalmente “invisível” dessas organizações foi transformada pelo protagonismo das plataformas digitais e dos terminais de comunicação móvel — Internet, Iphone, etc. — e o crescente papel da mídia de investimentos para as políticas de mercados financeiros globais (BOYD-BARRETT, 2008; THOMPSON, 2013).

Ao procurar entender a “informação que move mercados”, constatou-se a especificidade da “informação de investimentos” e identificamos um segmento chave no interior da mídia financeira — a “mídia de investimentos”, resultante dos processos de transformação social e das inovações tecnológicas em direção à constituição de um sistema capitalista global. Visto que as agências de informação e notícias financeiras mostraram operar em sua lógica própria — financista e supranacional, a mídia de investimentos se apresenta, hoje, não apenas como protagonista dos processos de inovação tecnológica, mas também como operador linguístico — códigos e discursos — essencial para a operação dos mercados financeiros globais.

O presente estudo apontou novas questões que não puderam ser contempladas nesse contexto de pesquisa. Destacou-se duas: no âmbito dos sistemas de classificação, a pertinência e relevância de uma cartografia detalhada dos sistemas de taxonomias de indústrias incluindo os fundamentos, princípios, procedimentos e regras; no campo da teoria da informação, uma investigação aprofundada sobre o conceito de “informação viva” e os novos instrumentos cibernéticos — algoritmos de investimento e grandes *data centers*.

REFERÊNCIAS

ADVERSE, Helton. A matriz italiana. In: BIGNOTTO, Newton (Org.). *Matrizes do Republicanismo*. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

AGLIETTA, Michel. The european vortex. *New Left Review*, n. 75, p. 15-36. May/June, 2012.

AGUIAR, Pedro. Notas para uma história do jornalismo de agências. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA 7., 2009 Fortaleza: Mídia alternativa e alternativas midiáticas. Fortaleza, Ceará. 19-21 de agosto, 2009.

ALBAGLI, Sarita. Informação em ciência, tecnologia e inovação: configurações institucionais e mediações tecnológicas. In: BRAGA, Gilda; PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro (Org.). *Desafios do impresso ao digital: questões contemporâneas de informação e conhecimento*. Brasília: IBICT, 2009. p. 405-430.

ALBAGLI, Sarita. Informação, saber vivo e trabalho imaterial. In: SARITA, Albagli (Org.). *Fronteiras da Ciência da Informação*. Brasília: IBICT, 2013b. p.107-126.

ALBAGLI, Sarita. Inovação no capitalismo cognitivo In: COCCO, Giuseppe; SIQUEIRA, Maurício. *Trabalho, cultura e vida na crise do capitalismo global*. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 2013. [no prelo]

ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lucia. Informação, poder e política: a partir do sul, para além do sul. In: MACIEL, Maria Lucia; ALBAGLI, Sarita. *Informação, conhecimento e poder: mudança tecnológica e inovação social*. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2011. p. 9-39.

ALBAGLI, Sarita. Novos espaços de regulação na era da informação. In: LASTRES, Helena; ALBAGLI, Sarita. *Informação e globalização na era do conhecimento*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

ARRIGHI, Giovanni; SILVER, Beverly J. Capitalism and world (dis)order. *Review of International Studies*, v. 27, p. 257-279, 2001.

ARISTOTELES. *Política* [Politeia]. Tradução de Antônio C. Amaral e Carlos C. Gomes. Lisboa: Vega, 1998.

ASHTON, Hugh. The changing role of the data center. *Bloomberg*. Disponível em:
<<http://www.bloomberg.com/native/article/?mvi=e7efe8c82e1f49b9b3598091fb2aad3#!/>>. Acesso em: 19 jan. 2015.

BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. Tradução de Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

BASELINE MAG. *Largest tech companies 2014*. Disponível em:
<<http://www.baselinemag.com/intelligence/slideshows/the-ten-biggest-tech->

companies-in-the-world>. Acesso em: 21 fev. 2015.

BATISTA, Gilda Helena Rocha. Redes de conceitos. *Perspectivas da Ciência da Informação*, v. 9, n.1, p. 6-17, jan./jun. 2004.

BELKIN, Nicholas; J., ROBERTSON, Stephen E. Information Science and the phenomena of information. *JASIS*, v. 27, n. 4, p.197-204, July/Aug., 1976.

BELL, Daniel. *The coming of post-industrial society: a venture in social forecasting*. New York: Basic Books, c1973.

BELL, Daniel. *The cultural contradictions of capitalism*. New York: Basic Books, 1976.

BELL, Daniel. *The end of ideology: on the exhaustion of political ideas in the fifties* [1960].Cambridge: Harvard University Press, 2000.

BENNET, Drake. Information Theory: Intellectual Foudation for the Digital Age, *Business Week*, Dec. 4, 2014. Disponível em: <<http://www.bloomberg.com/bw/articles/2014-12-04/information-theory-intellectual-foundation-for-the-digital-age>>. Acesso em: 5 dez. 2014.

BLOOMBERG. Advertising. Disponível em: <http://www.bloomberg.com/solutions/bloomberg_news/>. Acesso em: 10 nov. 2014.

BLOOMBERG. Bitcoin now on Bloomberg. April 30, 2014. Disponível em: <<http://www.bloomberg.com/company/2014-04-30/bitcoin-now-bloomberg/>>. Acesso em: 5 maio 2014.

BLOOMBERG.COM. Solutions. Disponível em: <<http://www.bloomberg.com/professional/products-solutions/>> Acesso em: 10 out. 2011.

BLOOMBERG. Mystery trader armed with algorithms rewrites flash crash story. Disponível em: <<http://www.bloomberg.com/news/articles/2015-04-22/mystery-trader-armed-with-algorithms-rewrites-flash-crash-story>>. Acesso em: 21 abr. 2015.

BLOOMBERG. Threats to financial markets lurk in dark pools June 20, 2013. Disponível em: <<http://www.bloomberg.com/news/2013-06-20/threats-to-financial-markets-lurk-in-dark-pools.html>>. Acesso em: 5 out. 2013.

BLOOMBERG. Timeline. Disponível em: <<http://www.about.bloomberg.com/newstimeline/>>. Acesso em: 31 ago. 2011.

BLOOMBERG BUSINESS WEEK. Company Overview. Board Members. Disponível em: <<http://investing.businessweek.com/research/stocks/private/board.asp?privcapId=160210>>. Acesso em: 13/21 nov. 2013.

BORGATTI, Stephen P. et al. Network analysis in the social sciences. *Science*,

p. 323; 892, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

BOUTANG, Yann Moulier. Com a cabeça nas nuvens da crise dos Subprimes. Tradução de Caia Fittipaldi. *Multitudes*, n. 34, p. 9-17. 2009. Disponível em: <http://www.cairn.info/load_pdf.php?ID_ARTICLE=MULT_034_0009>. Acesso em: 17 mai. 2012.

BOUTANG, Yann Moulier. Wikipolítica e economia das abelhas. Informação, poder e política em uma sociedade digital. In: MACIEL, Maria Lucia; ALBAGLI, Sarita. *Informação, conhecimento e poder; mudança tecnológica e inovação social*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011. p.67-102.

BOYD-BARRETT, Oliver. News agencies majors: ownership, control and influence reevaluated. *Journal of Global Mass Communication*, v.1, n.1/2, p.57-70. Winter/Spring, 2008.

BOYD-BARRETT, Oliver; RANTANEN, Terhi. *The globaliation of news*. Londres: Sage Publications, 1998.

BRAMAN, Sandra. Defining information: an approach to policy makers. *Telecommunications Policy*. London: Butterwoth & Co, 1989.

BRAMAN, Sandra. *Change of state: information, policy and power*. Cambridge: The MIT Press, 2009a.

BRAMAN, Sandra. A economia representacional e o regime global da política de informação. In: MACIEL, Maria Lucia; ALBAGLI, Sarita. *Informação, conhecimento e poder: mudança tecnológica e inovação social*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011a. p.41-66.

BRAMAN, Sandra. Defining information policy. *Journal of Information Policy*, v. 1, pp. 1-5. 2011b.

BRAMAN, Sandra. Information and politics: paradigmatic changes in the contemporary research field. Disciplina “Seminários interdisciplinares em Informação e Conhecimento” (manuscrito) – 1/2009 PPGCI (IBICT-UFRJ). In: SEMINÁRIO DE PESQUISA “POLÍTICA E REGIME DE INFORMAÇÃO: ABORDAGENS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS”/3., 2009, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IBICT-UFRJ-ICICT/Fiocruz, 2009c.

BRAMAN, Sandra. Information policy and Information Regime: Critical Review of Analytical Frameworks and Concepts. Disciplina “Seminários interdisciplinares em Informação e Conhecimento” (manuscrito) – 1/2009 PPGCI (IBICT-UFRJ). In: SEMINÁRIO DE PESQUISA “POLÍTICA E REGIME DE INFORMAÇÃO: ABORDAGENS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS”/3., 2009, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IBICT-UFRJ-ICICT/Fiocruz, 2009b.

BRANDÃO, Joynto Lins. *A poética do hipocentáuro: literatura, sociedade e discurso ficcional em Luciano de Somósota*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

BRASIL. Tribunal de Contas da União. *Referencial básico de governança*. Brasília: TCU, 2013.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet*. Tradução de Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

BUSH, Vannevar. As we may think. *The Atlantic Magazine*. 1945. Disponível em: <<http://www.theatlantic.com/magazine/archive/1945/07/as-we-may-think/303881/July>>. Acesso em: 10 mar. 2013.

CABRAL, Ana Maria Resende. A Ciência da Informação, a cultura e a sociedade informacional. In: REIS, Alcenir Soares; CABRAL, Ana Maria Rezende (Org.). *Informação cultura e sociedade: interlocuções e perspectivas*. Belo Horizonte: Novatus Editora, 2007. p.29-48.

CAETANO, Marco Antonio Leonel. *A revolução do pensamento com o Santa Fé Institute*. Disponível em: <<http://www.jornalggn.com.br/noticia/a-revolucao-do-pensamento-com-o-santa-fe-institute-por-marco-antonio-caetano>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

CAREY, James. *Communication as culture: essays on media and society*. Londres: Routledge, 1986.

CARROLL, William K. Transnationalists and national networkers in the global corporate elite. *Global Networks*, [s.l.] Blackwell Publishing Ltd & Global Networks Partnership v.9, n.3, p. 289-314. 2009.

CARROLL, William K.; SAPINSKI, J.P. Corporate elites and intercorporate networks. In: SCOTT, John; CARRINGTON, Peter J. (Ed.), *The SAGE handbook of social network analysis*. London: SAGE Publication, 2011. p.180-195.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. *Communication power*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

CASTELLS, Manuel. The information age: economy society and culture: *The rise of the network society v.1, 2.ed.* Oxford: Blackwell, 2000a.

CASTELLS, Manuel. The Information city, the New Economy, and the network society. In: WEBSTER, Frank; BLOM, Raimo; KARVONEN, Erkki; MELIN, Harri; NORDENSTRENG, Kaarle; PUOSKARI, Ensio (Ed.). *The information society reader*. London: Routledge, 2004. p. 150-164.

CAVALCANTE, Hugo; ORIÁ, Marcos; SORNETTE, Diddier; OTT, Edward; GAUTIER, Daniel. Predictability and suppression of extreme events in a chaotic system. *Physical Review Letters*, v. 111, n.19, id. 198701, APS 11/2013.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Tradução de Ângela S. M. Corrêa. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

COCCO, Giuseppe. A crise do capitalismo cognitivo: a luta dentro do novo paradigma. Revisitando o debate sobre inovação. In: MACIEL, Maria Lucia; ALBAGLI, Sarita. *Informação, conhecimento e poder; mudança tecnológica e inovação social*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

COCCO, Giuseppe A Nova Qualidade do trabalho na Era da Informação. In: LASTRES, Helena M. M.; ALBAGLI, Sarita (Org.). *Informação e globalização na era do conhecimento*. Rio de Janeiro: Campus, 1999. p. 262-289.

COCCO, Giuseppe. *Trabalho e cidadania: produção e direitos na crise do capitalismo global*. 3. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

COCCO, Giuseppe; ANTOUN, Henrique. *Cultura natureza e informação* (disciplina). Rio de Janeiro: UFRJ-IBICT, 2013.

COLFORD, Paul. A leap forward in quarterly earnings stories, [s.l.] Associated Press, Jun.e 2014. Disponível em: <<http://blog.ap.org/2014/06/30/a-leap-forward-in-quarterly-earnings-stories/>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. *Conversações: 1972-1990*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. 219-226.

DOMENICI, Thiago. A nova batalha pelo controle da internet. In: RETRATO do Brasil. Disponível em: <<http://outraspalavras.net/destaques/a-nova-batalha-pelo-controle-da-internet/>>. Acesso em: 26 jun. 2014.

DOMENICI, Thiago. O que faz a Ican? In: RETRATO do Brasil. Disponível em: <<http://outraspalavras.net/uncategorized/o-que-faz-a-icann/>>. Acesso em: 26 jun. 2014.

DOMINGUES, Ivan. Complexidade e pluralismo metodológico. In: CARDOSO JR, José Celso; SIQUEIRA, Carlos Henrique Romão (Org.). *Complexidade e Desenvolvimento: diálogos para o desenvolvimento*. Brasília: Rio Janeiro: IPEA, 2011. v.3.

DOMINGUES, Ivan. Paradigmas e Modelos nas Ciências Humanas. In: EPISTEMOLOGIA DAS CIÊNCIAS HUMANAS. São Paulo: Edições Loyola, 2004. v.1

DOREIAN, Patrick. Review Article. In: NOOY, W.; A. MRVAR, A.; BATAGELJ, V.. *Exploratory Social Network Analysis with Pajek 5*. New York: Cambridge University Press, 2005.

DOUGHERTY, Carter. Is it real money if it doesn't come from the mint? Oct. 3, 2013. *Bloombergview*. Disponível em: <<http://www.bloombergview.com/quicktake/bitcoins>>. Acesso em: 5 jan. 2015.

DOW JONES. Bureaus. Disponível em: <<http://www.dowjones.com/bureaus.asp>>. Acesso em: 4 mar. 2015.

DOW JONES. Company history. Disponível em: <<http://www.dowjones.com/history.asp>>. Acesso em: 8 dez. 2013.

DOWNES, John; GOODMAN, Jordan Elliott. *Dicionário de termos financeiros e de investimento* tradução de Ana Rocha Tradutores Associados. São Paulo: Nobel, 1993.

DRUCKER, Peter Ferdinand. *The age of discontinuity: guidelines to our changing society*. New York: Harper & Roll, 1969.

EKBERG, Merryn. The parameters of the risk society: a review and exploration. *Current Sociology*, v. 55, 3, p. 343-366. 2007.

ELLIOTT, Tim. The datification of our daily life. *Forbes*, 2013. Disponível em: <<http://www.forbes.com/sites/samanthaettus/2014/11/17/morning-routines/>>. Acesso em: 24 nov. 2013.

ESPIRIDIANO, Maria Cleidejane. Invisible giants. In: *BROADCAST Journalism: news agencies and the global news ecosystem*. São Paulo: SBPJor, 2011.

EVENSEN, Bruce J. Dow, Charles Henry (verbete). *American National Biography Online*. Disponível em: <<http://www.anb.org/articles/16/16-03537.html>>. Acesso em: 5 maio 2014.

FIORI, José Luis. Globalização econômica e descentralização política: um primeiro balanço. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 295-311, 1994.

FOLEY, Peter. Foto 2013. Disponível em: <<http://www.washingtonpost.com/blogs/wonkblog/wp/2013/05/13/heres-what-the-bloomberg-data-scandal-reveals-about-how-the-media-really-makes-money/>>. Acesso em: 22 jul. 2014.

FORBES. Largest data centers. Disponível em: <<http://www.forbes.com/pictures/eimh45mddm/switchnap/>>. Acesso em: 10 ago. 2014

FOUCAULT, Michael. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guillon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, território e população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2005. p.135-143.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual de normalização de publicações técnico-científicas*. 9. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

FROHMANN, Bernd. *The social and discursive construction of new information technologies*. 2010-2013. Faculty of Information & Media Studies at the University of Western Ontario. Disponível em: <<http://www.fims.uwo.ca/people/faculty/frohmnn/documents/social%20and%20discursive%20construction.pdf>>. Acesso em: 6 jul. 2013.

FT (2014). Disponível em:< <http://www.ft.com/intl/cms/s/0/3ce1c402-f0ea-11e3-9e26-00144feabdc0.html?siteedition=intl#axzz3ODh43VF5>> Acesso em: 11 jun. 2014

FUNDING UNIVERSE. International directory of company histories, [s.l.] St. James Press, 2002. v.47. Disponível em: <<http://www.fundinguniverse.com/company-histories/dow-jones-company-inc-history/>>. Acesso em: 26 ago. 2014.

FURTADO, André. Impacto da atual fase do capitalismo sobre os países em desenvolvimento. In: LIMA, Marcos Costa (Org.). *Dinâmica do capitalismo pós-guerra fria: cultura tecnológica, espaço e desenvolvimento*. São Paulo: Editora UNESP, 2008. p.157-209.

GILL, Rosalind. Análise do discurso. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Ed.). *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som; um manual prático*. Tradução de Pedrinho Guarechi. Petrópolis: Vozes, 2002.

GILL, S. *American hegemony and the trilateral commission*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

GONÇALVES, Elias Machado. *La estructura de la noticia en las redes digitales - Un estudio de las consecuencias de las metamorfosis tecnológicas en el periodismo*, 2000. 521 f. Tese (Doctorado en periodismo y ciencias de la comunicación). Facultad de Ciencias de la Comunicación, Universidad Autónoma de Barcelona, Barcelona.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. Regime de informação: construção de um conceito. *Informação & Sociedade*, João Pessoa, v. 22, n. 3, p. 43-60, set./dez. 2012.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. Metodologia de pesquisa no campo da Ciência da Informação. *DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação*, v.1, 6 dez 2000.

GRANOVETTER, Mark. Coase revisited: business groups in modern economy. *Industrial and Corporate Change*, v. 4, n. 1, 1995.

GRANOVETTER, Mark. The strength of weak Ties: A Network Theory Revisited. *Social Theory*, v.1, pp. 201-233, 1983.

GUIBERT, Bernard; LAGANIER, Jean; VOLLE, Michel. An essay on industrial

classifications. *Économie et Statistique*, n. 20, Feb. 1971. Disponível em: <<http://www.volle.com/english/articles/classifications.htm>>. Acesso em: 3 nov. 2014.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Multitude: war and democracy in the age of empire*. New York: Penguin Press, 2004.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

HASS, Peter M. Epistemic communities and international policy coordination. *Knowledge and International Policy Coordination*. International Organization, v. 46, n. 1. Winter, 1992, p.1-35. The MIT Press. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2706951>>. Acesso em: 16 jun. 2014.

HOBBSBAWM, Eric. *The age of extremes 1914-1991*. London: Abacus, 1995.

HOLLER, Carissa M.. Revisiting Bloomberg's global product certification program online: new courses, old issues. *Journal of Business & Finance Librarianship*, v. 13, n. 4, 2008.

ICANN. *Beginners guide to participating in ICANN*. Disponível em: <<https://www.icann.org/resources/pages/groups-2012-02-06-en>> Acesso em: 20 fev. 2015.

ITU. *Committed to connecting the world*. Disponível em: <<http://www.itu.int/en/Pages/default.aspx>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

ITU. *Post connect americas summit report: Broadband overview in the americas 2014a*. Disponível em: <<https://www.itu.int/en/ITU-D/Conferences/connect/Documents/Post%20Connect%20Americas%20Summit%20Report%20%28English%29.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

ITU. *Question 7-3/1. Implementation of universal access to broadband services. 5 th Study Period 2010-2014 Telecommunication Development Sector*. 2014b. p. 11. Disponível em: <http://www.itu.int/dms_pub/itu-d/opb/stg/D-STG-SG01.07.3-2014-PDF-E.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2015.

ITU. Broadcast Services Division. *Mapa 1999*. Disponível em: <<http://www.itu.int/ITU-R/terrestrial/broadcast/hf/refdata/maps/>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

ITU. Interactive Transmission. *Mapa 2014*. Disponível em: <<http://www.itu.int/itu-d/tnd-map-public/>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

ITU. World Summit on Information Society – WSIS+10. Disponível em: <<http://www.itu.int/wsis/documents/HLE.html>>. Acesso em: 20 dez. 2014.

JOPSON, Barney. Amazon 'robo pricing' sparks fears July 8, 2012 Financial Times, 2012. Disponível em: <<http://www.ft.com/intl/cms/s/0/26c5bb7a-c12f-11e1-8179-00144feabdc0.html#axzz203dbxuzg>>. Acesso em: 8 jul. 2012.

JOURNAL OF INDEXES. Signal From Noise. 2011. Disponível em: <<http://www.etf.com/publications/journalofindexes/joi-articles/8838-signal-from-noise.html>>. Acesso em: 21 fev. 2015.

KAHN, Jeremy; FORTADO, Lindsay. Quants on the left bank: how Paris-based physicists used algorithms to get big returns. *Bloomberg.com* Disponível em: <<http://www.bloomberg.com/news/articles/2015-01-06/the-quants-on-the-left-bank-how-paris-based-physicists-used-algorithms-to-get-big-returns>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

KAY, John. Kipling's game theory lessons for Greece. *The Financial Times*. Disponível em: <<http://www.ft.com/intl/cms/s/0/94623760-b7af-11e0-8523-00144feabdc0.html#axzz1TG4U9vng>>. Acesso em: 27 jul. 2011.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas* [1962]. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 2007.

LAZEGA, Emmanuel. *Redes sociais e estruturas relacionais*. Belo Horizonte: Editora Fino Traço, 2014.

LAZZARATO, Maurizio. *As revoluções do capitalismo* [2004]. Tradução de Leonora Corsini. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEE, Micky. Information and finance capital. *Information, Communication and Society*, v. 16, n. 7, pp.1139-1156, 2013.

LEE, Micky. On becoming an exchange: translating Michel Callon into a political economy of communication. *Triple C: Communication, Capitalism & Critique*, v. 12, n. 2, 2014. Disponível em: <<http://www.triple-c.at/index.php/tripleC/article/view/588/665>>. Acesso em: 20 dez. 2014.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia* [1950]. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

LEWIS, Michael. *Flash boys: a Wall Street revolt*. New York: W. W. Norton & Company, 2014.

LO, Andrew W.; HASANHODZIC, Jasmina. *The evolution of technical analysis: financial prediction from babylonian tablets to Bloomberg terminals*. Hoboken: Wiley, 2010.

LORDON, Frederic. Politique de la valeur financiere: les "stress tests" bancaire etre etre indetermination et coup de force. *Politix*, v. 23, n. 89, 2010.

MAQUIAVEL, Nicolau. *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MAGNANI, Maria C. B.; PINHEIRO, Marta M. K. "Regime" e "Informação": a

aproximação de dois conceitos e suas aplicações na Ciência da Informação. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, set. 2011, p. 593 – 610.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. *A Internet e a rua: cibertativismo e mobilizações nas redes sociais*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013.

MARRIAGE, Madson. Google study heightens fund industry fears. *Forbes*, 28 Sept. 2014. Disponível em: <<http://www.ft.com/cms/s/0/7ce1d560-457c-11e4-9b71-00144feabdc0.html>>. Acesso em: 30 set. 2014.

MCCOMBS, Maxwell; SHAW, Donald. The agenda-setting function of mass media. *The Public Opinion Quarterly*, v. 36, n. 2, p. 176-187, summer 1972.

MCCOMBS, Maxwell. A look at agenda-setting: past, present and future. *Journalism Studies*, v. 6, n.4, p. 543-577, 2005.

MACHLUP, Fritz. *The production and distribution of knowledge in the United States*, fourth printing 1971. Princeton: Princeton University Press, 1962.

MCQUEEN, Grant; ROLEY, Vance. Stock prices, news, and business conditions. *The Review of Financial Studies*, v. 6, n.3, p. 683-707, 1993.

MARAZZI, Christian. *Capital and language: from the new economy to the war economy* (translation by Gregory Conti). Los Angeles: Semiotext(e), 2008.

MARAZZI, Christian. *O lugar das meias: a virada linguística da economia e seus efeitos sobre a política* [1996]. Tradução de Paulo Domenech Oneto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

MEZZADRA, Sandro. O que é operaísmo italiano. Verbete Italy, operaism pos-operaism. Tradução de UniNômade Brasil. Publicado na *International Encyclopedia of Revolution and Protest*. Oxford: Blackwell, 2009.

MIZRUCHI, Mark S. What do interlocks do? An analysis, critique, and assessment of research on interlocking directorates. *Annual Review of Sociology*, v. 22, p. 271-298, 1996.

MOODY, John. *The thruth about the trusts: a description and analysis of the american trust movement*. Chicago: Moody Publishing Company, 1904. Disponível em: <<http://archive.org/search.php?query=the%20truth%20about%20the%20trusts%20moody>>. Acesso em: 4 maio 2014.

MOURA, Maria Betânia. *Os nós da Teia: desatando estratégias de faticidade jornalística*. São Paulo: Anna Blume, 2006.

NAPOLI, Lisa. Bloomberg, a man and his information machine. *New York Times*, 1997.

NASSIF, Luis. A revolução nos sistemas de pagamento digitais. *GGN*. Disponível em: <<http://jornalggn.com.br/noticia/a-revolucao-nos-sistemas-de-pagamento-digitais>>. Acesso em: 30 set. 2015.

NEGRI, Antonio. *Cinco lições sobre Império*. Tradução de Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NEGRI, Antonio. *La anomalia salvaje*: ensaio sobre poder y potencia em B. Spinoza. Barcelona: Anthropos, 1993. p. 357-366.

NEVEU, Erik. *Bourdieu, the Frankfurt School, and cultural studies*: on some misunderstandings. In: BENSON, Rodney; NEVEU, Erik. (Edt.). *Bourdieu and the journalistic field*. Cambridge: Polity Press, 2005.

NOBLE, Josh. MSCI leaves chinese stocks out of indices. *Financial Times*. Disponível em: <<http://www.ft.com/intl/cms/s/0/3ce1c402-f0ea-11e3-9e26-00144feabdc0.html?siteedition=intl#axzz3ODh43VF5>>. Acesso em: 11 jun. 2014.

NYSE. Verbete. *Wikipedia*. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/NYSE_MKT#cite_note-7>. Acesso em: 16 dez. 2014.

ORLÉAN, André. *L'Empire de la valeur*: refonder l'économie. Paris: Éditions du Seuil, 2011.

PALMER, Michael; BOYD-BARRETT, Oliver; RANTANEN, Tieri. Global financial news. In: BOYD-BARRETT, Oliver; RANTANEN, Terhi. *The globaliation of news*. Londres: Sage Publications, 1998. p. 61-78.

PALMISANO, Samuel J. Client data policies and practices of Bloomberg L.P.. *Hogan Lovells/Promontory Report*. August 20, 2013. Disponível em: <<http://www.bloomberg.com/reviews/content/uploads/sites/8/2013/08/hogan-lovells-promontory-report.pdf>>. Acesso em: 5 set. 2013.

PASQUINELLI, Matteo. A ascensão acadêmica do pensamento crítico. Tradução de Moisés Sbardelotto. *Uninomade*. Disponível em: <<http://www.uninomade.org/italian-theory-br/>>. Acesso em: 22 dez 2014.

PASQUINELLI, Matteo. "Capitalismo maquínico e mais-valia de rede: notas sobre a economia política de Turing". *Uninomad*, n.17. Nov. 2011. Disponível em: <<http://uninomad.org/capitalismo-macchinico/>>. Acesso em: 16 maio 2013.

PESTRE, Dominique. Por uma nova história social e cultural das ciências: novas definições, novos objetos, novas abordagens. Tradução de Silvia F. de M. Figuerôa. *Annales ESC*, v. 50, n.3, maio/jun 1995.

PITKIN, Hanna Fenichel. *Representação: palavras, instituições e idéias*. Tradução de Wagner Pralon Mancuso e Pablo Ortellado. São Paulo: Lua Nova 67, 2006. p. 15-47.

PHILIPS, Matthew. High-frequency trading's rise and rise. *Business Week*. Dec. 4, 2014. Disponível em: <<http://www.businessweek.com/articles/2014-12-04/high-frequency-tradings-rise-and-rise>>. Acesso em: 4 dez. 2014.

PORAT, Mark U. *The information economy*: definition and measurement. U.S.

Department of Commerce, Office of Telecommunications. Washington D.C., U.S.: Government Printing Office, 1977.

PRIVAROVA, Magdalena. Michel Aglietta and his view of monetary theory. Narodna Banka Slovenska. *BIATEC*, v. xiii, p.24-27, sep. 2005.

READ, Donald. *The power of news: the history of Reuters*. Oxford: Oxford University Press, 1992. Disponível em: <http://www.nbs.sk/_img/Documents/BIATEC/BIA09_05/24_27.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2015.

ROBINSON, W. I. *A theory of global capitalism*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2004.

RONFELDT, David; ARQUILLA, John. What next for networks and netwars? In: ARQUILLA, John; RONFELDT, David. *Networks and netwars: the future of terror, crime and militancy*. Santa Monica: RAND, 2001. p. 311-361. Disponível em: <<http://www.rand.org/publications/MR/MR1382/>>. Acesso em: 9 jul. 2014.

SADER, Emir. Tecnocracia e ideologia. Disponível em: <<http://www.cartamaior.com.br/?/Blog/Blog-do-Emir/e-a-midia-Dilma-e-a-midia/2/31460>>. Acesso em: 28 jul. 2014.

SALDANHA, Gustavo. Tradições epistemológicas nos estudos de organização dos saberes: uma leitura histórico-epistêmica a partir da filosofia da linguagem. *Liinc em Revista*, v.6, n.2, set. 2010, p. 300- 315. Disponível em: <http://www.ibict.br/liinc>>. Acesso em: 19 ago. 2013.

SALDANHA, Gustavo Silva. *Uma filosofia da Ciência da Informação: organização dos saberes, linguagem e transgramáticas*. Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Nélida González de Gómez. Rio de Janeiro, 2012. 438 f.:il. Tese (Dout. em Ciência da Informação)-IBICT/UFRJ/FACC. Disponível em: <<http://tede-dep.ibict.br/handle/tde/113>>.

SCOTT, John. Networks of corporate power: a comparative assessment. *Annual Review of Sociology*, v.17, p. 181-203. 1991.

SEIXAS, Lia. *Redefinido os gêneros jornalísticos: proposta de novos critérios de classificação*. Covillã: Labcom, 2009.

SILVA, Neusa C.; SÁ, Nysia O.; FURTADO, Sandra R. S. Bibliotecas digitais: do conceito às práticas In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECAS DIGITAIS, 2. Campinas, 2004.

SILVA JUNIOR, José Afonso da. *Uma trajetória em redes: modelos e características operacionais das agências de notícias, das origens às redes digitais, com três estudos de caso*. 2006. 408p. Tese (Doutorado em Comunicação) — Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

SOUZA, Jorge Pedro. *Uma breve história do jornalismo no ocidente*. Biblioteca

On-line de Ciências da Comunicação, 2008. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

TARAPANOFF, Kira. Informação, conhecimento e inteligência em corporações: relações e complementaridade. In: TARAPANOFF, Kira (Org.). *Inteligência, informação e conhecimento*. Brasília: UNESCO/IBICT, 2006. p. 19-36.

THOMPSON, Peter A. Invested interests? Reflexivity, representation and reporting in financial markets. *Journalism*, v.14, n. 20, p. 208–227, 2013.

THOMPSON, Peter, A. Market manipulation? Applying the propaganda model in financial media reporting. *Communication and Culture* v.6, n. 2, p. 73-96, 2009.

THOMPSON, Peter A. *Worlds apart?* The political economy of communication, information and institutional investor media usage in global financial markets. PhD thesis, RMIT University, Melbourne, 2010 Disponível em: <<http://researchbank.rmit.edu.au/eserv/rmit:10303/Thompson.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2015.

THOMSON REUTERS. *Annual Report* 2013. March 2014. Disponível em: <<http://ar.thomsonreuters.com/downloads.html>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

THOMSON REUTERS. Comunidades Editoriais. Disponível em: <<http://thomsonreuters.com/news-services/regional-news-services/>>. Acesso em: 27 jul. 2014.

THOMSON REUTERS ONE. Disponível em: <<http://thomsonreuters.com/thomson-one-research-analyst->>. Acesso em: 20 fev. 2015.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo*. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005.

TRBC. Business Classification. Disponível em: <<http://thomsonreuters.com/business-classification/>>. Acesso em: 21 fev. 2015.

TUCHMAN, Gaye. *Making news: a study in the construction of reality*. New York: The Free Press, 1978.

TUNSTALL, Jeremy. *The media are American*. New York: Columbia University Press, 1977.

UNESCO. *Many voices one world: Toward a new more just and more efficient world information and communication order*. London: UNESCO, 1980.

UNESCO. *News agencies: their structure and operation*. Paris: UNESCO, 1953.

UNESCO. *Report of the workshop on the news agencies in the era of the internet* (Prepared by Prof. Oliver Boyd-Barrett). Paris: UNESCO, 2001.

UNIÃO EUROPÉIA – UE. *Report of the High-Level Group on Media Freedom and Pluralism: a free and pluralistic media to sustain European democracy*.

Bruxelas: 2013.

VALENTIM, Mara Lúcia Pomim (Org.). *Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação*. São Paulo: Editora Polis, 2005.

VAZ, Paulo. Agentes na rede. *Lugar Comum* (UFRJ), Rio de Janeiro, v. 1, n.7, p. 114-132, 1999.

VERCELLONE, Carlo. The hypothesis of cognitive capitalism. London: *Birkbeck College and SOAS*, <halshs-00273641> United Kingdom, 2005. Disponível em: <<https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00273641>>. Acesso em: 29 dez. 2014.

WALLERSTEIN, Immanuel. *The capitalist world-economy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

WALLERSTEIN, Immanuel. *The modern world-system III: the second era of great expansion of the capitalist world-economy 1730-1840s* (Studies in social discontinuity). New York: Academic Press, 1989.

WALLERSTEIN, Immanuel. World-system analysis. *Encyclopedia of Life Support Systems* (EOLSS). UNESCO, 2004.

WALLERSTEIN, Immanuel. Land, space, and people: constraints of the capitalist world-economy. *American Sociological Association*, v.1, n.1, p. 6-14, 2012.

YIN, Robert K. *Case study research: design and methods*. v. 5. London: Sage, 1989. v.5

APÊNDICE

APÊNDICE A — Quadro 9 — Análise comparativa da oferta de "soluções" por Agências (2013-2014)					
Soluções		Classificação	Bloomberg (Bloomberg L.P.)	Dow Jones (News Corporation)	Reuters (Thomson Reuters Corp.)
		Forbes	Business Services and Supplies	Broadcasting and Cable	Printing and Publishing
Tipo	Tecnologias	Businessweek (GIC)	Mídia	Mídia	Mídia
I N F R A E S T R U T U R A	Banco de Dados e Biblioteca Digital		Encontre a informação que é relevante para você, disponibilizada em seu monitor . E se você precisa de pesquisas, o serviço Bloomberg Professional® mantém um arquivo de mais de 15 milhões de notícias e reportagens multimídia; Mais de 26.000 fontes da web e 3.000 blogs, usando nossas ferramentas de monitoramento de pesquisa; e mergulhar nos arquivos da Bloomberg com mais de 400.000 entrevistas e acontecimentos. Nosso arquivo fotográfico permite o acesso a mais de 290.000 imagens.	Mantenha-se atualizado com as notícias financeiras e de negócios mundiais 24/7 (24 horas por dia e sete dias por semana) incluindo cobertura abrangente de tecnologia, cultura e estilos de vida (<i>WSJ</i>).	Dados da Indústria e Empresas: Estimativas, Fundamentos, Negócios (M & A, IPO, PE), Regulamentos e Sanções, StreetEvents, Pesquisa de Corretagem, Pessoas Jurídicas, Ambiental, Governança Social, Gerentes e Diretores, Propriedade, Empresas, Ações, Economia. Dados de Mercado e Liquidez: Ações, Commodities e Energia, Moeda estrangeira, Futuros e Opções, Derivativos, Notícias de Sentimento (<i>Sentiment</i>), Renda Fixa, Instrumentos do Mercado Monetário, Empréstimos, Financiamentos, Índices. Notícias e comentários: Reuters News, Reuters Insider, Reuters Investiga, Reuters Breakingviews, Reuters Cúpulas, Reuters Pesquisas, Inteligência de Regulamentação e Acontecimentos Significativos.
	Transação		A empresa oferece o Bloomberg Professional®, que fornece dados, análises, notícias, comunicações, gráficos e plataformas de execução , com suporte ao cliente, profissionais da área financeira; e o Bloomberg Tradebok que oferece soluções de negociação para as ações, futuros, opções e câmbio; A grade de programação da Bloomberg é desenhada com o seu dia de negócios em mente. Nós lhe fornecemos ambos, sua necessidades anteriores e posteriores ao negócio com sistemas de gerenciamento inovadores de primeira classe. E nossa solução para trading institucional lhe fornece uma execução front-to-back (frente e fundo) completa; Receba tecnologias recentemente testadas e aprovadas que lhe permitem integrar, distribuir e gerenciar dados e informações através da organização com eficiência e efetividade;	Obs.: Não atua no segmento	Instrumentos de mercado: Thomson Reuters Eikon para FX e profissionais de Money; Thomson Reuters Deal Tracker (rastreador de negócios): oferece um conjunto de ferramentas para monitorar e negociar negócios de câmbio (FX) da porta para dentro e da porta para fora. Ele permite que você assumir o controle de seus negócios de conversação , confirmação de notas de corretagem e notificações pós-operação, antes, durante e depois da negociação - assim você pode criar um ciclo contínuo de melhorias. Thomson Reuters Dealing: líder em negociações peer-to-peer de conversação do mundo de investimentos. Sua poderosa funcionalidade permite que você entre em contato com suas contrapartes de forma rápida e eficiente, através de uma rede altamente segura e confiável . Thomson Reuters Forward Matching: um aplicativo de correspondência eletrônica anônima para o mercado de swap cambial que oferece preços executáveis em tempo real para 36 pares de moedas e prazos que variam de um dia a um ano. Publicadores podem publicar notificações de negócios para Receptores da rede global Thomson Reuters Trade Notification. Thomson Reuters fornece uma plataforma independente neutra , entrega garantida e suporte global ao cliente; Nossos clientes têm acesso a um leque único de conteúdos que os ajuda a encontrar novas ideias, estratégias e mercados . Serviço de Mensagens Instantâneas . Ferramentas que ajudam a nossos clientes identificar estratégias de lucro (alpha-generating) e insights mais rápidos e mais acurados .
	Telecomunicação		Como usuário dos Terminals Bloomberg, você tem acesso a uma abrangente plataforma de multimídia . Velocidade e transparência são ferramentas ponderosas à sua disposição, e como usuário do Terminal você pode cavar um tesouro de informações ; Além do valor único representado pela Bloomberg News, a Bloomberg Multimedia® lhe permite assistir emissões ao vivo e seminários interativos . Dezenas de palestras ao vivo – incluindo eventos do Federal Reserve (Banco Central) e reuniões da maioria das empresas do S&P 500 – são vinculados diariamente. Veja e ouça as notícias assim que elas acontecem, não importa que parte do mundo você esteja .	Obs.: Não atua no segmento	Conectamos os clientes a conteúdo poderoso , a maior comunidade de parceiro de trocas (couterparty), novas plataformas e grupos de liquidez (liquidity pools). Thomson Reuters Messenger: projetado para profissionais da área financeira , com o desempenho e segurança em mente. Thomson Reuters Trade Notification: um serviço de mensagens global onde você pode se inscrever como Publicador ou como Receptor. Os Receptores podem receber eletronicamente notificações de negócios e responder afirmativamente (ou rejeitar) à fonte; Quando você é um dos maiores fornecedores internacionais de notícias e multimídia do mundo, [...] Reuters, a divisão de notícias e mídia da Thomson Reuters, precisava de um poderoso sistema de gerenciamento de conteúdo web (CMS) para apoiar a sua Jogos Olímpicos Londres 2012 website, site móvel e aplicativos para o iPad e iPhone.
I N D E X A Ç Ã O	Codificação & Taxonomias		Nosso conhecimento e experiência inigualáveis nos permite satisfazer as necessidades de arquivamento , compliance (conformação), políticas de gestão e eDiscovery® de toda nossa comunicação eletrônica em uma única solução integrada: duas décadas de arquivos e recuperação de dados através da maior plataforma de comunicação financeira do mundo – o serviço Bloomberg Professional®.	Dow Jones Indexação Inteligente ™ é a exclusiva Indústria Dow Jones, Taxonomia de Regiões e Assuntos.Dow Jones Company Taxonomia que é aplicado a todos os serviços de informação de notícias de negócios Dow Jones, em todos os formatos e em todas as línguas. Quando aplicada, esta taxonomia patenteada oferece apenas o conteúdo mais relevante, ajudando os usuários a encontrar rapidamente as respostas que procuram. Características e benefícios DJII abrange mais de 350.000 códigos de empresas, 1.000 códigos de assunto, mais de 1.000 códigos da indústria e mais de 1.000 códigos de região. O universo de códigos da empresa abrange ambas as empresas cotadas e não cotadas . Um código é criado para uma empresa cotada no dia das listas de empresas, ou antes, se a empresa está gerando notícias à frente do evento listagem. Um código é criado para uma empresa não listada quando ele começa a gerar cobertura jornalística significativa . Cada categoria principal na Indústria Dow Jones, Região e Assunto Taxonomia tem sua própria hierarquia com relações pai-filho.	A TRBC classifica a atividade principal do negócio de mais de 72 mil empresas listadas de 130 países em uma hierarquia de cinco níveis . Analistas dedicados em idioma local , utilizam arquivos da empresa, notícias Reuters e do serviço de ações corporativas da Thomson Reuters serviços a fim de atribuir e fazer a manutenção da atividade das empresas. TRBC ajuda a identificar, monitorar e analisar as empresas e indústrias em todos os mercados globais e é a ferramenta ideal para o benchmarking , a comparação entre pares e navegação.A TRBC é a base para os índices do setor da Thomson Reuters, e também está disponível para os investidores e gestores que procuram construir um sector personalizado e índices temáticos .
	Conformidade & Governança		O Bloomberg Vault oferece Governança de Informação com Arquivamento e Compliance [Conformidade] . Supervisione comunicações em tempo real contra regras pré-definidas , para reconhecer mensagens que possam necessitar revisão adicional (Per SEC 17A-4 or FINRA 3110).	Dow Jones Indexação Inteligente - Code Review . A cada dois meses, a indústria, a região e sujeito taxonômico é revisado e atualizado para refletir as mudanças em nosso conteúdo objeto e requisitos de pesquisa dos clientes. Nós identificar novos códigos da indústria, região e sujeitos úteis, remover códigos redundantes e modificar códigos atuais , sempre que necessário. Códigos e organização de empresas são atualizados diariamente com muitas mudanças. Todas as sugestões de novos códigos são bem estudadas e discutidas internamente antes de um novo código é introduzido , seguindo diretrizes estabelecidas .	Acelus Regulatory Intelligence é alimentada por uma equipe global de jornalistas da Thomson Reuters, editores e especialistas no assunto, fornecendo as informações que você precisa para interpretar a legislação e regulamentação emergentes e aplicá-lo ao contexto de sua própria indústria e organização. Thomson Reuters Acelus Regulatory Intelligence abrange mais de 500 entidades reguladoras e mais de 900 livros de regras a nível mundial. A equipe Thomson Reuters Acelus Regulatory Intelligence emite uma média de 130 alertas reguladoras diárias, juntamente com a análise de especialistas para garantir a sua organização recebe todas as informações relevantes e necessárias para tomar decisões mais informadas. Esta informação alimenta o motor de gerenciamento de mudanças de regulamentação, garantindo que você nunca perca um evento importante regulamentar e que você ação as mudanças necessárias de forma rápida e eficaz; Diretrizes de governança corporativa e regras globais estão se tornando cada vez mais onerosa, com as expectativas dos acionistas e investidores aumentando a pressão para uma maior transparência e controle . Nossas Soluções de Governança Corporativa são projetados para permitir aos nossos clientes a gerenciar as atividades de negócios trimestrais do conselho, manter-se atualizado sobre as últimas notícias de negócios e mudanças regulatórias , gerenciar múltiplas camadas de risco e otimizar iniciativas de governança e de divulgação.
	Índices		Democracia de Dados de Índices . Diferente das famílias tradicionais de índices que regulam o acesso aos dados dos índices, os dados de índices da Bloomberg estão disponíveis sem qualquer custo adicional para qualquer pessoa com acesso ao serviço Bloomberg Professional®. Licenças Off-terminals para uso em toda a organização através de conexões em toda a empresa, ou também disponíveis plataformas de terceiros . Então, se você quiser comparar as cotações para negociar uma cesta de índices de títulos de vários concessionários, ou deseja executar uma análise de atribuição de suas carteiras, você pode contar com Índices Bloomberg sendo facilmente acessíveis.	OBs.: Os serviços de Índices Dow Jones , hoje, é propriedade da McGraw-Hill . A S & P Dow Jones Índices LLC é uma subsidiária da The McGraw-Hill Companies, o maior provedor mundial de indexação de conceitos, dados e pesquisas . Proprietária de indicadores icônicos do mercado financeiro como o S & P 500® e o Dow Jones Industrial Average®, S & P Dow Jones Os Índices LLC tem mais de 115 anos de experiência construindo soluções inovadoras e transparentes que atendam as necessidades dos investidores institucionais e de varejo. Mais ativos são investidos em produtos baseados em nossos índices que qualquer outro fornecedor no mundo. Com mais de 830.000 índices cobrindo uma ampla gama de classes de ativos em todo o mundo, a S & P Dow Jones Índices LLC define a forma como os investidores medem os mercados comerciais.	Uma parada única para todas as necessidades de indexação . Thomson Reuters está singularmente posicionada para construir, calcular e distribuir índices utilizando uma quantidade inigualável de conteúdo proprietário de ativos cruzados . Se você precisar de índices para o benchmarking , para o desenvolvimento de veículos de investimento ou serviços índice personalizado , Thomson Reuters oferece uma gama de índices e soluções de índice para satisfazer suas necessidades.
A N A L Í T I C A	Análise Técnica		A Bloomberg Intelligence, é composta por mais de 100 analistas , fornece análise em profundidade, ideias e conjuntos de dados sobre as indústrias, empresas e de crédito, o governo, e fatores contenciosos que impactam a tomada de decisão . A cobertura abrange mais de 100 indústrias e 800 empresas em todo o globo .	Receba análise diária de tendências, eventos de mercado, notícias empresariais , ações, títulos, ETFs, opções e mercados emergentes (Barron's).	Dados; Índices; Modelos Quantitativos ;Preços e Avaliações; Notícias Financeiras; Cobertura Global (em tempo real e histórica); Análise de Especialistas; Índices .
	Inteligência & BI		A análise independente da Bloomberg Intelligence é apresentado através de módulos com riqueza de dados que fornecem uma visão global dos diferentes setores e seus principais constituintes. Juntamente com o poder do serviço Bloomberg Professional® , os clientes ganham profundidade inigualável e amplitude de visão em setores, indústrias e empresas em uma plataforma integrada para avaliar rapidamente métricas e tendências fundamentais.	Monitore seus rivais e ganhe informação em profundidade sobre empresas, tópicos, indústrias e pessoas desde de mais de 34.000 fontes de notícias (Factiva®). A Dow Jones explica o mundo e o mundo dos negócios . Com jornalismo renomado e tecnologia avançada, nos proporcionamos uma janela para acontecimento, esclarecemos questões, inspiramos novas formas de pensar aos leitores e clientes executivos, a compreensão que necessitam para tomar decisões fundamentadas.	Com dispositivos integrados de determinação de preços e capacidade de negociação em todas as classes de ativos, você pode desenvolver e executar decisões a partir de uma única plataforma (desktop) . Reuters Trading for Exchanges (RTEx): negócios que envolvem diversos mercados e classes de ativos - pode ser um assunto complexo, faz com que seja fácil , fornecendo uma única rota de corretagem neutra até o seu corretor.
M Í D I A	Agenda Setting		Veja flashs da indústria e do mercado pela manhã, notícias e análise dos acontecimentos durante o dia, entrevistas e perfis de empresas à noite. Ao longo de nossa programação diária você conhecerá líderes e especialistas da indústria e dos negócios. Seus pontos de vista únicos aumentam sua compreensão dos acontecimentos diários através de comentários e opiniões de dentro do mundo dos negócios ; Nós reunimos a inovação e a escala da tecnologia Bloomberg , a analítica, a produção e distribuição de notícias , para criar um completo e abrangente espectro de mídia sem paralelo. Com 2.300 profissionais de mídia em 146 bureaux em 72 países , nós produzimos uma inteligência premiada, a notícia enquanto ela acontece, de onde ela acontece .	Somos jornais, enlace de notícias, websites, apps, newsletters, revistas, banco de dados exclusivos, conferências e mais. Nosso ramo principal inclui o <i>Wall Street Journal</i> ®, o <i>DJX</i> ®, o <i>Dow Jones Newswire</i> ®, Factiva®, <i>Barron's</i> ®, <i>MarketWatch</i> ® e <i>Financial News</i> ®. Notícias institucionais da DJ Dominant – notícias exclusivas de Commodities, Títulos (Equity), Câmbio Internacional (FX) e Renda Fixa da DJX.	Construir e envolver o seu público com as últimas notícias em tempo real e de alto impacto de conteúdo multimídia global . Reuters, as notícias e mídia divisão da Thomson Reuters, é um dos maiores fornecedores internacionais de notícias e multimídia do mundo, chegando a mais de um bilhão de pessoas todos os dias. Reuters 2.600 jornalistas em quase 200 locais ao redor do globo entregar incomparável cobertura internacional e nacional de notícias com rapidez, imparcialidade e discernimento para profissionais através de desktops da Thomson Reuters, as organizações de mídia do mundo e diretamente aos consumidores através do Reuters.com; Cobertura Reuters oferece uma gama abrangente de notícias de todo o mundo, incluindo a cobertura noticiosa equilibrada e relatórios sobre política, negócios e investimentos estrangeiros, artes e cultura, esporeo, ciência e estilo de vida . Projetado com a sua localização e linguagem em mente , os nossos repórteres experientes cobrir as histórias locais mais importantes, bem como notícias internacionais com uma perspectiva regional, o que lhe permite fornecer o seu público com a cobertura adequada das questões que lhes afetam mais; Um olhar completo e oportuno da notícia e análise política . Reuters fornece-lhe com notícias políticas do dia, como acontece, atualizadas em tempo real e de todo o mundo; Fechamento de negócios e notícias de finanças, dados econômicos e importante informação corporativa; Nós oferecemos uma gama de negócios global, regional e nacional e serviços de notícias financeiras . Nossa equipe de repórteres e editores especializados [...] oferece uma vista de 360° das economias, mercados e indústrias . Reuters serviços de informação financeira são uma fonte poderosa em tempo real de notícias financeiras históricas e dados. As características incluem o acesso a citações de streaming , serviços de notícias nacionais, a investigação de corretor , fundamentos da empresa, ferramentas de gráficos e um arquivo de notícias global .
	Fatidade		A Bloomberg é uma fonte confiável e indispensável de notícias e análise para a maior e mais poderosa rede global de executivos . O conhecimento econômico específico da Bloomberg significa que iluminamos os acontecimentos que afetam sua empresa ou indústria com clara contextualização e uma análise atenta.	Nossa rede de aproximadamente 2000 jornalistas em 85 bureaux ao redor do mundo publica milhares de itens diários para todos os mercados , região e classe de ativos, incluindo notícias exclusivas e análises com impacto de mercado não encontrado em outra parte. Nos dispomos de um pacote de publicações licenciadas, bancos de dados e fontes de pesquisa para criar perfis , revelar tendências e mostrar relações entre milhões de empresas, pessoas, indústrias, negócios, risco e oportunidades em escala mundial .	Sua notícia quando você quiser, direto da fonte e feito para caber seu dia. On Demand, a qualquer momento sua notícia e em qualquer lugar - mesmo sem uma conexão com a Internet. Up To Date cobertura Esclarecedor de eventos globais que é sempre atual. Relevantes para você. Um show de notícias adaptados aos seus interesses e localização. Qualquer Duração. Escolha o comprimento do seu programa. De 5 a 30 minutos, Reuters Agora cabe sempre em sua programação. Feeds. Grandes eventos em todo o mundo, não filtrada. Assista os eventos mundiais se desdobram no tempo real . Eventos globais. A partir de protestos no Egito para discursos presidenciais em Washington DC, assistir a eventos como eles acontecem . Não filtrada. Você escolhe os eventos que você quer assistir com cobertura não filtrada . Imagens e insights de mais de 2.500 jornalistas em um programa de notícias que é exclusivo para você.

Fonte: Do autor. Textos disponíveis em: Bloomberg http://www.bloomberg.com/solutions/bloomberg_enterprise/ Acesso em: 10/11/2011; <http://www.bloombergindexes.com/> Acesso: 6/1/2014. <http://thomsonreuters.com/business-classification/http://new.dowjones.com/dj-intelligent-indexing/> <http://www.bloomberg.com/professional/news-research/intelligence/> Acesso: 6/1/2014. Dow Jones <http://new.dowjones.com/products/djx/> Acesso em 12/12/2014; <http://new.dowjones.com/about/about-us/> Acesso em: 06/06/2014; Thomson Reuters <http://thomsonreuters.com/financial/> Acesso em: 05/09/2013; Forbers <http://www.forbes.com/companies/thomson-reuters/>; <http://www.forbes.com/companies/news-corp/> <http://www.djindexes.com/>